

ANNO VIII — I e II TRIMESTRES — 1928

REVISTA

DO

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO

DO

RIO GRANDE DO SUL

PORTO



ALEGRE

BRASIL

COMISSÃO
DE
REDACÇÃO:

ADROALDO MESQUITA DA COSTA
E. F. DE SOUZA DOCCA
MANSUETO BERNARDI
EDUARDO DUARTE

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO DO RIO GRANDE DO SUL

Séde: PORTO ALEGRE

Presidente: Desembargador Florencio C. de Abreu e Silva

1.º secretario: Dr. Francisco de Leonardo Truda

Thesoureiro: Affonso Guerreiro Lima

Publica a sua Revista em fasciculos trimestraes ou semestraes, formando annualmente um volume de setecentas paginas, na média.

Condições de assignatura:

Por anno 15\$000 rs.

Por fasciculo trimestral 4\$000 rs.

Preço de collecção até 1926: 200\$000.

Para assumptos da Revista dirigir-se directamente ao Dr. Eduardo Duarte, á rua Duque de Caxias n.º 1231. Porto Alegre — Rio Grande do Sul — Brasil.

REVISTA
DO
INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO
DO
Rio Grande do Sul



PORTO ALEGRE - 1928

I e II Trimestres

ANNO VIII

COMISSÃO DE REDACÇÃO:
Adroaldo Mesquita da Costa
Mansueto Bernardi - Eduardo Duarte
E. F. de Souza Docca

PORTO ALEGRE
TYPOGRAPHIA DO CENTRO — RUA DR. FLORES 108

1928



General Manoel Theophilo Barreto Vianna

Um riograndense notavel

A morte traz-nos, não raras vezes, surpresas dolorosas e tristes. A felicidade que se desfructa termina mais cedo do que se pensa, deixando-nos mergulhados na saudade de sua recordação. Tudo é ephemero sobre a terra.

Ao sorriso que os labios esboçam succede a lagrima que sulca as faces. A suavidade da alegria gosada traz no fim o travo de uma amargura. Porque depois do dia a noite, junto á flôr o espinho, perto do valle ameno, a montanha escabrosa e ingreme? E'que a vida deve ser assim mesmo, porque a contingencia ha de sempre acompanhar o homem sobre a terra.

Todas essas considerações turbilhonaram-nos o espirito, quando, na tarde de 5 de março ultimo, a noticia de que Manoel Theophilo Barreto Vianna cessára de existir correu, célere, pela cidade, cobrindo de consternação e de pesar o Rio Grande do Sul em peso.

A perda que se acabava de registrar não era daquellas facilmente remediaveis e o inesperado desenlace que insidiosa molestia determinára mais contribuia para que muito soffressemos a dôr profunda que a todos dominava.

Sentindo decididos pendores pela carreira das armas, nella ingressou para honral-a com o brio do seu valor, a integridade de seu character e a fidelidade ao seu juramento, até o ultimo instante de sua vida.

Foi ella uma das mais brilhantes, tendo Barreto Vianna conquistado os differentes postos, graças, exclusivamente, á sua competencia, ao seu merecimento e ao cumprimento zeloso de seus deveres, em horas bem amargas e periclitantes da estabilidade da Republica.

Tendo completado a formação de seu character numa época em que a idéa republicana empolgava a sua geração, alistou-se tambem, com alma inquebrantavel e sagrado ardor patriótico, nas fileiras dos propagandistas do novo crêdo. O militar não offuscou o politico. E, se na vida militar todas as suas promoções foram a resultante de seus proprios merecimentos, na

vida politica, os altos postos que nella attingiu constituiram o justo premio de sua dedicação partidaria, norteadas sempre por sua fidelidade constante e sempre visando os supremos interesses da collectividade.

Signatario da Constituição de 14 de julho, respeitou-a sempre e na sua defesa não recusou o tributo de seu proprio sangue.

A nota característica de seu caracter foi a suprema bondade que compartilhava com gregos e troianos, sem distincção de posições ou de credos, politico e religioso.

D'ahi esse nimbo de sympathia que o aureolava e o tornava querido de todos quantos d'elle se acereavam.

Nunca o perturbou o fastigio do poder e nunca a força, em suas mãos, foi instrumento da prepotencia. A auctoridade só lhe serviu para prestigiar as instituições politicas de sua patria, manter a ordem, amparar o direito, defender a lei.

Como politico foi o terror dos desmandos; o espanto das perseguições; a segurança dos fracos e o pharol a illuminar aos seus correligionarios o recto caminho da honra, da dignidade e do dever.

Se da vida publica passarmos ao exame de sua vida privada, havemos de encontrar ainda o mesmo homem: são, léal, devotado, carinhoso.

Chefe de distincta e numerosa familia, educou-a nos fecundos e modelares ensinamentos, herdados de seus venerandos progenitores. O modelo dos maridos, dos paes, o exemplar, foi elle tambem o thesouro dos amigos. Coração creado para o bem; alma predestinada ao conforto dos que soffrem, jámais deixou de amparar o amigo no infortunio; nunca despediu um pobre sem esmola, obediente aos preceitos dessa religião bemdicta que professou sem rebugos nem disfarces, não sabendo a mão direita o que fazia a esquerda.

Politico, cidadão, militar, chefe de familia, amigo, foi sempre o mesmo homem. A uniformidade de sua conducta concretisa o sainete, a pedra de toque de seu caracter.

E foi assim, após uma brilhante trajectoria descripta no scenario politico-social do Rio Grande do Sul, que elle, após receber todos os sacramentos da Igreja Catholica, de que foi dilecto filho, expirou o ultimo alento, rodeado da familia, cercado de amigos e chorado de todos.

* * *

O general Manoel Theophilo Barreto Vianna, filho do major Antonio José Vianna e de d. Maria Assumpção Barreto Vianna, nasceu, a 5 de março de 1855, na então villa, hoje, cidade de Taquary.

Havendo escolhido a carreira das armas, aos 21 annos matriculava-se na antiga Escola Militar, donde sahiu alferes-alumno em 1878. Os postos successivos elle os foi galgando numa carreira rapida e brilhante. Assim é que foi promovido a 1.º tenente, em 1884; a capitão, em 1886; a major e a tenente-coronel, num só anno, em 1894, por serviços relevantes á Republica. Promovido a coronel em 1911, reformou-se no posto de general de brigada, com a graduação de general de divisão, em 22 de janeiro de 1914.

Engenheiro militar e professor em disponibilidade da antiga Escola Militar do Rio Grande do Sul, era o extinto, além disso, presidente do Conselho Universitario da Escola de Engenharia desta capital e fundador e organizador do Instituto Gymnasial Julio de Castilhos.

A 8 de janeiro de 1884 collára o gráo de bacharel em sciencias physicas e mathematicas. Possuia tambem a medalha de ouro, de merito militar, por 30 annos de bons serviços ao Exercito e á Republica.

Foi um dos esteios da creação da Escola de Engenharia e, depois, na fundação do Gymnasio Julio de Castilhos, onde sempre exerceu benefica, preponderante e utilissima acção, dedicando-se com acendrado carinho a esses excellentes estabelecimentos de ensino, de que foi director competente e capaz, visando o aperfeiçoamento moral e intellecual da nossa infancia e mocidade.

Grandes foram as manifestações de sincero pesar que a sua morte provocou.

O Governo do Estado decretou lucto por oito dias e ordenou fossem prestadas homenagens militares ao morto illustre pela Brigada Militar do Estado.

A Escola de Engenharia, tendo presentes os relevantes serviços a ella prestados por Barreto Vianna, pediu permissão á familia para que o sepultamento fosse feito ás expensas daquelle estabelecimento, ao que a familia accedeu.

O Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Sul rende, nestas linhas, a sua justa homenagem ao preclaro morto que, como seu socio honorario, na presidencia da Assembléa dos Representantes do Estado, relevantes serviços lhe prestou.

Capistrano de Abreu

A historiographia do Brasil soffreu uma grande perda. Aquelle a quem consideravamos sua primeira autoridade, o seu mais eminente representante, Capistrano de Abreu, não existe mais.

Durante cinco lustros carteava-se com quem escreve estas linhas, respondendo muitas vezes a consultas a respeito da historia do nosso paiz e sempre prompto a servir com seu grande capital de saber.

Ao menos umas linhas devo ao saudoso e grande amigo de tantos annos.

João Capistrano de Abreu nasceu a 23 de outubro de 1853 em Maranguape, no estado do Ceará. Fez os primeiros estudos no collegio dos Educandos sob a direcção do Rev.^{do} Nogueira Braveza, onde teve por condiscipulo o preclaro historiador barão de Studart. Chegado ao Rio em 1875 foi dois annos mais tarde nomeado para servir no cargo de official da Bibliotheca Nacional, onde se lhe offereceu optima occasião de lançar os alicerces da sua excepcional erudição. Em 1883 deixou este cargo para occupar, após brilhante concurso, a cadeira de professor de chorographia e historia patria no Collegio Pedro II.

Nos grandes jornaes e em diversas revistas scientificas derramou as luzes de seus conhecimentos literarios e vasta sciencia que possuia, particularmente em assumptos de historia do Brasil, em que foi considerado, com justiça, a nossa primeira autoridade. Sylvio Romero no „Livro do Centenario“ commemorativo do descobrimento do Brasil, não se arreceou de qualificar-o do maior erudito em assumptos brasileiros, sobrepujando assás Varnhagen, João Lisboa, Joaquim Caetano, Silva Paranhos e Candido Mendes, os melhores sabedores conhecidos das nossas cousas.

E este preito á brilhante sabedoria de Capistrano, os scientistas, os homens de letras subscreveram, ouviram-lhe

como a oráculos os pareceres scientificos, de sorte que em redor do seu nome se formou uma aureola de celebridade. Mas a tudo parecia indifferente, de sorte que lhe formou outra aureola que realça e dignifica a primeira: a modestia, inconsciente de seu proprio valor. Ha poucos annos, no sequito do então ministro da guerra, o dr. João Pandiá Calogeras, passou aqui em Porto Alegre e, a instancias de diversas pessoas, assistiu Capistrano a uma sessão do Instituto Historico Rio-Grandense. Em dada occasião, vendo que o saudoso padre Hafkemeyer queria dirigir palavras de homenagem a seus altos me-



Capistrano de Abreu

ritos, levantou-se depressa como quem foge a uma chuva e teria sahido do recinto si o digno presidente do Instituto, desembargador Florencio de Abreu, o não tivesse retido.

Seu grande respeito pela verdade, primeira qualidade do historiador, brilhou especialmente em certa occasião. Tratava-se de publicar a terceira edição da Historia Geral do Brasil de Varnhagen. Não se achando outro mais preparado, Capistrano foi encarregado desta alta tarefa. Tencionando fazer obra solida começou a investigar e comparar as fontes e os documentos uzados por Varnhagen; publicou, não o primeiro tomo e sim uma parte apenas, e quando se esperava a

parecimen
esperança da
os amigos de
grande tarefa.
ividade neste
activo por ter
eu tão elevado
a de traduzil-o

nava diversas
seus profundos
una da nossa
la, era audacia
escrever a da

Abreu belas despe
as, retirando-me ao silencio.

meis dedicaram
jo-me a estas

Carlos Teschauer S. J .



Ireneo Evangelista de Souza, Barão e Visconde de Mauá

Grande e benemerito industrial e banqueiro, a quem se deve a construção, em 1854, da primeira Estrada de Ferro na America do Sul; o assentamento do Cabo Transatlantico, inaugurado em 22 de junho de 1874; a navegação do Rio Amazonas, em 1852, e a iluminação da cidade do Rio de Janeiro a gaz, em 1851. — Nasceu em Arroio Grande, em 28 de dezembro de 1813 e falleceu em Petropolis em 21 de outubro de 1889.

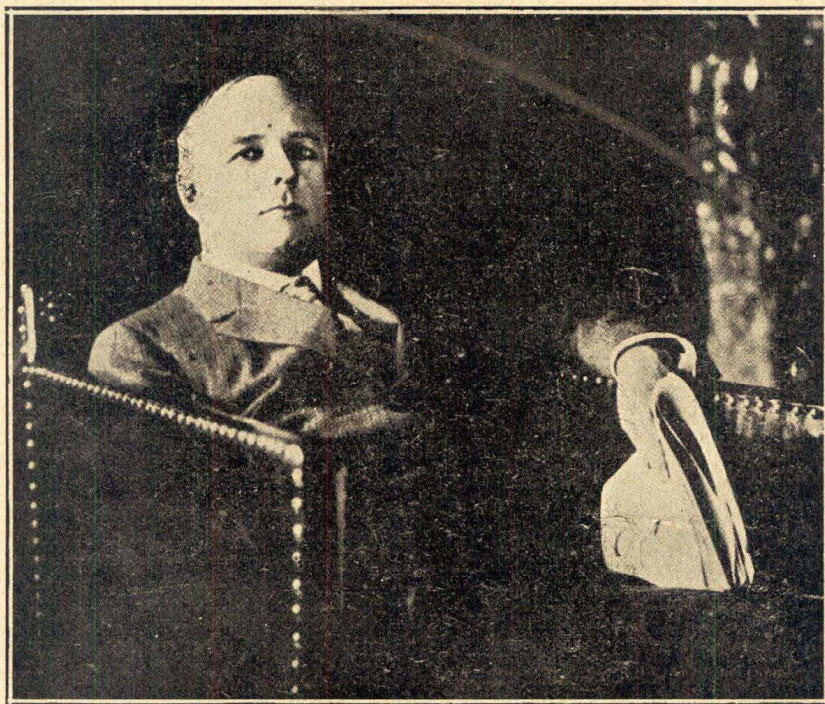
O BARÃO DE MAUÁ

Conferencia do dr. Gabriel Terra
no Club „Banco Republica“ de Montevideo, publicada em numero especial
da Revista do mesmo Club, de janeiro
do corrente anno.

A Revista do Club „*Banco Republica*“ destina especialmente este numero á publicação de uma conferencia do doutor Gabriel Terra, sobre a illustre personalidade historica do barão de Mauá. O thema da conferencia e a fórma pela qual foi abordado pelo distincto conferencista são motivos mais que sufficientes para chamar a attenção de nossos leitores que terão tambem occasião de deleitar-se com os bellos conceitos da dissertação, tendente a dar relevos de alta recordação historica a uma figura que pelas suas obras e seus principios humanos e praticos ao mesmo tempo, póde ser exemplo para os homens do presente e especialmente para a mocidade, que é força creadora em estado latente e que deve beber suas normas de acção futura nos exemplos de laboriosidade, espirito de empreza e fé nos altos destinos da America, que caracterizaram a acção inegualada, por sua magnitude, do barão de Mauá.

O Dr. Gabriel Terra, recordando a personalidade do barão de Mauá, trouxe á tribuna do Club „Banco Republica“ uma série de conceitos interessantissimos sobre as idéas de um homem que teve o mérito superior de adeantar-se á sua época e fundar sobre bases solidas a industrialização das ricas comarcas que se extendem desde o Prata, o rio largo como um mar, até o caudaloso Amazonas, cuja magnificencia é a mais fiel expressão da grandeza do grande povo do Norte, de onde a obra de Mauá, inspirada nas doutrinas de Saint Simon e seus discipulos, foi sulcando o continente de vias ferreas, linhas de navegação, e creando poderosas instituições de credito, não como simples meios de especulação capitalista, mas como instrumentos para a criação de um verdadeiro systema industrial que permittisse aproveitar as enormes riquezas materiaes do continente.

Quem poz a sua vida e sua immensa fortuna ao serviço do bem commum, merece que um commentarista como o dr. Gabriel Terra faça notar, em bellas phrases, o significado historico e moral da personalidade de um millionario que considerava a propria fortuna como um meio de progresso colectivo e que da disponibilidade de grandes recursos extrahia nobres idealismos de trabalho e de bem-estar do povo, dando assim ao poder da riqueza o seu verdadeiro valor para a humanidade.



Dr. Gabriel Terra

O saint-simonismo do barão de Mauá é a tendencia que hoje surge na vida moderna como uma exigencia social intensa, manifestada na necessidade de produzir e de evitar o parazitismo capitalista em face das necessidades dos tempos. Homens como Mauá e armados com o poder de suas doutrinas e com o esforço de sua energia, são hoje necessarios, pois o espirito de iniciativa está adormecido sobre o sólo fertil de uma grande parte da America. As nossas grandes vias de communicacão, estradas de rodagem e estradas de ferro; a utilizacão da hulha branca,

o aproveitamento da fecundidade da terra e da riqueza do sub-sólo; o desenvolvimento do turismo e o aproveitamento das costas, creando portos; o fomento da selvicultura nacional, constituem magnos problemas do presente e são obras que requerem o nascimento de homens praticos e realizadores de uma mentalidade predisposta á comprehensão dos beneficios da vida industrial dos povos, dando-lhes essa actividade que é a mais clara demonstração do bem-estar social, no que deve ser a grande colmeia humana. Crear exige trabalho, importa valorisar a riqueza natural, promover a capitalização e a economia popular, pôr o capital disponivel ao serviço da intelligencia humana, prodigalizando-o no sentido de favorecer a acção individual, é a obra pratica que pôde derivar do mais elevado de todos os idealismos: fazer bem á humanidade, não em fôrma de uma philantropia limitada e até inconveniente, senão como uma expressão de energia varonil que vá dictando normas de força e de vida, quando outros predacam a simples moral contemplativa, que tudo espera do destino e segundo muitos pessimistas o summo autor da felicidade ou da desgraça collectiva. Porque um grande deposito de optimismo permanecerá em nossos leitores depois de lerem a conferencia do dr. Terra, e porque esse homem publico soube comprehender e fazer-nos comprehender a personalidade de Mauá, explicando-nos sua obra forte e humana; a Revista do Club „Banco Republica“ tem a honra de ceder suas paginas para a publicação de uma notavel peça oratoria sobre uma das maiores figuras historicas do Brasil e do nosso paiz, onde tambem ficaram avultados saldos favoraveis, fructo das energias e da videncia do futuro que caracterizaram a acção do barão de Mauá: bancos, grandes vias ferreas, usinas industriaes e linhas de navegação.

Que fiel expressão de progresso é o escudo de Mauá, que não era, como faz notar o dr. Terra, o escudo do nobre feudal que opprimia a sua terra, e que expressão de synthese graphica de uma obra positiva e imperecedora, nos mostra tal emblema da vida de um nobre varão!

A Direcção.

„Obedeço, ao apresentar-me nesta tribuna, a um amavel convite do Club „Banco Republica“, de minhas sympathias, pela sua alta missão de cultura, pela nobre tarefa que se impuzeram do estudo das questões sociaes e dos problemas economicos que interessar possam ao paiz na sua marcha constante para os seus grandes destinos.

Falarei do barão de Mauá, o fundador do primeiro Banco, da mais poderosa instituição de crédito, que conheceu a Republica nos seus primeiros tempos, quando se delinha em sua marcha frequentemente, pelos horrores da guerra civil e da guerra internacional!

A Mauá conheci quando ainda creança, na minha casa paterna, e a sua figura veneravel tenho-a ainda bem presente, rodeada do affecto profundo que se lhe tributava em meu lar.

Faz dois annos, passei minhas férias no Rio de Janeiro, e tive o prazer de ser apresentado a Alberto de Faria, escriptor brilhante, de illustração excepcional que, por patriotismo e por sentimentos de elevada justiça, se impoz a tarefa altruistica de fazer conhecer, a todos os seus compatriotas da actual geração, aquelle colosso de character e exemplo de virtudes a quem coube actuar na época mais difficil da historia do Brasil, escrevendo um livro de profusa erudição, que commentarei nesta conferencia, no qual se estuda a personalidade de Mauá, surgindo das camadas do povo, sendo o logar de seu nascimento um rancho situado muito perto da fronteira, no Estado do Rio Grande.

Mauá abandonou a casa paterna aos 11 annos, por haver ficado orphão, para ganhar a vida, empregando-se na fazenda de um portuguez chamado Antonio Almeida, perto do Rio de Janeiro, passando aos 16 annos a ser empregado de Ricardo Currutcher, importador e exportador, de quem Mauá mais tarde disse „que foi um dos melhores homens que conheceu em sua vida.“

Cinco annos mais tarde era gerente e socio da casa, á qual dá um grande desenvolvimento, a ponto de seu chefe, Currutcher, retirar-se para a Inglaterra para desfructar uma immensa fortuna.

O regime que impoz ao seu estabelecimento commercial contrastava com a rotina do systema colonial que imperava no commercio do Rio.

E depois de desenvolver com os seus empregados durante o dia uma actividade assombrosa, se retirava para o cume de uma das montanhas que rodeiam o Rio, onde havia fixado sua residencia, procurando a harmonia da sua prodigiosa imaginação com os amplos horizontes divisados do alto da sua morada, entregando-se, durante as horas da noite, á leitura dos classicos inglezes, especialmente de Shakespeare e de Milton, cultivando sua alma de artista ao mesmo tempo que aprofundava a sciencia economica com a leitura de João Baptista Say, Adam Smith e Saint Simon, que em seus escriptos, na sua passagem pelo Parlamento e na sua correspondencia, revela conhecer profundamente.

Era o nosso gaúcho, assim chamado pelos seus inimigos, em forma depreciativa, o que nasceu no Arroio Grande, bem perto do nosso territorio, o que quiz ao Uruguay como sua segunda patria, o que mesclou o idioma de Camões com os modismos empregados pelos nossos camponeses ao determinar o pensamento era o nosso camponez sempre rebelde e altivo deante do poderoso, que não conhecia barreiras para levar a termo os seus idealismos na esphera da acção; o que preparava suas armas, a fortuna e o saber, para cumprir o seu apostolado, que elle adivinhava lhe estar de antemão assignalado como um mandato na sua passagem pela vida, a grande e nobre missão de apressar o desenvolvimento moral e material dos povos de uma parte importante do Contingente Sul Americano.

Mauá começou em primeiro logar por ser o factor principal da unidade economica da sua patria, porque, segundo a expressão de um de seus illustres compatriotas, foi o que mais trabalhou e se sacrificou pela prosperidade do seu paiz. Na historia do Brasil, diz Laudelino Freire, não se encontra uma vida mais completa, mais fecunda e mais radiante que a deste notabilissimo varão, nem nenhum patriota deu provas mais cabaes e nenhum outro realizou empresas mais uteis, nem de outra pessoa se conheceu expressões mais nobres, nem melhores energias, nem gestos de bondade, nem acções mais generosas.

Millionario, quando tinha apenas 27 annos, abandonou sua casa de commercio, na qual via multiplicar-se sua fortuna na maior tranquillidade de espirito, — porque a fortuna era para elle uma questão secundaria, um meio de fazer o bem, porém não o unico — e como o expressa em suas memórias escriptas em seus ultimos annos, se sentia arrastado por grandes

idealismos que o levavam a outras espheras de acção de maior amplitude.

Plutarco, que em fôrma admiravel estuda as grandes figuras da antiguidade, comparando aos varões illustres da Grecia e de Roma, com o objectivo de engendrar nos seus leitores desejos de imitar as acções virtuosas, porque as obras da virtude, dizia, só com a sua narração arrebatam nosso animo e produzem nelle o desejo de imital-as, moral e praticamente; Plutarco, que fez parallellos em paginas immortaes, não encontraria no seculo 19, na America Latina, — que foi prodiga na criação de homens geniaes — quem podesse servir de termo de comparação a Mauá, porque este actúa de uma fôrma absolutamente original, sem conhecer rivaes nas actividades a que se dedica e se manifesta tambem original ao dominar os obstaculos que se lhe apresentam.

Muitos homens extraordinarios, na esphera militar, na politica, na literatura, surgem na época da independencia e nos periodos revolucionarios tumultuosos que acompanham o advento destas democracias da America Latina; porém como factor de progresso, como comprehensivo dos ideaes economicos e das melhoras sociaes, como realizador de obras de bem-estar colectivo, não ha nenhum no seculo 19 nesta America que possa se comparar com o barão de Mauá.

Germain Martin, economista eminente, encarregado ha dois annos pelo Governo Francez de estudar o Brasil, se impressiona ante a figura historica de Mauá, de tal maneira que promette effectuar uma série de conferencias na Sorbonne, para demonstrar como é digno da admiração do mundo scientifico aquelle a quem classifica como um grande discipulo de Saint Simon, adeantando seus juizos entusiasticos em artigos apparecidos em revistas europeas.

Saint Simon, foi o primeiro socialista que o mundo conheceu em theoria e na pratica dando vida a idéas reformadoras. E' o cerebro poderoso que se põe em evidencia no relato eloquente que faz, em principios do seculo 19, dos defeitos organicos das sociedades modernas, é o clarividente na exposição dos meios scientificos para corrigil-os, o precursor das novas tendencias, o mestre que forma discipulos da estatura de Augusto Comte, de Augustinho Thierry, de Miguel Chevalier, que enchem, com os seus livros e pamphletos de propaganda, a vida intellectual da época.

Augusto Comte, creador da escola positivista, exerce uma grande influencia entre os homens de pensamento do Brasil, a ponto de inspirar com os seus ensinamentos os preceitos constitucionaes de alguns dos seus Estados.

E' de Saint Simon o primeiro livro escripto para sustentar

a these da necessidade de reunir os povos da Europa em um só corpo politico, conservando cada Estado sua independencia nacional, idéa que triumphou depois da ultima guerra, com a Liga da Sociedade das Nações, e a sua philosophia se baseava no raciocinio de que o christianismo havia terminado em seu reinado, que a época das idéas positivas começava e que a moral theologica devia ceder o passo a outra moral que elle chamava *moral industrial*, modificando-se o conceito do direito de propriedade com deveres que era necessario impor aos que gozavam de fortuna, de tal sorte que esse direito se exercitasse em beneficio da sociedade, levando a producção ao mais alto expoente. Os homens do povo, sustentava, do mesmo modo que os ricos, têm necessidades physicas e moraes de igual intensidade, têm justas aspirações de subsistencia e de instrucção. O meio de conseguir a subsistencia consiste em crear trabalho e o meio de proporcional-o em estimular as empresas industriaes na sua organização e no seu desenvolvimento.

Pretendia o philosopho o resurgimento de um super-Estado de productores, que poderia actuar independentemente do Estado politico e ao falar do industrialismo não exagerava sua importancia porque o concebia no sentido amplo da palavra, compreendendo a todos os productores, aos agricolas e aos urbanos, aos artistas e aos operarios, que queria unil-os indissolovelmente com os technicos e os sabios na tarefa da creação da riqueza. E propagando estas idéas naquellas épocas de despotismo, foi um dia preso, porque quiz esclarecel-as com uma hypothese que se considerou perigosa, como uma incitação contra a ordem existente, e a hypothese consistia em suppor o desaparecimento de 50 pessoas consideradas como primeiras em cada profissão, dando um total de 3000 entre os principaes sabios, artistas, artifices e grandes industriaes da França, sustentando que seria uma catastrophe porque a nação ficaria como um corpo sem alma, em um estado de inferioridade vis a vis dos demais povos, exigindo meio seculo para refazer-se, porque os homens, que se distinguem nos trabalhos uteis, são verdadeiras anomalias da natureza, que é por sua vez avára em produzil-os, e suppunha, em troca, que si desaparecessem 30.000 pessoas escolhidas entre os membros da familia real, os ministros e os grandes dignatarios da Côrte, do Exercito, da Marinha e do Clero e mais de 10.000 proprietarios, dos que vivem nobremente, quer dizer, sem trabalhar, dariam logar a um accidente que affligiria aos francezes porque elles são bons, porém a perda desses 30.000 individuos, os mais importantes do Estado, não causaria mais do que um pezar sentimental: a prosperidade da nação nada soffreria em absoluto.

Pugnava, pois, o philosopho em favor da classe industrial, que segundo seu *catechismo* se iria extendendo anno por anno e impondo-se aos Governos e ás caducas instituições com o formoso fim de melhorar o mais rapidamente possivel a situação dos elementos mais pobres da sociedade.

E recordadas syntheticamente as idéas do mestre, continuemos falando do discipulo que trata de pôr-se á frente do movimento industrial do seu paiz, para dar-lhe a unidade economica que reclama a sua grandeza territorial, indo além dos limites da sua immensidade pelo impulso do seu espirito de luctador, vindo até nós a primeira vez como paladino da liberdade, como alliado em uma lucta contra a tyrannia, talvez porque Saint Simon, como o observa com acurado talento Alberto Faria, atravessa o Atlantico impulsionado pelo formoso idealismo, para combater sob as bandeiras de Washington e Laffayette, tambem Mauá atravessa os mares do Sul, equipando navios com armas, munições e alimentos para os defensores de Montevidéo em luta troyana contra a tyrannia rosista.

Mauá soffre no exercicio do seu apostolado muitas vezes a hostilidade dos Governos, o que lhe faz dizer que *as difficuldades foram postas no mundo para serem vencidas, sobretudo quando vem dos que estão no alto.*

E essas hostilidades o historiador as encontra em grande parte explicadas pelo espirito liberal de quem prestigiou na sua juventude os anhelos dos revolucionarios que quizeram constituir a Republica no Rio Grande, 50 annos antes de o ser definitivamente proclamada, relatando as chronicas da sua época que os prisioneiros detidos na Fortaleza de Santa Cruz, tiveram sempre um leal protector que fazia chegar até elles, roupas, alimentos e meios para facilitar a evasão e que a morada no Morro de Santa Theresa foi o Quartel dos Revolucionarios nos dias do infortunio.

E a verdade destes feitos está confirmada em uma lembrança daquelles successos que se encontra nas memorias de Mauá, quando justifica essas impaciencias prematuras, attribuindo-as aos erros dos Governos, e exclama com orgulho: „que os valentes riograndenses, sem ser vencidos, depuzeram suas armas á espera de oportunidades mais propicias.“ Não sómente se collocou na sua vida ao lado dos rebeldes como tambem o seu espirito se inclinou sempre á protecção dos humildes e ao amparo dos desafortunados.

Elle havia imposto como um dos principaes preceitos que deviam levar em conta os seus auxiliares, como chamava aos Gerentes dos 19 estabelecimentos bancarios e grandes industrias

que chegou a organizar, *que nenhuma pessoa poderia ser levada á fallencia e que em caso de insolvencia de algum dos seus devedores, os primeiros a acceitar accordos seriam os representantes da sua firma.*

Havia disposto tambem que a sua firma devia ser a primeira nas obras que significassem benemerencia, sómente podendo ser igualada pela do Chefe do Governo.

Quando se aboliu a escravatura no seu paiz, foi proclamado benemerito, pelos grandes serviços prestados ao movimento da emancipação.

Desde o anno de 1838, os donos dos escravos, quando falavam de Mauá, o classificavam com o proposito de ridicularisal-o com o nome, para elle glorioso, de *Bandeira da Misericordia*, e em 1850 foi o grande collaborador de Eusebio de Queiroz, na repressão do contrabando de carne humana.

Seus escriptos contra a propriedade maldita, a nefanda escravidão, foram seguidos desde o anno de 1853 por colonisações de homens da raça branca, formando varios importantes nucleos em distinctas regiões do paiz, e a sua philantropia se punha de manifesto, de fórma sugestiva, quando impunha aos constructores das empresas, que elle dirigia, a obrigação de não acceitar de modo algum o trabalho escravo.

Em outra oportunidade tive occasião de recordar que, em uma das ultimas viagens do illustre amigo de meu pae, „fui testemunha de uma scena que me ficou gravada no espirito, tão certo e que se fixam com intensidade as fortes impressões da infancia.“ Como creado da minha casa ficou um negro, um dos tantos que Mauá havia libertado antes da abolição da escravatura, que ao ver chegar o seu bemfeitor, correu para elle ajoelhando-se quiz beijar-lhe a mão; bem recordei a rapidez com que evitou esse gesto humilhante e deprimente, levantando Mauá nos seus robustos braços áquelle que continuara sendo servo pelo impulso do atavismo, para abraçal-o de igual para igual, até que o negro inclinou a cabeça sobre os seus hombros e chorou convulsivamente.

Tive a intuição do que significava aquella scena e cujo verdadeiro alcance compreendi sómente depois, ao continuar o caminho da minha existencia. Era aquelle um quadro vivo da fraternidade humana, representado por dois homens de identica estatura, dois formosos exemplares de raças differentes, uma, alma superior, e outra, anniquilada quem sabe por que crueldades de um passado de miserias. Era o poderoso levantando o humilde com dignidade e fidalguia, e nós que não nos

conformamos com as injustiças sociaes, constatando que si é verdade ter desaparecido a velha escravatura envolta nas sombras da barbaria de épocas que se foram, outras escravidões subsistem, muitas misérias e dores que precisam ser combatidas, temos o direito de pensar quão necessario é desenvolver cada vez mais, com rapidez, os sentimentos de solidariedade, bondade e de amor entre os homens."

Antes de explicar as circumstancias em que Mauá veio ao Uruguay, transferindo sua residencia, lá de onde contemplava a cidade por elle illuminada, a formosa bahia que é a admiração do viajante pela sua magnificencia, para outra residencia em paisagem muito distincta do deserto de nossa campanha, num logar agreste que cantou o poeta Marmol no seu desterro, na sua formosa poesia „Las tardes del Dacá" evocando o pensamento de Mme. Stael.

„Aqui, sente-se livre o genio e se compraz
 porque é doce a meditação:
 si elle se agita, ella o acalma."
 De um leve barco
 a subtil e leve quilha
 célere se vae. . .
 deslisando na fina
 superficie crystalina
 do Dacá. . .

Antes de explicar por que trocou Mauá sua residencia tropical pela casa estylo espanhol com suas treis torres na selva virgem que cobria a confluencia do Rio Negro, majestoso, com o pequenon arroio do Dacá, que nas tardes mansas inspira cantos de amor, e em um dia de pampeiro que vem enfurecido da terra escravizada, arranca da dor do bardo a maldição prophetica:

Desfructa o presente
 que o futuro é nosso,
 e então nem teus ossos
 a America terá. . .

Antes — repito — de explicar porque Mauá veio ao Uruguay, quero relatar brevemente que vida levava em seu paiz.

A primeira obra de Mauá na sua terra, depois de abandonar a direcção da casa exportadora, foi a construcção de grandes fundições de ferro e de bronze em Punta Arenas, em Nietheroy.

Depois de uma viagem á Europa, tendo visitado as grandes fabricas de metalurgia na Inglaterra, considerou que esta industria era a mãe de todas as outras e dessa consideração surgiram os arsenaes que construíram 72 navios mercantes, que fizeram a navegação brasileira até o Rio da Prata, indo alguns delles aos Estados Unidos e á Europa. Com essas grandes fundições que deram trabalho a mais de mil operarios permanentemente, prepararam-se os encanamentos das empresas de gaz e agua, que Mauá installou na maioria dos centros importantes do seu paiz. Deram essas fundições tambem a materia prima com que se realisaram em condições realmente surpreendentes as construcções ferro-carrís, sem pedir subvenções nem garantias de capital, pela simples acção privada; e, pondo em risco a sua fortuna, inaugura em 30 de abril de 1854 quinze kilometros de via ferrea, que atravessam valles e montanhas em direcção a Petropolis, e no seu discurso de inauguração annuncia que não parará, que levará a locomotiva ás fronteiras e assim o vemos intervir pouco depois em quatro linhas ferreas que em distinctas direcções passam a cruzar o Brasil.

Com visão clara do futuro, realisava uma obra realmente grandiosa. A primeira linha ferrea foi realisada sem exigir garantias, ao passo que na França se discutia a conveniencia ou inconveniencia de se construírem ferro-corrís, quando Lamartine, que foi tão grande economista como poeta, derramava eloquencia sustentando que se tratava da conquista do mundo, das distancias, do espaço, do tempo; que se tratava de multiplicar, ao infinito, as forças da industria humana, e se chegava á conclusão, apesar do scepticismo de Thiers, depois de largos debates, de que o Governo devia contribuir com as expropriações dos terrenos e movimento de terras, deixando aos empresarios unicamente o custo dos trilhos e do material rodante.

Iniciou ainda Mauá, com todo exito, a navegação do Amazonas numa extensão de tres mil e dusesentas milhas, com esplendidos vapores para aquella época, que assombraram ao sabio Agassiz em viagem de estudos por conta do Museu de Cambridge, fazendo entrar em consorcio com a civilisação a dois ricos estados, o Pará e o Amazonas, fontes de immensas riquezas desconhecidas até então para o mundo. E simultaneamente dóta a Barra do Rio Grande de fortes rebocadores, que cortavam as areias e punham o Estado de seu nascimento em communicação com os navios transatlanticos, funda fabricas

de tecidos, de sabão, cortumes, e colloca na capital do seu paiz os trilhos dos primeiros trens de tracção animal com emprezas que se estendem depois a Montevidéo, Lisboa, Bruxellas e Paris.

De tal magnitude de acção era o homem que, tendo noticias de que a praça de Montevidéo, heroicamente sustentada por seus defensores no sitio dos nove annos, estava por cahir em poder da tyrania rosista, offereceu o concurso da sua fortuna, directamente, ao Ministro do Uruguay D. André Lamas, depois do abandono do bloqueio pela França e a Inglaterra, fracassada a missão de Grove e do Barão Gross.

Nessa época, Mauá era senhor do seu paiz, com uma popularidade que excedia á do proprio imperador: nada se fazia que não levasse o sello da sua conformidade, e, assim, iniciava a formação do Banco Official, que hoje é o grande Banco do Brasil, e, treis annos depois de organizal-o, se afastava da sua directoria para formar um banco particular, que foi durante um quarto de seculo mais poderoso que o proprio Banco Official.

Desta maneira se explica como firmára tratados offerecendo dinheiro e auxilios a um paiz visinho, collocando sua firma como si fôra outro governo, ao lado da firma do Chanceller do Brasil. E esse foi o primeiro serviço que prestou ao Uruguay, realmente altruista, porque os seus emprestimos os fez a baixos juros alguns, e outros sem juros, correndo o risco total de perder os seus capitaes si Rosas houvesse triumphado na contenda.

Sua alma gaucha, seu amor á humanidade, influiu nessa aventura que o traz muitas vezes mais tarde, nos pequenos vapores da época, ás nossas praias, em direcção á sua vivenda predilecta, na costa do Rio Negro e do Dacá, no estabelecimento hoje da successão de D. Boaventura Caviglia.

Boaventura Caviglia, pae do actual conselheiro, um dos tantos industriaes do paiz, que iniciou sua vida de trabalho com o concurso liberal de Mauá, lhe guardava gratidão e admiração e mostrava aos seus visitantes, como uma reliquia, um escudo do que foi o primeiro senhor da Comarca.

Não era o escudo do nobre feudal que opprimia o seu vassallo pelo privilegio que originava a proeza guerreira ao serviço do seu rei ou o simples direito do mais forte que conservava para cruel tradição das épocas que se foram. Era o symbolo democratico do trabalho, que ennobrece em harmonia com a dignidade humana. Era a heraldica de um homem extraordinario que a poderia ostentar com orgulho porque provinha do esforço fecundante e da bondade; era o distinctivo do

triumpho na conquista do bem-estar de seus semelhantes; era o distinctivo de sua philantropia revelada, expondo sua vida em treis datas memoraveis na historia do Brasil: a epidemia da febre amarella em 1850 e 1853 e do cholera-morbus em 1858, em que recolhia pessoalmente os enfermos, habilitando hospitaes para attendel-os!

Tem seu escudo o desenho de um pharol; isso quer dizer que Mauá havia illuminado as principaes cidades do Brasil e nossa cidade de Montevideo. A Usina de Gaz passou ás mãos de uma nova companhia em 1867. Por falta de recursos da antiga, o serviço de illuminação havia decahido até ao extremo de haver-se voltado em muitas ruas da cidade ao uso de lampões „que ao envez de luz escorriam azeite por sobre o pavimento e a cabeça dos transeuntes.“

A nova Companhia, da que fazia parte o barão de Mauá, adquiriu as installações, de accordo com um amplo programma de melhoramento do serviço na planta urbana e prolongamento dos encanamentos até a União e o paso del Molino (Eduardo Acevedo pag. 769, tomo V, Historia del Uruguay).

Tem o escudo o desenho de uma locomotiva. Era a Baronesa, que em honra da companheira de sua vida, assim a havia feito chamar e era a primeira que havia corrido sobre trilhos em terra americana, ao mesmo tempo que o sabio Aragó combatia as estradas de ferro sob treis causas fundamentaes. Por hygiene, porque seriam causa de innumeraveis pneumonias; por motivos economicos, porque os conductores das mercadorias que vinham de outros paizes ou sahiam para o extrangeiro, ao cruzar a França em carros ou carretas, deixavam em multiplas paradas dinheiro que se perderia para sempre com a passagem rapida do trem a vapor, e terceiro, por motivos de vigor da raça, desde que os soldados diminuiriam na virilidade adquirida nas marchas a pé e a cavallo, e Thiers, o grande Thiers, acompanhando a Aragó no seu scepticismo, punha obstaculos á estrada de ferro de Paris a Bruxellas.

Todos estes preconceitos repercutiram no Brasil, porém Mauá poude vencel-os e no anno de 1841 começa a construcção da via ferrea, que se inaugura no anno de 1854, adeantando-se aos paizes europeos nestas obras de progresso, com excepção da Inglaterra, que é a que dá o exemplo construindo milhares de kilometros.

Poude tambem ostentar o escudo o desenho de um cabo telegraphico.

A Argentina e o Uruguay, como o Brasil, devem aos esforços de Mauá a vinculação rapida com a Europa pelo cabo

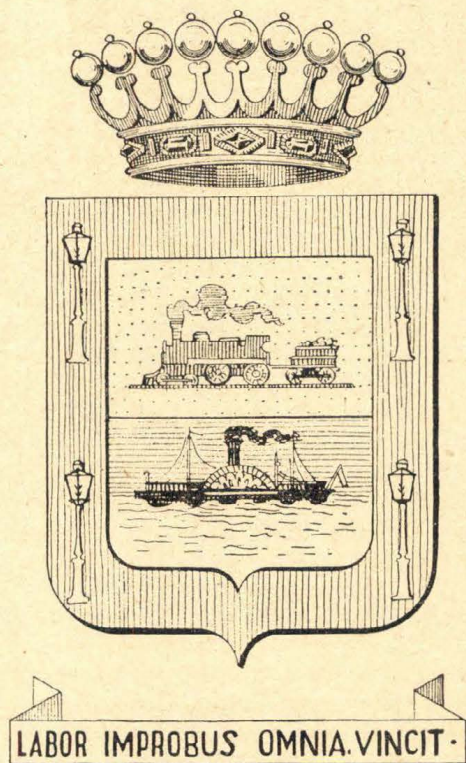
submarino. Procurou o concurso technico de John Pender, que havia collocado o cabo entre a Europa e os Estados Unidos, depois de alguns fracassos de outros empresarios; e no anno 72 pediu a concessão, manifestando que não era para elle um negocio e tão sómente um serviço que desejava prestar á America latina, que ainda não gozava do mais formoso invento do seculo XIX, e nem o reembolso das despesas do lançamento da empresa quiz acceitar de fórma alguma. Teve, porém, o prazer, em meados do anno 74, de proferir um discurso — como Director do Brazilian Submarine Telegraph — no qual dizia: „Lendo, ha mais de 40 annos a obra do grande poeta Shakespeare, recordo haver-se detido ante uma observação que o bardo faz pela bocca de um dos intérpretes na scena dos seus sublimes pensamentos, e que vem ao caso ser citada: acariciou a idéa de dar a volta ao globo em seis horas. Pois bem, senhores, é uma visão do sublime poeta e profundo pensador inglez ou uma inspiração do genio? Em qualquer caso, o sonho se realizou quatro seculos mais tarde. Hoje póde-se fazer a volta ao redor do mundo em menos de seis horas.“ E don André Lamas, o amigo de Mauá nos dias da defesa, o mesmo que firmou com elle os Tratados de subsidios, dirigia a Thiers o seguinte telegrapha, em presença de Sarmiento, presidente então da Argentina: „Permitti que ligue a lembrança dos serviços que fizestes a estes paizes ao grande acto em que inauguramos o telegrapho transatlantico, que approxima e liga indissoluvellent tudo o que Rosas queria afastar e desligar.“ E a Garibaldi, dizia ao mesmo tempo: „O Chefe Politico da de Montevideo saúda ao Chefe da Legião Italiana, ao vencedor do Santo Antonio, no momento em que se corôa o triumpho da causa que sustentavamos naquelles sagrados muros, pela inauguração do telegrapho transatlantico que, supprimindo a distancia, derruba a ultima barreira que nos separa dos nossos irmãos da Europa.“

Os dois mais poderosos cerebros que produziu o Rio da Prata nessa época, Sarmiento e Lamas, commentam dessa fórma esa obra benemerita de Mauá, e cincoenta annos mais tarde John Pender, Presidente da The Western Telegraph, dirige ao Presidente do Brasil o seguinte telegrapha: „Por occasião do jubileo do cabo submarino entre o Brasil e a Europa, devido ao incomparavel desprendimento do inolvidaveld Mauá e aos esforços de meu pae senhor John Pender no levantamento de capitaes e na organização technica da empresa, seja-me permittido apresentar a V. E. as minhas mais respeitosas saudações.“

Quando Mauá débuxava seu escudo de nobresa, como symbolo formoso do trabalho, na sua mansão do Rio Negro

e do Dacá e, confiado e optimista se dedicava a prestar grandes serviços ao nosso paiz, ao mesmo tempo o coronel Maximo Perez collocava na sotéa da Chefatura a figura de uma raposa, para invocar talvez a astucia e a desconfiança que geravam os continuos combates da guerra fraticida.

Mauá apparece em 1857 solicitando autorisação para estabelecer o seu Banco, o primeiro que se fundou nesta Republica,



fixando-se o seu capital em 1.200.000 pesos, que poderia ser augmentado até 6.000.000 de pesos. A emissão total de bilhetes ou vales não poderia exceder em tempo algum ao triplice do fundo effectivo. A confiança publica amparou o Banco, que chegou a ser omnipotente.

Mauá não entendeu o negocio do Banco na fórmula vulgar de recolher dinheiro do publico, pagar-lhe 3 ou 4 por cento de

juros e collocar este dinheiro na fôrma de maior garantia possível a 8 ou 9 por cento, ganhando a differença, deduzidos os gastos, e é tão certo que assim não o entendia que pouco tempo depois de fundar no seu paiz o Banco Official que hoje subsiste e que seguia politica conservadora, sentiu a necessidade immediata de installar a instituição que levava seu nome e que estabeleceu succursaes no Uruguay, Argentina e Londres, cujo fim principal foi impulsionar o progresso nesses paizes, desenvolver industrias creadoras do trabalho para o bem-estar do povo.

As principaes instrucções aos seus gerentes, eram estas: „Quando um projecto é grandioso, deve ser estudado — a consulta á caixa e aos livros vêm após —; si a empresa é nobre e util, deve encontrar sempre os recursos de que necessite.“ „Devo deixar-me arrastar pelas idéas em que o bem publico e o progresso do paiz tenham predominio.“ „Hei de continuar fazendo todo o bem que puder, nem com a lança ao peito abandonarei meu posto.“ „Quando se apresenta um assumpto em uma das minhas casas, deve ser estudado; si a empresa é clara deve ser sustentada com firmeza, subcrevendo, si necessario, todo o capital; si é perigosa ou duvidosa no seu exito, mas o proposito é bom, devemos pôr sempre alguma cousa.“

Com estes principios e estas idéas, hoje bem fixadas na correspondencia que leu o seu historiador, facil é comprehender como Mauá se envolvia em todas as iniciativas da sua época, como no Uruguay, por exemplo, apura a raça dos gados de suas estancias, é o primeiro a cercar com arame os seus campos, installa saladeiros, constróe diques, faz a navegação dos rios, publica nos diarios europeos avisos offerecendo premios em dinheiro a quem descobrir um processo para a conservação de carnes, financia a fabrica Liebig's, que tanta influencia exerceu, leva os productos do Uruguay para fazel-os conhecer nas exposições de Londres e Paris e estimula por todos os modos a todos os habitantes capazes de conceber uma idéa util ou de progresso.

Passarei, porém, por alto toda essa acção fecunda e nunca egualada, nem no Brasil, nem no Uruguay, para limitar-me a relatar um serviço que Mauá nos prestou, realmente importante para o desenvolvimento economico da Republica.

Depois da guerra grande, o paiz deve 8.000.000 de pesos e para a continuação da guerra civil nos quinze annos seguintes foram emittidos titulos de divida do valor nominal de cem milhoes consolidados, que se cotavam a preço muito baixo, como era natural, numa época em que as rendas não cobriam a terça parte dos gastos da nação; porém, pesando essa emissão como uma capa de chumbo sobre a nossa economia, Mauá adquire

todos estes titulos e offerece ao Governo a conversão da divida de 100.000.000 com outra de 5.000.000, que se cotaria em Londres e em Montevideo a 6% de juros com a garantia de direitos alfandegarios. Supprimia o peso da divida em cerca de noventa e cinco por cento.

Poderia ter sido essa brilhante operação a iniciadora de uma nova era de ordem e de prosperidade, si não houvesse sido a continuação da guerra civil e, o que é peor, a guerra do Paraguay. Mauá affirmava, com razão, que era o maior serviço que se podia prestar ao Uruguay no seculo XIX.

Mauá devia ter um presentimento de que a guerra internacional ia ser para elle, por estar solidarisado, como estava, á economia e á sorte dos treis paizes, que se iam unir na lucta, fatal para a sua acção, que sómente era possível com a paz.

Isto explica o esforço e a actividade que desenvolveu para impedir essa guerra: a sua intervenção junto ao general Flores, que o acceitou como mediador, não podendo, apesar da confiança que inspirava, dominar as paixões do momento; e sua intervenção ante o general Mitre e o Chanceller argentino, dr. Elizalde, para impedir os attritos com seus amigos particulares Berro e Juan José de Herrera, presidente e ministro das Relações do Uruguay, respectivamente, que em dado momento quasi chegaram a provocar situações extremas e o desespero para os homens do seu paiz, que desejavam ultimar os acontecimentos de fórma violenta.

Estalada a guerra, seus bancos, como primeira consequencia, têm que ir á inconversão, quero dizer, a uma situação de descredito em meio de uma legislação financeira que era um cháos, porque nessa época predominavam as idéas de Miguel Chevallier, de absoluta liberdade bancaria, e se acreditava nos beneficios da palavra „liberdade“ e na bondade da concorrência de bancos de emissão no meio dos horrores do desastre.

Sucedeu que não poudo vencer, á ignorancia financeira, a falta absoluta de noções economicas e scientificas nas espheras dirigentes dos politicos da época no Uruguay e no Brasil, que longe de facilitar o cumprimento de sua missão reparadora, depois da catastrophe, precipitaram a ruina com vexações inconcebiveis ante o criterio actual de solução scientifica dos problemas bancarios. Entre nós, se impoz a rapida redução de sua faculdade emissora apenas ao duplo de seu capital, quando pela sua carta organica tinha direito a emitir o triplo, e quando quiz augmentar esse capital, o que era o seu unico meio de defesa na restricção que se lhe impunha, de uma fórma absurda se lhes prohibia esse augmento, como si os bancos, ver-

dadeiras victimas da guerra pelos emprestimos forçados que tiveram que subscrever na tarefa da destruição e da morte, fossem realmente os culpados, devendo ser castigados sem piedade.

Acabamos de atravessar a grande guerra e, excepção feita dos Estados Unidos e da Inglaterra, paizes banqueiros, todos os demais continuam com o regime da inconversão e continuarão por muito tempo, porque os seus estadistas têm exacta compreensão do desastre que significaria tornar de chofre ao regime do ouro, que nós pretendemos estabelecer no dia seguinte á terminação da guerra do Paraguay, como si seus males não houvessem sido tão importantes na relatividade dos acontecimentos humanos, como os soffridos pelos paizes ensanguentados na ultima lucta. Quando o nosso Governo se apercebeu do erro commettido, era tarde, o Banco que havia presidido ao desenvolvimento do paiz, nos annos mais terriveis da sua historia, estava ferido de morte.

E estava ferido de morte tambem por outra circumstancia que desejo fazer conhecer: a das sentenças inexplicaveis e criminosas dos tribunaes brasileiros no pleito que sustentou Mauá com a directoria da actual estrada de ferro Rio de Janeiro—São Paulo.

Mauá no seu amor pela politica de estradas de ferro, havia adeantado aos constructores dessa linha treis milhões de pesos que se invertiram nas obras. A empresa constructora, que recebera o dinheiro em simples conta corrente, sem documentação executiva, obrigou Mauá a ir aos tribunaes para demandar o reembolso das sommas emprestadas, e que a directoria da empresa, dona das acções, não quiz solidarizar. Os tribunaes do Brasil tiveram a fraquesa de declarar no final da contenda, em ultima instancia, que as sommas que Mauá reclamava eram devidas, porém só poderiam cobrar-se perante a justiça inglesa; e, levado o assumpto aos juizes da Inglaterra, o declararam prescripto, porque creditos não documentados prescreviam aos cinco annos, Mauá havia perdido oito annos nos trámites em seu paiz, acreditando na justiça nacional.

O golpe terrivel de treis milhões de pesos perdidos em uma unica conta, teria sido supportado em uma situação normal, porém se complicava com a liquidação da guerra; e o Banco do Brasil, fundado por Mauá, por velhas rivalidades, o deixou succumbir, quando, todavia, os seus bens davam para cobrir folgadoamente todo o passivo, como se demonstrava na concordata judicial.

E aqui temos o nosso heroe convertido em director da Companhia Pastoril Agricola e Industrial, por um formoso gesto dos seus credores, perseguindo um sonho que tem seu principio de realização meio seculo após: a estrada de ferro a Matto Grosso, e dahi á Bolivia. Contracta 16 engenheiros e 76 auxiliares á sua custa e, nunca esquecendo a maldita guerra, demonstrava como se havia perdido tempo, pois com a metade dos milhões destinados á obra da morte poudo o Brasil penetrar nas entranhas da America, recolher suas riquezas e exportal-as por seus portos.

E, sentindo que morria, exclamava: „exhorto-os a fazer a grandeza da patria, pois demais o sabeis, a voz do sepulchro não tem aspirações.“

APONTAMENTOS PARA A HISTORIA DA REVOLUÇÃO DE 1835—1845

ATAQUE DE PORONGOS

Narrativa de Manoel Patricio de Azambuja

Tendo servido 7 annos, sempre em campanha, na ultima phase da revolução de 35, no quinto corpo de cavallaria da Guarda Nacional criado e sempre ao mando do denodado servidor da patria Francisco Pedro de Abreu, presenciei muitos factos occorridos na mesma revolução. Posso portanto satisfazer, na parte que tenho conhecimento, que é em tudo verdadeiro sobre a paz do nosso Rio Grande por occasião daquella revolução e outros acontecimentos narrados em vosso Almanak deste anno.¹⁾

Li vosso pedido na nota dezoito do Almanak de 1898, onde historiaes os feitos glóriosos do nosso patricio benemerito General Portinho e por mais desejos que tivesse de satisfazer em tempo, não foi possivel senão agora, pois queria juntar ao meu testemunho outro muito mais valioso e unico que talvez possa obter e melhor utilizar na historia daquella revolução, que tanto desejo vel-a isenta da parcialidade com que a escreveu Araripe e começo da de Assis Brasil.

Existe ainda em Rio Pardo meu cunhado Felix de Azambuja Rangel, que naquelles sete annos de revolução tambem serviu no mesmo corpo, com graduação de alferes, assim como eu, companheiro inseparavel de Chico Pedro já como ajudante de armas e ultimamente de campo tendo ao lado de seu chefe assistido ao ataque dos Porongos.²⁾

1) O autor destes apontamentos se dirigia ao nosso confrade sr. Alfredo Ferreira Rodrigues.

2) Nunca separei-me do meu corpo em todo o tempo em que servi. Não assisti, porem, áquelle feito de armas, por estar convalescendo em Santo Amaro de um balaço que recebi na cabeça (cujo projectil ainda alli conserva-se) por occasião do combate do Candiota em 16 de março de 44, onde por facilidade de meu commandante foi pela primeira vez derrotado pelo bravo Coronel Amaral e eu prisioneiro com mais cinco officiaes.

Por sua discrição, o bravo chefe prestava grande confiança a seu ajudante de campo; por isto este sabia de parte de seus ardilosos planos. Chico Pedro era um verdadeiro patriota, desejava com anciedade o termo da guerra por isso prevaleceu-se de occurrencias favoraveis a seus planos que se deram na occasião, obtendo um documento addrede preparado, como adeante ver-se-á, mostrando-o com muita reserva a conceituados republicanos de sua amisade, sendo um delles João Rodrigues Barboza, residente proximo á cidade de Piratinin. Tendo já escripto o que ahi fica, ha mais de seis mezes não pude nesse tempo realisar pessoalmente a conferencia que pretendia com meu dito cunhado para recordar todos aquelles acontecimentos e melhor coordenar estes apontamentos o que não foi possivel conseguir, não só pela distancia que nos separa como pela idade de ambos, eu com 77 e elle com 82 annos. Portanto, tendo lido no Correio do Povo de Porto Alegre de 12 e 14 de março p. p. o que disse o Dr. Varella, vindo com novas e falsas accusações qualificar de trahidor o legendario General Canabarro, não quiz que por mais tempo perdurasse esta infamia sobre as cinsas do nosso glorioso patricio que criteriosamente tendes defendido por isso pedi a meu filho Dr. Fabio Patricio de Azambuja, fosse a Rio Pardo entender-se com seu tio e padrinho o ajudante de campo do General Chico Pedro para obter os apontamentos que junto achará assignados por mim, que por esquecimento meu cunhado deixou de fazer. Posso garantir que do que ahi verá não tenho o minimo receio de ser desmentido por quem quer que seja, porque como já disse, tenho de tudo inteiro conhecimento, é a propria verdade.

Antes de terminar a revolução, quando voltei ao meu corpo, restabelecido do ferimento que recebi no ataque de Candiota, a 16 de março de 44, ouvi de Chico Pedro (meu parente proximo) dizer: — produzio bom effeito a bomba que lancei no meio dos Farrapos. Aludia ao officio fantastico que pediu a Caxias para assignar: não só isto como outras revelações ouvi da sua propria bocca a respeito e minuciosamente por meu referido cunhado. Achando-me restabelecido do ferimento, como já disse, ferimento que recebi no combate do Candiota, reuni-me a meu Corpo, justamente na quinta de Bibiano, a que se referem os apontamentos do meu cunhado, mas, ahi não soube do trama urdido por Chico Pedro do falso officio e imitação da firma de Caxias, pelo Capitão João Machado, que era do mesmo Corpo e servia em commissão de Major de Brigada. Deste ponto seguimos para a fronteira, a rumo de Jaguarão. Em caminho Felix Rangel expoz-me reservadamente parte do que fica dito em seus apontamentos e mais tarde o proprio Barão do Jacuhy. Quando se effectuava

a paz, todos os chefes tanto revolucionarios como legalistas congrassaram--se sem que continuasse resentimento algum do passado. Chico Pedro porem e Canabarro, mantiveram constante inimizade até a morte, constandô como sempre ouvi dizer, originar-se pela batalha dos Porongos. Si houve combinação entre Caxias e Canabarro para entrega do exercito commandado por este porque se odiavam tanto esses generaes sem que entre elles houvesse outro motivo?

Vou expor um facto que muito confirma e presenciei: Antes que o desventurado Imperador Pedro Segundo chegasse a Uruguayana por occasião da invasão paraguaya, commandava o Exercito o então General das Armas General Caldwell, Canabarro uma Divisão e Chico Pedro outra. Eu me havia apresentado voluntariamente ao meu antigo chefe com 16 homens logo que alli chegou. O Exercito inimigo vinha em marcha proximo a entrar na cidade sem que de nossa parte fosse hostilizado. Chico Pedro indignado por tanta fraquesa mandou pedir ao General das Armas quatro canhões obuzes que pertenciam á Divisão de Canabarro para bombardear o inimigo que em marcha demorada estava a entrar na cidade. Este General mandou as peças com bestas tão magras e incapazes de modo tal que a infantaria inimiga a marche-marche as tomaria sem grande esforço. Chico Pedro com exaltação disse na minha presença e na de muitos officiaes que alli estavam: — Não cahirei no laço que este Farrapo me quer armar. Bem o conheço; ainda pretende vingar-se da derrota que lhe inflingi nos Porongos. Mandou estes animaes magros e imprestaveis para o inimigo apoderar-se da artilharia ao primeiro tiro e assim desmoralisar-me. —

Conheci que era realmente o que ia acontecer se fizéssemos fogo aos paraguayos que passavam a umas doze quadras de distancia do ponto em que estavam as peças de artilharia. Canabarro era o unico chefe republicano que ultimamente tinha verdadeiro prestigio para manter por mais algum tempo a luta por isso bem comprehenderam Caxias e Chico Pedro inutilisal-o indispondo-o com os outros generaes e seu exercito o que conseguiram com o artificioso plano de traição aos Porongos que poderosamente concorreu para a terminação da guerra por meio da paz.

O original do officio de Caxias a Chico Pedro talvez exista em poder de Joaquim Gonçalves da Silva ou de seu irmão mais moço Francisco Gonçalves da Silva, filhos de Bento Gonçalves, os quaes não porão duvida em o entregar si vos dirigirdes

áquelle, o mais instruido de todos e que poucos annos antes da queda da monarchia foi deputado á Assembléa Provincial.

Peço, se tiver de dar publicidade aos apontamentos ou a parte delles, que óra envio, corrigir os innumeraveis erros que ahí encontrará, tanto de redacção como orthographico, pois são escriptos ao correr da penna por um velho camponio que a isso se sujeita por amor á Patria e aos seus patricios.

Eis tudo quanto posso informar satisfazendo o pedido em nota já referida no vosso Almanack, ficando certo que desta vez o Dr. Varella não encontrará mais assumpto para nova carga, insistindo para que a historia seja escripta lançando o nome infamante de trahidor ao legendario David Canabarro.

E' verdade o que affirma em vosso Almanack, refutando a parte da historia do Dr. Varella onde diz que o Coronel Antonio M. do Amaral foi mandado por Canabarro para Jaguarão e que de passagem por Bagé deu-se o combate de 16 de março de 44 em Candiota. Chico Pedro operava de accordo com o Tenente Coronel Francisco Felix da Fonseca Pereira Pinto, Commandante do 8.º Batalhão de Fuzileiros, formando essa força a columna da esquerda com mais o 5.º Corpo de Cavallaria da Guarda Nacional e um esquadrão da mesma arma ao mando do Capitão Maximiano, conservando-se estacionado por mais de um anno em Cangussú. O territorio de suas operações e defesa comprehendia todo o litoral da parte direita do Guahyba confrontando com as povoações ao Sul. Valente, astucioso, activo e incansavel como era Chico Pedro, não consentia que o inimigo se approximasse ao terreno que defendia a menos distancia de 20 a 30 leguas. Quando ao contrario concedia, era para tirar partido, esperando em posição vantajosa para derrota-lo, como por tres vezes aconteceu a Bento Gonçalves, quando alli o quiz surprehender, como adeante hei de expor. Assim é que tendo meu Chefe mandado bombeiros a Bagé, soube que Amaral alli se achava estacionado com forças. Seguimos para batel-o com o citado Corpo de Cavallaria e 25 a 30 infantes do referido Batalhão commandado pelo cadete Francelino, ao todo 400 homens mais ou menos.

Em tres ou quatro noites de marcha, sempre acampando ao romper do dia, em logar proprio, emboscados, rodeados de sentinellas, tambem emboscadas e collocadas pelo proprio chefe, com ordem de prender a quem se approximasse e podesse descobrir a força, fazendo-se unicamente 3 ou 4 fogões onde toda

esta gente churrasqueava, presas as argollas das espadas para evitar o tinido, ordem sob pena de prisão, para quem quer que fosse que fumasse á noite por ocasião da marcha. Eis como chegamos sem ser presentidos ao romper do dia 15 de março de 44 num grande laranjal proximo de Bagé, onde se dizia estar Amaral acampado e allí nos emboscamos por não encontrá-lo, visto ter mudado de acampamento no dia anterior para o cerro de Bagé, evitando assim uma infallivel derrota por milagre pois não teve conhecimento de nossa marcha. Chico Pedro pessoalmente sahiu só a ver se descobria vestigios de acampamento do inimigo para isso pediu na casa um poncho de bixará ³⁾ seguiu então parte da força circulando Bagé onde foi prisioneiro Domingos José de Almeida, Tenente Manoel Ferreira Franco e Joaquim Gualberto de Athayde. Nesse mesmo dia retrocedemos e á noute pousamos em Candiota. Tendo eu e o Tenente Alexandre de Azevedo Coutinho afiançado Almeida e seus dous companheiros por serem nossos conhecidos, Chico Pedro que era extremamente bondoso com seus prisioneiros, promptamente annuo. Nossos afiançados ficaram livres, dormindó junto de nosso fogão, mas para evitar duvidas, levando o negocio pelo seguro, foram-se essa noite. Dahi marchamos cedo e quando enfrentamos o serro da Palma, ás 10 horas do dia, encontramos na frente o valente Antonio M. do Amaral que atacando denodadamente deu-nos uma derrota completa, onde foi ferido meu chefe, morto o secretario Tenente Mariano José Rodrigues e mais vinte e tantos soldados, o mesmo numero de prisioneiros, pouco mais ou menos. Foram tambem o Major Antonio Israel Ribeiro, Capitão João Bento da Silva, Tenente José Bento da Silva, Tenente Alexandre Coutinho e o Alferes Manoel Patricio de Azambuja, que tem a honra de vos dirigir estes apontamentos que podeis vos servir delles como um dos muito autenticos para a historia que pretendeis escrever. Já me ia esquecendo observar que tendo Chico Pedro noticia de que nas pontas do Rio Jaguarão existia uma cavallhada do General Netto, mandou na tarde que pernoitamos em Candiota o Tenente Fidelis Paz dos Santos apartar 60 homens escolhidos e bem montados para apoderar-se

³⁾ Tecido grosseiro de lã, listado de preto e branco, cores naturaes, da ovelha, fabricado em Mostardas, com que os Senhores vestiam os escravos e que na revolução os republicanos no tempo do sitio de Porto Alegre faziam ponchos para seus soldados. O mesmo Bento Gonçalves chegou a usar como que para suas tropas acceitar tão delicada fasenda.

daquella cavallhada cuja partida foi tambem destroçada logo depois daquelle combate. Eis porque disse um bota que houve facilidade da parte do chefe legalista que bem conhecia a bravura de Amaral não devendo portanto separar-se daquelles 60 homens, dando superioridade ao inimigo em numero e valor.

Não sei Sr. Alfredo Rodrigues porque nenhum escriptor tem se occupado com a biographia do legendario General Francisco Pedro que tão relevantes serviços prestou á sua Patria na revolução de 35.

Nada tenho visto a respeito, entretanto o tempo corre e com elle desaparecem os dados que podiam servir para memorar esses brilhantes feitos de nosso benemerito patricio capaz para uma grande historia que bem demonstraria o valor dum dos Generaes rio-grandenses daquelles tempos.

Porque o Sr. não trata disso? Si o fizer, creia que pratica um acto de justiça, tanto mais por estar tratando da historia da referida revolução onde nenhum chefe prestou mais serviços á causa da legalidade do que aquelle General.

Ainda existe em Porto Alegre o desembargador José de Araujo Brusque, cunhado e onde tem filhos aquelle General que poderão fornecer-vos documentos etc. e que não porão duvida em attender o pedido que lhes fizer.

A historia de Araripe pouco se occupa do nome de Chico Pedro, não só omitindo certos combates por elle vencidos como em outros feitos que cabendo-lhe as glorias se deu a outrem. Neste caso está o combate de Piquiry, no tempo da campanha do General João Paulo dos Santos Barreto creio que em 40 ou 41 onde me achei. Tinha o Exercito deixado seu acampamento de inverno no Rincão de São Pedro então o commandava o General Seara, por João Paulo ter seguido para a Côrte. Chico Pedro marchou dalli de combinação como o Tenente Coronel João Propicio Menna Barreto, de igual patente e antiguidade, pois aquelle soube que o Coronel republicano Agostinho de Mello estava acampado em dito arroio e por isso pediu a Seara para ir batel-o. Compunha-se a força dos Corpos de Cavallaria, 4.º de Propicio e 5.º, bem como um Batalhão de Infantaria. As horas da marcha e cautellas necessarias foram as mesmas da expedição a Bagé, com a differença de termos pegado um bombeiro do inimigo na marcha que guiou nossa columna ao ponto onde achava-se o acampamento, sem que fosse necessario desta vez meu commandante encobrir-se e

minho e dispoz a Infantaria. Ordenou o maior silencio sem que ninguem ousasse acender um cigarro. Bento Gonçalves alli veio á meia noite pouco mais ou menos. Com a escuridão foi facil á sentinella avistar os cigarros accesas dos primeiros da frente da força inimiga. Assim é que approximando-se recebeu uma descarga da Infantaria, sem que ninguem cahisse morto. Bem pode avaliar a desordem e debandada que poderia haver. O inimigo perdeu todo a cavallhada e bagagem que trazia inclusive as canastras de Bento Gonçalves e dois superiores cavallos de seu andar. Ao amanhecer, o campo estava deserto, sem inimigo.

O mesmo que acabo de expor, Chico Pedro fez ao General Portinho, (no tempo da dita campanha de João Paulo, quando estavamos acampados no Rincão de São Pedro). Dalli partiu com o seu 5.º Corpo e Infantaria, esperou aquelle General emboscando-se á noite na bocca da picada de cima da serra que vem a Santa Maria, por donde vinha Portinho para a Fronteira, com sua força. O mesmo é o que já expuz, porém a gente inimiga dirigiu-se com muita cautella, sem *pyrilampos* que os denunciassem. A noute era clara, a sentinella avistou a força ao sahir do matto. Pouco adeante estava o Batalhão occulto. O que vae admirar é o que vou expor. Bento Gonçalves era um general valente alem de outras qualidades invejaveis que o distinguia, porem, pouco activo e infeliz na execução de seus planos. Pretendendo tomar desforra das derrotas inflingidas por seu adversario, dirigiu-se a Cangussú com força regular e quarenta ou cincoenta infantes. Chico Pedro presentiu seu movimento retirando-se dalli pela estrada que segue ao Passo do Mendonça no Rio Camaquam, seguindo-o de perto Bento Gonçalves, que marchou dia e noute. Chegaram ditas forças no Passo quasi ao mesmo tempo, ao romper do dia, acampando Bento Gonçalves na margem direita e nós na esquerda, depois de transpormos o rio por uma estreita e extensa picada que havia de lado a lado. Estavam tão proximos os inimigos que ao tomar agua no rio, tiroteavam-se. Chico Pedro vinha com seu Corpo, cincoenta infantes allemães de São Leopoldo, gente valente, commandada pelo Capitão Fernando Kersting, tambem allemão e um esquadrão do Corpo do Tenente Coronel José Ignacio da Silva Quadros, commandado pelo Capitão Manoel Velho. Conservou-se as forças todo o dia em suas posições sem que nossa Infantaria sahisse da picada do lado em que estavamos, onde durante o dia o Capitão Fernando preparava uma emboscada, abrindo cada infante um pique em sua frente de modo a ver a picada sem

sahir de poncho de bixará. Surprehendido o inimigo que achava-se em descuido, ao romper do dia, a derrota foi completa. Só resistiu o intrepido Major Urbano Gonçalves Meirelles por estar com o seu esquadrão a cavallo e por sua bravura, ahi pereceu. Fez-se grande numero de prisioneiros. Propicio acompanhou as deliberações de Chico Pedro, nada mais. Araripe deu-lhe toda a Gloria! Si gloria houve em semelhante surpresa, cabe toda ao meu commandante que approximou-se do inimigo sem ser presentido. Li a historia do tal Araripe ha mais de 12 annos. Si a tivesse ia revel-a para justificar o que disse, com mais alguma prova; ficou-me mais em memoria o que acabo de referir.

Emquanto a columna ao mando de Chico Pedro permaneceu em Cangussú foi atacada por tres vezes, como já disse, por Bento Gonçalves, no decorrer, segundo creio, de 43 a 44. A primeira vez veio este General com Netto e outros chefes, com forças de Cavallaria e Infantaria, atacar-nos na dita povoação, havendo de nossa parte as mesmas armas, 5.º Corpo e o bravo Batalhão de Fusileiros, Commandado pelo Tenente Coronel Francisco Felix. O projecto de Chico Pedro era de esperar o inimigo em caminho, do qual tive noticia que se dirigia, no intuito de surprehendel-o, como, porém, estivesse meu Corpo sem cavallos, quasi a pé, esperou em posição vantajosa proxima ao acampamento, não sendo preciso para a defesa sinão duas Companhias de Infantaria, uma commandada pelo Capitão Pinheiro e outra pelo Tenente Wenceslau Leite de Oliveira Bello, Era tão superior a posição que meu commandante escolheu para inutilisar a Cavallaria inimiga que Bento Gonçalves não poudo fazer uso della atacando com a Infantaria em tudo inferior á nossa, sendo repelida com perda de vinte e tantos mortos sem que houvesse prisioneiros, entrando naquelle numero o Capitão Commandante. De nossa parte morreu o dito Capitão Pinheiro e um cadete do mesmo nome. Eu casualmente era official de dia ao meu Corpo, foi quem mandou sepultar aquelles mortos, quasi todos negros e ferimento na cabeça por se apoiarem atraz de pedras altas occultando o corpo. Em outra occasião veio Bento Gonçalves atacar-nos no mesmo local. Chico Pedro homem de uma actividade admiravel teve noticia e foi esperal-o com uma allá do Batalhão referido e cavallaria ao passar um arroio que em uma das margens tinha um faxinal e picada por onde teria de passar o inimigo para atacar. Alli foi-se emboscar, tendo marchado de noite, como era seu costume. Colocou sentinellas no ca-

embaraço no momento preciso. Alli ficou collocado aquelle Capitão, recebendo o Commandante as seguintes instrucções: — passarem a noute alerta, cada soldado representando uma sentinella em seu posto, deixar passar livre tanto na ida como na volta aos bombeiros que o inimigo por ventura mandasse para reconhecer o destino da nossa força, que ia marchar ao pôr do sol; si porem viesse a força toda, calculando haver passado 300 homens, fizessem fogo, tomando a picada e resistindo de modo que jamais podessem reunir as partes desmembradas e quando tal resolução do inimigo fosse effectuada ao amanhecer, proceder do mesmo modo. Ao entrar do sol marchamos, quasi á noite pela estrada em que vinhamos na direcção de São João de Camaquã, por uma alta coxilha logo ao deixar o acampamento onde Bento Gonçalves do lugar em que estava podia ver nossa força em columna cerrada sem poder reconhecer si era ou não infantaria. Pouco adeante, já noute, passamos. Chico Pedro deu ordem ao Capitão Manoel Velho que fosse com seu esquadrão acompanhado de toda bagagem que traziamos, acampar a uma distancia de meia legua, num arroio que havia e que alli fizesse fogos distanciados de modo a representar um acampamento de forças. Dada esta ordem, retrocedeo a columna ao mesmo ponto em que partiu, collocando-se num faxinal distante do passo umas cinco a seis quadras, com os cavallos encilhados e pela redea.

Pelo que fica dito, já deveis ter comprehendido a cilada em que veio cair aquele General, posição que seu adversario recolheu deixando Cangussú para inutilisar a superioridade da força que pretendia derrotar. Bento Gonçalves mandou dous bombeiros ás 8 ou 10 horas da noute a descobrir o destino do inimigo, os quaes o Capitão Fernando, em cumprimento ás ordens deixou passar e voltar.

E' evidente terem dado noticia do simulado acampamento, assim é que ao clarear do dia veio á picada a columna inimiga, transpondo o rio. A Infantaria emboscada secundou as ordens, uma tremenda descarga annunciou como signal convencionado que a cavallaria já montada que se achava no faxinal devia carregar sobre o passo, foi o que aconteceu. A confusão do inimigo foi tal que ao avistarem-nos dispersaram em todas as direcções, em fuga, tendo ficado alguns mortos. Incontinentemente transpomos o passo, ao sahir o outro lado a pouca infantaria inimiga quiz obstar a formatura dos esquadrões, da posição elevada em que estavam mas a nossa, superior, a repeliu com toda força que se achava ao alcance das balas de arma de

Infantaria. Formada nossa força já fóra do matto, avançamos sobre o inimigo que ao sahir de uma coxilha veio ao nosso encontro, carregando com bravura apesar de um tanto desmoralisados como deviam estar com a antecipada derrota. Foi repellido e completamente derrotado. Pouco numero de mortos e prisioneiros. Reconheci naquelle numero o Major Firmiano, residente na Capella Grande. De nossa parte morreram o Capitão João Candido da Silva, Alferes Pedro Isipy e sargento Antonio Correa. Aqui termino estes apontamentos que pode tomal-os como documento. Junto envio-vos diversas cartas que talvez em algum sentido possam ser necessarias ao historiador. Disponha do vosso Patricio Affectuoso e creado Manoel Patricio de Azambuja. Estancia de Santa Martha em São Gabriel, 6 de Agosto de 1899.

AINDA O ATAQUE DE PORONGOS

Apontamentos

de Felix de Azambuja Rangel tomados pelo
Dr. Fabio Patricio de Azambuja

Canabarro á frente de seu Exercito de 1000 a 2000 homens achava-se acampado em Porongos.

Francisco Pedro Comandante das forças estacionadas em Cangussú, sciente da posição de Canabarro intentou surprehendel-o.

Reuniu suas forças e quando achou-se prompto e preparado encetou suas marchas tendo cautella de emboscar-se de dia. Ao cabo de sete noutes consecutivas de marchas, estava elle em Porongos. Nenhuma advertencia teve Canabarro de sua approximação, de sua chegada tanto que ao romper do dia, atacando Francisco Pedro sua vanguarda, disse elle: — „E' o bodinho do Fidellis“ — e entretanto momentos depois estava elle derrotado e desbaratado, deixando 300 homens prisioneiros, um individuo de nome João Duarte, fallecido em Taquary, com sua mulher e duas canastras a quem Francisco Pedro deixou ir-se por haver dito ser o medico das forças e entretanto era o portador das canastras de Canabarro conforme tempo depois gracejando com elle lhe fez ver um official prisioneiro.

Acampou Francisco Pedro a uma legua mais ou menos de Porongos e ahi escreveu a Caxias que estava em Bagé, dando parte da derrota inflingida a Canabarro.

Logo em seguida entregou os prisioneiros todos ao Batalhão de Infantaria que o acompanhava e remetteu-os para o Rio Grande e marchou em perseguição a Canabarro dizendo que só lhe restava ir a São Gonçalo tomar a cavallhada invernoada do Governo, que alli se achava e depois ir combater as

forças contrarias estacionadas em Rio Pardo ou Cachoeira. E tomando Canabarro rumo de Bagé, elle tomou rumo opposto, indo mais tarde encontral-o naquelle rumo como havia pensado. Seguindo-o de perto não poudo Canabarro levar a effeito o que desejava. Nessa perseguição, perto da Quinta do Bibiano, estando Francisco Pedro acampado no Passo do Pequery, disse ao seu Major de Brigada João Machado Moraes: — E's capaz de imitar a firma do Caxias? — Respondeu elle a letra é boa e talvez possa imitar. — Pois vamos fazer uma intriga contra Canabarro. E este homem é o unico que pode sustentar ainda a revolução portanto vamos fingir um officio de Caxias para mim dizendo que no dia tal (ataque de Porongos) mais ou menos vá atacar Canabarro e derrotal-o, visto haver entre elle Barão de Caxias e Canabarro e officiaes deste um convenio (indicando os meios de que referi quando o dito Francisco Pedro derrotou Canabarro). Esta intriga foi devido a dizerem os republicanos que Canabarro era um trahidor. E assim esse distincto General Republicano passou por trahidor o que é uma grande offensa ao seu illibado character e sua immorredoura memoria.

Quanto ao desarmamento ou melhor falta de fogo do Batalhão de Infantaria de Canabarro que tanto serviu para aco-roçoar a injustiça de taxal-o de trahidor, assim deu-se, como vou explicar.

Desde que Canabarro acampou nos Porongos, Francisco Pedro propalava constantemente que elle contava com o Batalhão de Canabarro e que quando se empenhassem em fogo elle faria fogo contra Canabarro, isto é, contra a gente de Canabarro.

Sendo preso um official de Canabarro por Francisco Pedro, pediu a este que não o deixasse soffrer tantos trabalhos sendo deportado. Elle então respondeu que só se elle fosse trabalhar a favor do Governo com a Infantaria e que lá encontraria companheiros nesse serviço. Perguntou o dito official qual era esse companheiro. Francisco Pedro respondeu estar ahi a chave do segredo mas que elle fosse trabalhando que haveria de encontral-o. Este official foi solto e apresentando-se ao General Netto, republicano, relatou semelhante facto e este o levou á presença de Canabarro. A' vista disto mandou Canabarro publicar uma ordem do dia procedendo ao recolhimento do cartuchame e declarando que seria distribuido por occasião do combate.

Não me recordo o nome deste official, porem, o vi prisioneiro e assisti á tal conversação entre elle e Francisco Pedro.

Chegando Francisco Pedro á quinta do Bibiano, entre os arroios D. Marcos e Pequery, ahi escreveu para a Cachoeira

pedindo ao Tenente Coronel Fernandes de vir juntar-se a elle e desse modo fazer frente a Canabarro. Fernandes não quiz e foi juntar-se a José Joaquim em Rio Pardo e meras circumstancias não poudo privar que Canabarro pela Eneruzilhada sahisse para a Campanha; pois tinha apenas 500 homens — Canabarro 1000 e tantos. Teve então de voltar e encontrando-se com Caxias em Piratinim mostrou o supposto officio que elle ditou em Piquery, no que Caxias approvou e mandou tirar pelo seu secretario a copia e assignou entregando-o de novo a Francisco Pedro. Este passando por casa de Manoel Rodrigues Barboza mostrou o tal officio. Este, republicano extremado, exaltando-se chamou-o de trahidor e pediu a Francisco Pedro na occasião de retirar-se para deixar-lhe o dito officio afim de copial-o. Logo que retirou-se Francisco Pedro mandou elle tirar muitas copias e remetteu, o original do officio a Bento Gonçalves que conhecedor da letra do secretario de Caxias, não duvidou da verdade e mandou incontinenti a Canabarro uma carta desafiando-o.

Esclarecimentos sobre a morte do Coronel Albano de Oliveira Bueno

Eu era muito creança nessa epoca, porem, conservo ainda viva lembrança desses tempos, sobre este facto, não só por ouvir falar como mais tarde, informado por testemunha occular. De consciencia direi o que sei:

Havendo um encontro das forças legaes ao mando do Coronel Albano com as forças Republicanas mandadas pelos Generaes João Manoel de Lima e Silva, e Netto, sobre Pelotas, perto do Arroio São Gonçalo, feriram um combate em que foi derrotado Albano. Vendo-se este sem mais recursos e sendo muito nadador, lançou-se ao rio com muitos companheiros que pereceram afogados. Albano lançou-se á agua com o ponche atado á cintura e talvez alguma arma, de botas, e um par de grandes chilenas de prata, usos daquelles tempos. Nandando, desfez-se do ponche e tirou uma bota; a outra não conseguiu tirar talvez por encharcada, ficando por meio pé. De terra mandaram um bote para pegal-o. Elle virou-o. Tiveram de mandar outro que quando chegou no logar já elle lutava com a morte. O poderam agarrar já na tona d'agua, um pouco atordoado. Um soldado indio que foi no bote ameaçou matal-o, porem, Lima e Silva que estava na proa e ia vendo gritou logo que não matassem e o conduziram para a terra. Ignoro os dias que elle alli esteve preso, sei que fizeram muitos prisioneiros e que os remetteram por mar para

Porto Alegre e Albano foi escoltado, por terra. Commandava a escolta um Capitão Martiniano de tal e sei que esta escolta trazia ordem de pelos districtos que passassem fazerem-se acompanhar por um visinho até certo ponto. Não sei a demora que teve o preso na Estancia do General Bento Gonçalves, deste lado do Camaquam, sei que eram compadres duas vezes, muito amigos e companheiros de proesas nas guerras da Patria. Tambem ignoro de onde voltou o Capitão Martiniano, sei que do Crystal para cá vinha acompanhando-o meu primo Antonio Bento Gabriel da Silva. Cumpre notar que meu primo ainda no Crystal facilitou uma pistolla ao pé do preso como talvez para que elle a guardasse, porem os guardas incontinenti previniram este descuido. Vinham de guarda ao preso dois soldados, um por nome Vidal de tal e o outro, Felicio, falto de uma vista. Ambos eram conhecidos de meu padraсто o finado Fermiano Pires, por homens de muito máos precedentes. Estes já vieram de Pelotas sem nunca serem rendidos e foram os executores. Sahindo do Crystal vieram pernoitar em casa do Juiz de Paz João Evangelista Tavares, oito leguas mais ou menos de distancia. Albano sempre mal montado, com uma corda atada nas pernas por baixo da barriga do cavallo conversou muito como o juiz de Paz, onde lhe disse que sabia o destino que lhe ião dar, que não sabia para que o levavam tão longe ao que lhe contestou o juiz dizendo que não devia pensar por aquella forma pois que não havia motivo grave para tanto, que seu crime era apenas um crime politico. O juiz de Paz mandou chamar um visinho José Luiz de Lima, mais conhecido por Juca Simão, homem de reconhecida probidade que gozou sempre de merecida estima deste lugar para o acompanhar. No outro dia seguiram viagem com elle Simão, Antonio Bento e os dois guardas, estes marchavam sempre na retaguarda do preso, armados de pistolas, espadas e tercerolas. Ao sahir do juiz de Paz passaram logo para a Estancia de meus avós maternos, Antonio Gabriel Meirelles e D. Marianna Francisca de Oliveira, esta já viuva, em direcção ao Arroio do Velhaco, divisa da mesma Estancia, denominada Estancia do Lageado. Antes de chegar ao Passo, como meia legua, morava uma tia minha D. Maria Luiza Meirelles, fronteando a morada, meu primo pediu a Simão que fosse acompanhando o preso enquanto elle ia dizer adeus á sua tia. Esta não o deixou sahir sem tomar café, sahindo depois a alcançar a escolta. Simão seguindo com o preso logo travarão conversação sobre carreiras por que ambos eram muito aficionados. Ao chegar á costa do Arroio onde existe uma restinga que se desprende do mesmo matto do Velhaco e torna a entrar muito embaixo com tres quadras, fornecendo entre o matto e a restinga um campestre

estreito mas comprido, tendo de entrada um boqueirão curto e estreito para passar. Foi ao chegar ao boqueirão que Simão ia relatando os episodios de uma carreira que havia corrido e vio que Albano olhou para traz e deu um rebencão no cavallo, talvez ouvisse o engatilhar das armas e não se demorou o estampido. Albano cahiu morto para o lado em que vinha Simão e este quasi cahiu sobre o corpo porque o cavallo assustando-se virou rapidamente sobre os dois pés e quasi o derrubou. Logo que poudo endireitar-se voltou para os assassinos e disse-lhes: Os Srs. que africa acabam de fazer, matam um pobre homem preso, sem resistir. Os malvados responderam com um ar de riso, apearam-se, cortaram a corda, examinaram o ferimento. Tinha entrado a balla na nuca e sahido na vista esquerda. Revisaram as algibeiras, encontraram duas onças de ouro, dividiram entre elles, montaram a cavallo e sahiram. Simão seguio em direcção á casa de minha tia, encontrando em caminho Antonio Bento, narrou-lhe o facto. Este voltando, veio directo á estancia de minha avó, onde disse o que tinha havido. Minha avó ficou muito encommoada, ralhou muito com o neto dizendo que elle era tambem connivente naquella desgraça que bem sabia que aquelle homem era filho de um compadre seu que muito estimava. Antonio Bento respondeu sempre negativamente, que para elle tinha sido uma grande surpresa e que de nada sabia, minha avó o que muito sentia era ter sido praticado este barbaro crime em seus campos. Mandou logo preparar uma carretilha e mandou trazer o corpo. Preparou-o e mandou sepultal-o no cemiterio dos Galpões, meia legua distante da sua fazenda. Passado algum tempo, veio deste logar uma força legal commandada por Chico Pedro, mais tarde Barão de Jacuhy, se disse que vinha esse official, parente de Albano e que procurava seus restos para levar. Este official foi de facto no cemiterio, indagou da sepultura de Albano. Foi-lhe mostrada, procedeu á excavação, porem, como não fosse preservada e já passados annos, tinham sepultado outros cadaveres em cima assim é que encontrarão muita confusão de ossos, nada fez e retirou-se.

Simão mais tarde foi meu compadre e sempre visinho. Por vezes conversamos sobre estas cousas, sempre relatando o facto por esta forma, sempre penalizado pelo barbaro attentado e revoltado contra os bandidos e com pesar de não poder dizer-lhes alguma cousa, pois eram homens desconhecidos e armados, elle um visinho sem armas e podiam fazer-lhe o mesmo. Pode haver alguma cousa mais a respeito, porem o que de consciencia sei é tão somente o que vae dito. São João de Camaquam, 23 de Fevereiro de 1897. (assignado) Mariano Rodrigues Barboza.

**A' saudosa memoria do Coronel Albano d'Oliveira Bueno,
assassinado quando preso pelos rebeldes na guerra civil.**

Aguarda ó caminhante! aqui repoução
As cinzas immortaes do grande *Albano*,
Que abraçado no amor da Patria chara
Veio a guerra fazer a hum vil tirano.

Inda quando apagado o raio ardente
De Leonidas rival o *heroe* prestante
C'o braço vingador assusta o crime,
Que inerme o teme, e o reconhece ovante:

Teu nome *Albano*, os monstros apavora,
Treme a mão do assassino ao dar-te a morte,
Recolhe a Patria o teu final suspiro,
Faz a trahição o que não fez Mavorte.

A honra brama, a Natureza ulula;
A justiça indignada ao Ceo voando
Implora a Jehovah, dardeje o raio
Sobre, o impio, traidor, horrivel bando.

Carissimo despojo! á gloria tua
Tributa encomios solida verdade;
Homenagem te rendem gratibundos
Invenciveis Leões da Liberdade.

Mereces mais que marmores de Paros;
Do Tempo a foice marmores consome,
Emquanto o Sol doirar a Natureza
Em gratos peitos reinará teu nome.

O luto, o pranto, os ais o *heroe* reprova;
Regeita com desdem funesta rama,
Das sombras do sepulchro triumphante
Albano vive na perpetua fama.

Por A. J. D. (A. J. Domingues).

Noticias

Por carta de Porto Alegre datada de 25 do corrente consta que o Ex.^{mo} Commandante das Armas havia entrado em Rio Pardo, e que dalli enviara o Coronel Gama para a Freguezia da Serra, para fazer junção com as forças que alli existem a favor da legalidade. Bento Gonçalves se achava no Arroio dos Ratos, dizia elle, que para fazer frente, e obstar a marcha do Commandante das Armas: dizem que a força do Chefe dos rebeldes não excede de 200 homens, inclusive 80 Allemães. Os celebres Majores Lima e Mattos com hum numero igual de Allemães. 6 peças de Artilharia, e cento e tantos homens de Porto Alegre se dirigia sobre esta parte da Provincia, para se reunir ás forças rebeldes commandadas pelo Netto; mas agora corre a noticia, que o bravo Coronel Gabriel Gomes, que Com-manda uma Divisão postada além de Camaquan perseguia fortemente este caudilho, e é de crer que obste a sua junção quando não consiga derrotal-o completamente.

Rio Grande

Infelizmente certificados da realidade do assassinato do illustre Coronel Albano de Oliveira Bueno, damos publicidade ao seguinte communicado que recebemos de pessoa fidedigna e bem informada:

„Por vias differentes nos chegão informações que confirmam o assassinato do Coronel Albano de Oliveira e á vista da coincidencia das circumstancias que se referem, não nos cumpre mais duvidar da perpetração desse crime.

Depois de alguns dias de prisão na cidade de Pelotas, foi o infeliz Coronel conduzido com os outros prisioneiros a Camaquan, onde, sob não sei que pretextos, aquelles, que levavam o crime encommendado, o separarão de seus companheiros de infortunio e o conduzirão a passar em differente passo no Arroio Velhaco, e alli o matarão com dois tiros e alguns golpes de espada. Na mesma margem do Arroio o enterrarão amortalhado com hum lençol, de que hião para esse fim apercebidos, e lhe poserão sobre a sepultura hua cruz com a seguinte inscripção — Aqui jaz Albano de Oliveira.

Alguns prisioneiros, que de Camaquan se tem evadido, relatão as seguintes circumstancias que nos parecem dignas de

mencionar-se. Dizem que o Coronel, prisioneiro, e nas mãos dos barbaros e ferozes anarchistas era ainda aquelle mesmo que tanto honrou esta Provincia, e que jamais succumbio á vista dos perigos. Elle lhes dizia: Vão, meos amigos, vão seguros que se estes malvados me não tirarem a vida, eu vos hirei buscar, e libertar, onde quer que estiverdes! A minha presente sorte me não afflige, afflige-me sim a vossa; porque ainda jovens não estaes ainda habituados a estes revezes da fortuna!

Parece não entrar em duvida que o assassinato foi já encomendado de Pelotas. Os mesmos escapados relatão que o official que commandava a escolta, recuando ao aspecto de semelhante atrocidade, déra parte de doente em Camaquan, onde se deixou ficar, para nella não tomar parte alguma e que ao passar o Coronel por casa de Bento Gonçalves, lhe sahira hua filha deste (Perpetua), que era sua afilhada a pedir á escolta que levassem embora preso o seu padrinho mas que o não matassem.

Os prisioneiros que se achavam em Camaquan, logo que souberam do assassinato do seu illustre Chefe, resolverão manifestar a sua dor, e mesmo na presença de seus ferozes inimigos, todos puzerão um signal de luto, atando lenços pretos aos chapéos.“

Quem a vista da relação do nosso correspondente não sente gelar-se-lhe o coração de horror! Assim acabou aquelle bravo generoso, aquelle famoso guerreiro, que não duvidou, para vir soccorrer a Patria, e salvá-la do jugo da tirania, abandonar no Estado Oriental hum rico estabelecimento, hua Esposa querida, e ternos filhos, dulcissimos penhores de sua alma, que não duvidou renunciar ás mais doces e encantadoras fruições para vir nas fileiras da Legalidade arrostar a morte, e soffrer as privações, que na campanha experimenta o ultimo soldado.

Os mais infames dos cobardes immollarão inerme aquelle mesmo bravo, que por entre chuviros de ballas, passou tantas vezes gloriosamente sobre os ventres de seus inimigos: Valente Defensor da Liberdade da sua Patria, como Viriato, e como elle o terror das legiões inimigas, como elle sempre inacessivel aos raios da guerra, o heroe Riograndense, maior nos ferros que nos campos de batalha, expirou ás mãos sacrilegas dos mais vis traidores, que tem ultrajado o Ceo, e a Natureza.

Não folgues, monstruoso tirano, com a morte de hum dos mais valorosos de teus inimigos. Não folgueis anarchistas, escravos do mais infame e execravel dos despotas, que se quer enthronizar: os Athletas da Liberdade da Patria não morrerão. Os bravos estão afiando as espadas na pedra sepulchral do

heroe que immolastes á vossa cobardia. A vingança hade ser terrivel, a punição estrondosa, mas digna dos fortes. Os verdadeiros bravos não insultão, não degollão prisioneiros. Pagueis o que fizestes ou no campo de Marte, ou entregues á espada da Justiça no cadafalso dos mais horriveis scelerados. Inconsolaveis em nossa dôr, lancemos algumas flores sobre o tumulo do heroe sacrificado. A terra lhe seja leve.

Cidade do Rio Grande, Typographia Mercantil, Rua Direita. 1836.

Narração da surpresa que Francisco Pedro d'Abreu fez ao General Neto e da morte do Coronel Affonso José d'Almeida Corte Real

Na noite de 16 de junho de 1840 o General Netto, seu secretario Sr. José Ribeiro Barreto, seu ajudante d'ordens Tenente Coronel Manoel Antunes da Porciuncula, seus ajudantes de campo tenentes Gervasio Neto, Joaquim Gonçalves da Silva, seu piquete, commandado pelo capitão João Pereira, o Coronel Corte-Real e o Capitão Barboza, de Pelotas, embarcaram em um lugar chamado a Prainha fóra de Itapuan, em um escaler e treis canoas, sendo governado por Garibaldi aquelle em que ia o General Neto, e nessas frageis embarcações vellejaram rumo do Sul porque perto de ondê sahiram estava fundeado um brigue de guerra e depois de assim navegarem por algum tempo viram de bordo e havendo luar tomaram o rumo do Morro da Formiga e todas estiveram em risco de serem submergidas porque o Nordeste que era brando tornou-se depois fortissimo de maneira que o escaler e canoas chegaram ao ponto desejado mas separadas. No dia seguinte pela manhã estavam todos a cavallo porque nos esperavam em cavallos o Capitão Joaquim da Silva Brandão, meu tio Francisco Gonçalves da Silva e meus primos Julio Cesar Centeno e Antonio Bento Gonçalves, pondo-nos em marcha, apenas sahimos das areias da praia, acampamos e somente continuamos a marcha de tarde mas ainda com sol, acampamos e pernoitamos a uma legua de distancia da Estancia das Moças, assim chamada essa propriedade hoje pertencente ao Tenente Coronel Carvalho. O Coronel Corte-Real não ficou alli, seguindo para a casa de Marcos Alves Pereira Salgado com um camarada, tendo instado muito commigo para acompanhal-o mas eu não annui porque o General Neto pretendia por lá passar o dia seguinte. Na manhã de 18 o General ordenou ao Capitão Brandão que com

treis soldados do Piquete fosse em busca de dous marinheiros por cuja captura se empenhava Garibaldi, os quaes na noite anterior regressaram para o ponto d'onde haviamos sahido. Tendo o General resolvido não passar por casa de Marcos Alves e sabendo eu que Brandão por alli passaria obtive licença para ir com aquelle Capitão o qual me fez esperal-o em determinado logar dizendo que ia até um passo em que devia haver rasto dos desertores si elles se encaminharam pela praia enquanto alli esperei com um soldado de nome Soterio ouvi um tiro tão forte que pareceu-nos tiro de peça. O Capitão Brandão pouco tempo se demorou não tendo encontrado vestigio algum e me disse: agora temos de seguir na mesma direcção em que veio o General. Logo após, á subida de uma coxilha o avistamos com sua comitiva nas proximidades da estancia das Moças e poucos momentos depois vimos com admiração que voltavam a toda brida e então logo ouvimos o toque de avançar e repetidos tiros pelo que fizemos alto, a observar, e quando já ninguém viamos e somente de vez em quando se ouvia algum tiro, eu disse ao Capitão Brandão — vamos á casa de Marcos Alves avisar do succedido a Corte-Real. O Capitão Brandão era muito conhecedor do terreno e guiou-nos por entre um botiasal tão junto, que em alguns logares nem a uma rez dá passagem e quando iamos em marcha em um campestre no nosso flanco direito apparecem tres cavalleiros que ao avistarem-nos pararam e, o mesmo fizemos nós e feito o reconhecimento com as devidas cautelas, verificamos serem companheiros nossos: um era um preso Julio Centeno e outros, um era um soldado ainda muito joven, filho de Pelotas e outro um crioulo de 12 a 14 annos pertencente ao Capitão Barbosa de quem já fallei. Chico Pedro o chamado Moringue, na noite de 17 havia chegado á Estacia das Moças e alli emboscou-se. O General ao approximar-se da casa mandou adeante o Capitão Pereira afim de obter um cavallo para um soldado que o tinha quasi cansado. Pereira foi com Agostinho Pires e Gaspar Borges e quando se approximou da casa appareceu o inimigo, elle e Agostinho fugiram e Gaspar ficou logo alli, prisioneiro. O Capitão Pereira reuniu e formou o Piquete e nenhuma ordem recebendo, cada um tratou de escapar, atirando-se no arroio Araçá que estava de nado e contava o meu primo Julio que estava conversando com o General quando appareceu o inimigo e que dirigindo-se o General com alguns pela estrada que vae á Xarqueada, elle não o acompanhou nessa direcção e então seguiu direito ao botiasal aonde estavam os dois companheiros que nos encontraram. O General em sua fuga mandou a toda pressa avisar a occurrencia ao Capitão Ignacio de Barros que estava na Xarqueada e reunindo-se-lhe aquelle Capitão com alguns soldados passou

o Araçá e seguindo na direcção da Serra foi por picadas sahir em São José e depois passou o Camaquan.

Chico Pedro aprisionou meu tio Francisco Gonçalves que não andava em armas e já idoso, tanto que o soltou logo, um primo Antonio Bento Gonçalves, sargento Saraiva e o corneiteiro do General e um indio de nome Pedro que conduzia a minha mala, pelo que, fiquei com a roupa do corpo. Luiz Barreto, Antunes, Gervasio, Pereira, Barbosa, Agostinho e outros escaparam atirando-se no Araçá. Quasi todos escaparam a pé, sendo falso o que asseverou Araripe á pagina 192 de haver morrido um Capitão e quatro soldados. Se Chico Pedro tivesse habilidade para aproveitar-se da surpresa teria emboscado sua força alem da casa onde ha espaço para occultar-se uma grande força de cavallaria e teria deixado o General chegar á casa e assim facil teria sido ser o General e sua commitiva toda prisioneira ou morta. Quando chegamos á casa de Marcos Alves encontramos morto a Corte-Real, tendo sido sua morte da maneira seguinte: Approximando-se na manhã de 18 uma pequena força á casa de Marcos Alves, Corte-Real sahiu para fóra, pensando ser o General Neto, mas, reconhecendo ser inimigo, procurou entrar, quando o Commandante da força, official, um Tenente João Patricio de Azambuja deu-lhe um tiro pelas costas, e sentindo-se ferido, entrou e disse fechem a porta, tirou ainda a espada a meio e cahio morto. Na casa estavam Marcos Alves, Jeronymo Gonçalves Meirelles, Zeferino Dutra e Francisco Figueiredo, este foi preso e levado por João Patricio, porem Pedro o soltou por saber, que elle não pegava em armas e Zeferino e Jeronymo se escaparam escondendo-se em um alçapão no forro da casa. Corte-Real na vespera pernoitando pela Estancia das Moças alli deixou por deante um camarada por quem soube Chico Pedro estar aquelle Coronel em casa de Marcos Alves para onde na manhã de 18 expediu uma partida ao mando de João Patricio da qual felizmente nos livramos por termos vindo por entre o botiasal. Na noite desse dia sahi com os primos Julio, Jeronymo Meirelles os tres soldados do piquete, o soldadinho de Pelotas e o crioulo com um bom vaqueano, que deu-nos o Capitão Brandão no rumo do Velhaco e antes de amanhecer chegamos ao passo geral daquelle arroio mas não o passamos por estar muito cheio; porisso no dia seguinte logo que clareou passamos em canoa. Eu fui para o Crystal onde estava minha familia, primo Julio para sua casa os soldados para S. José ajuntar-se ao General com quem passados alguns dias me reuni na ponte do Cangussú.

4.º Districto de Piratiny, 25 de agosto de 1899 — Joaquim Gonçalves da Silva.

Morte de Côte Real

No mez de junho de 1840 o General Netto, tendo-se passado da margem esquerda para a direita do Rio Guahyba, estava no lugar denominado Barba Negra. Chegou alli sem recursos de movimento e tratou de mandar agarrar animaes chucros e domal-os afim de montar a força que o acompanhava e que era composta de cento e tantos homens. Demorou-se ahi cerca de quinze dias dando assim tempo para que o inimigo soubesse e mandasse esperal-o no passo de Santa Anna (do Arroio Araçá).

No dia 17 de junho marchou do Barba Negra o Coronel Affonso Corte Real, acompanhado do Capitão Jeronymo Meirrelles, do tenente Zeferino (das forças de Garibaldi), e de mais duas praças e dirigiu-se á casa (estancia) do finado Marcos Alves Pereira Salgado, que então existia, casa esta que era denominada Estancia de Santa Barbara. Ahi chegaram ás 7 horas da noite debaixo de uma chuva torrencial, levando de Neto o seguinte recado: — Que o esperassem, que no dia seguinte elle Netto iria almoçar com Marcos Alves.

Ahi mudaram roupa Corte Real e seus companheiros e pernovernaram. Estavam na casa, alem de Corte Real e seus companheiros, Marcos Alves, Chiquinho da Boa Vista e um mulato de nome Chico Ignacio.

Marcos Alves mandou collocar um vigia para avisar a aproximação da força de Netto. No dia seguinte, seriam 7 horas da manhã vinha sahindo o sol, o dia estava lindissimo, ventando rijo pampeiro, o vigia veio annunciar que se avistava uma força que vinha na distancia de 2 leguas da casa e pela mesma estrada por onde era esperado Netto. Marcos Alves levantou-se e foi acordar Corte Real e seus companheiros, dizendo-lhes que se approximava uma força e que elle suppunha ser o Netto,

Depois de algum tempo sahiram para a frente da casa Corte Real, seus companheiros e as outras pessoas já referidas. Vinha então já na distancia de duas quadras a força que se approximava e que não poude ser reconhecida porque os sete homens de que se compunha traziam lenços atados nos queixos, ponchos e chapeos desabados. Chegada que foi a força, adiantou-se o seu commandante e fez seu cavallo saltar o parapeito e depois delle, aquelles que o acompanhavam. Vendo Marcos Alves que o commandante por baixo do poncho, fazia movimento que julgou ser de arrancar pistola, voltou-se para os que lhe estavam ao lado, um dos quaes disse nessa occasião: — Não é Netto. Ao que Corte Real respondeu: — E' gente do seu piquete.

Marcos Alves desconfiado, tratou de recolher-se á casa e

os outros o acompanharam. O ultimo que se recolheu foi Affonso Corte Real e já se achava na porta quando recebeu um tiro. Os que entraram antes delle não souberam logo que o tiro fôra disparado contra Corte Real, nem que este ficara ferido. Ouviram apenas este dizer: — Fechem a porta. Quando Marcos Alves procurava abrir a porta que da sala dava para o interior, approximou-se delle Corte Real e, desembainhando a espada disse-lhe — Eu fui o primeiro. Marcos Alves entrou para o interior, levantou uma vidraça e saltou para o jardim procurando o matto que ficava por traz da casa. Ouvio então o referido commandante gritar-lhe: — Pare-se primo Marcos porque senão lhe atiro. Ao que Marcos respondeu: — Si me dá a sua palavra de honra que não me atira eu paro-me. Elle respondeu-lhe que sim e accrescentou: — Vá fazer com que essa gente se entregue. Marcos voltou então ao interior da casa e, já encontrando morto o Affonso, voltou á janella e disse ao commandante da força: — Sabe quem morreu? Foi o Affonso. Ao que, com muita indiferença retorquiu o commandante: — Pois faça com que os outros se entreguem.

Marcos recolheu-se e vio então que estavam diligenciando esconder-se embaixo do assoalho, do qual se levantára uma taboa com muito custo, tendo já se occultado o capitão Jeronymo Meirelles e o tenente Zeferino, deixando de fazer o mesmo o Chiquinho da Boa Vista porque era gordo e não poudes passar pela abertura da taboa levantada. Por cima desta taboa recolocada fizeram cama e nella se deitaram duas moças, dizendo que estavam doentes. Chiquinho da Boa Vista metteu-se embaixo de um colchão e mandou uma senhora sentar-se emcima. Marcos Alves subio e escondeu-se no forro da casa.

A tudo isto a mulher de Marcos continha a todo custo a força inimiga que queria entrar em casa dizendo-lhes que não se apressassem, que a casa estava cercada, que Affonso estava morto e que elles esperassem que as senhoras se vestissem, pois ninguem podia escapar-se.

Quando foi-lhe permittido o ingresso, a força inimiga só descobrio o Chiquinho da Boa Vista (embaixo do colchão), procurou embalde os outros e nessa busca disse o seu commandante: — Mas essa gente derreteu-se como manteiga, pois agora ha pouco estive fallando com o primo Marcos e elle já evaporou-se. Mandou alguem subir ao forro e espiar. Essa pessoa deu um pulo, suspendeu o corpo e depois de poucos instantes de inspecção deixou-se cahir e declarou: — Não ha ninguem.

Então a força inimiga comeu e bebeu o que poudes, aproveitando os preparativos que estavam feitos para o recebimento de Netto, e retirou-se levando prezo o Chiquinho da Boa Vista

e arrebanhando os cavallos que estavam na estrebaria e mais proximos.

Contou Chiquinho da Boa Vista (que na tarde desse mesmo dia foi solto) que ao chegar ao passo de Santa Anna, Chico Pedro perguntou ao commandante da força: — Então, que é dos homens? Ao que lhe respondeu: — Affonso Corte Real morreu, os outros escaparam-se. Chico Pedro perguntou ainda e encommoado: — Mataram? Ao que lhe respondeu o commandante: — Porque resistiu.

O Commandante dessa força era João Patricio de Azambuja (do Sorro do Roque, S. Jerony).

A' mesma hora em que morria Corte Real era batida a força de Netto que vinha para a Estancia de Santa Anna, vindo Netto na sua retaguarda. Netto, para escapar-se teve que retrogradar e forçar a nado (no seu celebre cavallo branco) o Arroio Araçá junto ao lugar onde depois fez casa Henrique Braga, para a sua margem direita e dahi seguiu pela margem do Ribeiro, banhado do Douradilho em direcção á Capella das Dores. A força de Netto foi surprehendida e si não fosse esta circumstancia talvez não fosse derrotada.

A morte de Corte Real foi muito sentida, mesmo entre as forças do Governo. O Regimento, ou antes a brigada do João Propicio tomou luto, e era esta uma das mais acreditadas forças do inimigo (Governo). Corte Real, filho de uma familia importante, tinha então cerca de trinta annos. Era um homem bonito que se distinguia por uma fina educação; trajava muito bem e com muito luxo. Os arreios em que montava tinham muita prata e até brilhantes. Tocava violão e cantava muito bem. Foi enterrado nas Dores de Camaquam. Foi João Patricio de Azambuja quem o assassinou, dando-lhe um ou dous tiros (?) de pistola traiçoeiramente, sem que o assassinado visse.

Corte Real foi ferido por duas balas; uma dellas foi encontrada dentro da sala de Marcos Alves. O tiro acertou sobre o lado direito, um pouco abaixo do braço e na região do pulmão. As balas sahiram do lado esquerdo.

Chiquinho da Boa Vista era o nome popular e commum de Francisco de Oliveira Figueiredo.

Esta narracção me foi feita por uma testemunha ocular um filho de Marcos Alves, de nome João Baptista Pereira Salgado que estava na occasião em casa de seu pae e que tudo presenciou.

Eu a escrevi na presença da mesma testemunha que depois a leu e achou conforme.

Porto Alegre, 14 de abril de 1886.

(assignado) *Graciano A. de Azambuja.*

São Luiz, municipio de Rosario, 20 de Janeiro de 1901.

Ao irmão Manoel Patricio de Azambuja — São Gabriel.

Recebi o Annuario do Rio Grande que mandastes e ahi li a narração da morte do nosso parente o bravo Coronel Affonso Corte Real e a imputação que me fazem. Como sabes, esta narrativa é um amontoado de falsidades e peço-te fazer publicar a que te envio, dictado por mim de cima de uma cama e onde me acho gravemente doente. Acredito não ter a minha contestação publicada devido ao meu precario estado de saude, porem ao menos tenho já o consolo de haver deixado a verdade escripta para que a calumnia não manche mais tarde a minha memoria, de homem honrado. Ao morrer levo a consciencia tranquillã, não commetti assassinato e assim acreditem os meus amigos, parentes e concidadãos.

Adeos, abraça aos teus filhos e ao velho irmão e amigo
(assignado *João Patricio d'Azambuja*.)

Morte do Coronel Affonso Côte Real

Narrativa do Coronel João Patricio
d'Azambuja.

Sob a epigraphe acima o Annuario do Estado do Rio Grande do Sul do corrente anno, publicou uma noticia, que, a bem da verdade, merece energica contestação de minha parte e demais, estou no lamentavel acontecimento envolvido de modo indigno, pois ahi se diz que commetti um assassinato á traição. Esta imputação que se me faz é falsa, é falsissima e adeante mostrarei. Saibam todos os nossos patricios, que lêem, sem paixão, as monographias escriptas por narradores dos episodios da revolução de 35, a maneira porque em geral apreciam os factos; si são sympathicos aos farrapos, deprimem os legalistas e vice-versa e hoje mais do que nunca os legalistas de então mais soffrem aggressões, porisso não admira que um legalista daquella epoca, já velho, com 80 annos, receba publicamente uma pedrada accusando-se-me de assassino e por ouvir dizer, pela phantasia da reminiscencia de uma creança. A narrativa simples que vou fazer não é para tão tarde estabelecer uma impropicia discussão porem é para contar a verdade occorrida e protestar contra uma calumnia que só agora me foi insolitamente lançada 50 annos depois da morte do valente e desven-

turado Coronel Affonso Corte Real, ainda meu parente. Vamos ao caso: — O Coronel Chico Pedro, por ocasião do sitio de Porto Alegre, junho de 1840, sabendo que o General Netto deixava a Capella do Viamão procurando a fronteira, devendo passar na altura de Itapuan, para a margem direita do Gua-hyba, o foi esperar no Municipio de São João de Camaquam e no Arroio do Velhaco, derrotou Netto, dispersando a sua gente. Continuando Chico Pedro a perseguição dos fugitivos, chegou á noite do mesmo dia á estancia das Moças onde encontrou um soldado doente e de quem soube estar Corte Real em casa de Marcos Alves Pereira Salgado, tambem meu parente e como esta casa não ficasse muito distante, Chico Pedro me determinou que, com 16 homens, fosse ahi dar cerco e prender Corte Real, recommendando-me evitar toda a violencia, como era de sua indole bondosa e calma. Posso assegurar que a escolha de minha pessoa para tão importante dilligencia, sendo eu um simples sargento, foi devido ao facto de ter, mesmo na revolução servido de ordenança do immortal Bento Gonçalves e em cujo tempo conheci Corte Real e mereci como parente a sua amizade. Quando Chico Pedro em presença do referido soldado doente deu-me a ordem de prender Corte Real, o mesmo soldado disse: — O Coronel repete sempre que não se entrega a gallego e ha-de brigar até morrer. — Ao amanhecer do dia seguinte me approximei da casa de Marcos Alves, deixando a pouca distancia a minha força e adeantei-me somente com o soldado Vieira, e ao chegar ahi fui esperado na frente da mesma casa, por Corte Real, Chico da Boa Vista, Marcos Alves, Jeronymo Gonçalves, dois soldados republicanos e distingui tambem perto do arvoredor uns pretos de blusa encarnada, que soube depois serem escravos do dono da casa. Reconheci logo Corte Real e só já muito proximo do grupo que me esperava, fui reconhecido como inimigo, então Corte Real procurou entrar para a casa e adeantando o meu cavallo tratei de impedir, saltando um parapeito de madeira e disse: — Coronel, trago ordem de prendel-o, porem não desejo usar de violencia, o Sr. bem vê que deixei a distancia a minha força e venho apenas com uma praça. — Corte Real vacillou e, sem responder-me, passou rapidamente por baixo do pescoço do meu cavallo e entrou na casa seguido por seus companheiros. A estes não procurei obstar. Então cruzei o meu cavallo na porta por onde entraram e, de pistola engatilhada na mão direita gritei á minha gente que cercasse a casa. Ouvindo esta ordem Corte Real apparece já armado, tendo a espada na mão esquerda e a pistola na direita, apontando-a logo para atirar-me e não sahindo o tiro, gritei-lhe: Coronel sua arma está no descanso não lhe quero matar, entregue-se. Então o meu desventurado parente em

acto continuo baixou o braço direito, amparou a pistola sobre a perna e com a mão que a segurava, engatilhou e ao levantá-la para atirar-me, dei-lhe um tiro e immediatamente fecharam a porta com tanta presa que esta ainda bateu em Corte Real, compellindo-o para dentro. No momento fiquei sem saber qual o resultado do meu tiro sobre o inditoso Coronel.

Como isto differe do que foi narrado no citado Annuario?!

Continuemos:

Fechada a porta da frente, corri logo para o fundo da casa e derrubando um outro parapeito, já podre, bolliiei a perna sobre o cavallo e, a pé guardei a porta de sahida que estava aberta, ouvindo nessa occasião, caminhar apressado, de dentro uma pessoa, cruzei o braço, armado de pistola engatilhada, quando appareceu Marcos Alves, que estacou já com o queixo encima da arma e assustando-se, cahiu de costas e estando de tamancos, resvalou, ficando com as pernas do lado de fóra e por ellas o puchei. Já em minhas mãos, Marcos Alves pediu que não o matasse, ao que respondi: — Porque hei de matal-o? — Eu vim prender Corte Real e seus companheiros. A esta resposta foi que vim a saber da morte de Corte Real, por Marcos Alves, que designando-me o interior da casa, disse-me: — Elle alli está morto no corredor com um ferimento na testa. Com effeito lá estava o valente republicano estendido de costas. Ainda não querendo usar de violencia aconselhei Marcos Alves que incitasse os companheiros do morto a se entregarem e fiquei do lado de fóra, aonde me achava á espera da resposta. Depois de alguma demora veio a Senhora de Marcos Alves dizendo-me que em casa não havia mais ninguem e que todos, com medo se evadiram, o que não era possivel porque a minha gente estava vigilante e logo pedi licença para dar uma busca o que effectuei. No sotão, escondido em um monte de lá encontrei o Chico da Boa Vista e dois soldados, num quarto dentro de um bahu, as armas de Corte Real já escondidas e num outro quarto perto de uma janella estava uma caixa, desconfiando a afastei distinguindo um alcapão que ella encobria, para o porão e ahi achei Marcos Alves e Jeronymo Gonçalves, descobertos estes pediram garantia de vida e igual pedido fez a Senhora do primeiro, para ambos. Tranquillisei a todos e disse em voz alta, para ser ouvido: — Aqui não ha gente. — E colloquei a caixa no mesmo lugar. Eis tudo quanto se passou. Mais tarde, accusam a minha gente de ter roubado os aperos de Corte Real, porem tal inverdade foi logo desfeita por Chico da Vista e Jeronymo Gonçalves. Tambem não é verdade que tivessemos comido o jantar que dizem estava prompto e garanto nem um matte tomamos.

Finalizando.

Não entro em mais detalhes sobre o lamentavel facto que acabo de narrar, porque já velho, cansado e doente quero conservar a tranquillidade do ultimo quartel da vida e não offender áquelles que tão grande injustiça me fizer e depois tenho a consciencia do justo que cumprio o seu dever em legitima defesa.

Estancia de São Luiz, Municipio do Rosario, 20. de janeiro de 1901.

(assignado) *João Patricio de Azambuja.*

Retirada de Canabarro pela Serra de S. Martinho

São Leopodo, 31 de março de 1898.

Ill.^{mo} Sr. Alfredo Ferreira Rodrigues.

Recebi a sua carta e em attenção a seu pedido fui já duas vezes procurar o Pedro Brusque, que me tinha promettido reunir outros documentos, mas andava elle para São João e não voltou no prazo que me disseram. Comtudo aproveitei a fallar ao Dr. Joaquim Ribeiro sobre a correspondencia de seu avô Bento Manoel Ribeiro e soube que tinha cartas de algum interesse e a correspondencia do pae, que acompanhava Bento Manoel e dava conta diaria de tudo que se passava na força, mas que o archivo de seu avô estava em poder de um tio e já lhe havia promettido a correspondencia. Pelo que, reitmando-lhe o pedido, comprometteu-se de novo a lhe enviar tudo que lhe possa servir e mais me informou que o Assis Brasil deve ter grande quantidade de documentos que foram remettidos ao Club 20 de Setembro quando este quiz encarregar ao mesmo Assis de escrever a Historia da Revolução Rio Grandense e que Assis despresando as fontes, fez obra de propaganda e, como suppõe, ainda não restituiu ao Club esses documentos. Como não tenho relações com o Assis, aviso-o para que ou d'elle ou do Club, possa obter essa mina. Por minha parte tenho me posto na pista de mais algumas prêas, e talvez que lhe obtenha o archivo de David Canabarro, que já sollicitei por intermedio de um meu cunhado, por não poder eu ir até onde móra a viuva. Escrevi tambem a José de Araujo Ribeiro sobre a correspondencia do Visconde do Rio Grande que talvez Vmcê. possa en-

contrar por lá. Sobre a do Pedro Chaves e Fernandes Braga, ainda nada pude saber por não ter encontrado nenhum dos membros da familia do desembargador Paulino; sobre a do General Portinho mandei fallar por pessoa intima a D. Luzia, que está presentemente em Porto Alegre e pela mesma mandei dar um toque ao Appollinario a quem disse-me o velho Felicissimo de Azevedo deu tudo o que possuia a respeito.

Sobre a marcha de Labatut, que o Araripe faz seguir de Lages para Passo Fundo, pesso transmittir-lhe as informações de meu pae, que militar em 39 e licenciado por ferido, se achava então na fazenda do Carauno, pertencente a meu avô, e por cuja frente passavam as forças. Elle não seguiu de Lages para Passo Fundo, mas passando o Pelotas no Passo de S. Victoria, e o Rio das Antas, no Passo de Cima, na fazenda do Mathematico que confina com a do Carauno (ambas com fundos ao Antas) e transitando pela Boa-Vista entre o Antas e o Camisas veio até S. Francisco de Paula, onde acampou alguns dias guardando a desembocadura da Serra ou estrada de S. Antonio da Patrulha, por onde vinha subindo David Canabarro em demanda dos Campos de São Francisco. Este sabendo de Labatut, começou pouco abaixo do lugar denominado Samambaia a abrir um desvio a sahir nos campos da da Fazenda das Taipas duas leguas mais ou menos de S. Francisco para a banda das Torres; mas Labatut tinha-se erguido ás pressas como dizem os patricios em direcção á Vaccaria, e passando o Rio das Antas no Passo do Meio, na confluencia do Rio das Tainhas (alguimas leguas abaixo do Carauno) lá deixou no canal do rio as peças que levava e soltou rio abaixo as canoas existentes. Canabarro que com tanto custo abriera caminho pelo flanco ou por desviar encontro em posição tam. desvantajosa como a bocca da serra, que sahe dentro da villa de S. Francisco e onde Labatut devia ter trincheiras e dominar do alto, ou por intentar batel-o pela retaguarda, surgindo no campo sabendo da fuga, seguiu quasi no mesmo rumo mais pela direita e passando o Tainhas poucas leguas acima da foz, viu-se ilhado pelos dois rios durante 15 dias em que as enchentes fizeram os Farrapos curtir duras fomes e devorar cavallos e até maneadores como contam os antigos. O Rio das Antas o passou Canabarro num passo que ainda hoje se chama Passo dos Farrapos proximo ao passo que serve agora á estrada que vae á capella e povoação do Bom-Fim, e fica a menos de uma legua abaixo da foz do Arroio do Moraes nas Antas (dividindo o Carauno). Do Carauno arrebanhou Canabarro os primeiros gados e animaes na Vaccaria, por estarem então despovoados os campos visinhos. Bento Gonçalves quando subic pelas Torres passou o Antas pelas vertentes na Costa da Serra

entre as Fazendas do Lobo e Ausentes, vindo a passar tambem pela Fazenda de meu avô e pae para se reunir a Canabarro.

Quanto ás forças de Labatut meu pae não sabe precisar c numero mas affirma que quando passaram para S. Francisco faziam-lhe a vanguarda forças da Cruz Alta commandadas pelo Coronel Mello de Albuquerque, por alcunha Mello Manso e outro Tenente Coronel Mello apellidado Mello Bravo que tinham ido da Cruz Alta por Campos Novos, a Lages, onde bateram em Curitybanos, em 12 de janeiro de 1840 mais ou menos ao Coronel Joaquim Teixeira que por sua vez subira da Laguna por S. Francisco e Vaccaria e batera em dezembro ao brigadeiro Cunha que entrou no Passo de S. Victoria no Rio Pelotas (14 de dezembro segundo Araripe). Como não diz Araripe onde nem quando recebeu Labatut o reforço a que allude é de suppor que fosse em Lages onde se lhe reuniram os Mellos e que portanto já em S. Francisco dispuzessem dos 2600 homens que lhe dá, ainda mais que os Mellos foram para bater e bateram Teixeira, que segundo o mesmo Araripe montava 500 homens.

Desculpe tanta minucia e caceteação; mas como entendo que essa marcha dos Farrapos atravez das Serras naquelle tempo é um feito de extraordinaria constancia e valor e si não comparavel á Retirada da Russia pela grandiosidade, bem pode lembrar a dos 10.000 gregos de Xenophonte ou as emigrações pernambucanas, persuadiu-me que fornecendo-lhe informações de testemunha quasi ocular e difficeis de colher a quem não conhece esses logares nem o pessoal antigo que as pode ministrar, fazia um convite a não desprezar esse quadro a quem já nos deu um tão vigoroso e soberbo da batalha de Avahy (embora com enthusiasmo mais de patriota que de historico grave e severo. E já que lhe fallo em tal ha de me dar permissão para reproduzir alguns trechos num livro de themas que tenho em mãos, a proposito da descripção de uma batalha.

Sem mais, queira relevar a massada e ter sempre no numero de seus admiradores a seu patricio e criado attento

(assignado) *José Fialho Dutra.*

NB. — Ha de desculpar a indelicadesa de lhe mandar uma carta tão cheia de borrões e incorrecções; pois o tempo ainda me é escasso e a ter de copiar ser-me-ia obrigado a adial-a.

Combates do Cahy, S. José do Norte, Ponche Verde e Serro da Palma

Camaquam, 6 de agosto de 1897. — Ill.^{mo} Sr. Alfredo Ferreira Rodrigues. Acuso o recebimento de vossa carta datada de 15 de julho, acompanhando um folheto narrando as circumstancias em que se deram o cerco e a morte do Coronel Amaro (?) no Arroio Velhaco e do que tudo estou ao facto e onde defenderei ao meu pae de saudosa memoria, das accusações que lhe foram feitas e pelo que vos fico bastante penhorado e agradecendo-vos a remessa desse folheto. Pediu alguns documentos acerca da revolução de 1835 que eu possa possuir e mais alguns esclarecimentos acerca de factos nella occorridos. Documento nenhum conservo. Quem poderá conservar algum é o meu irmão Joaquim a quem constantemente já vos tereis dirigido mas, alguns apontamentos acerca de alguns combates em que me achei nessa revolução vou dar-vos para serem equiparados com os que já tiverdes colhido e que poderão servir para a historia que tentais escrever. Começarei pelo combate do Ponche Verde em 26 de Maio de 1843 e peço-vos perdão porque vou contrariar ao que dizeis em vosso Almanach de 1896, onde se lê o seguinte na pagina 18 acerca do General Canabarro.—Nessa epoca era General em Chefe do Exercito da Republica, posição a que fora elevado (julho de 1843) em seguida á demissão de Netto. Depois de uma serie de combates sem vantagem real de parte a parte resolveu levar hum ataque em forma á columna de Bento Manoel, aproveitando a circumstancia de se achar dividido o exercito imperial com surpresa realisado com poderosos elementos, sortiu o desejado effeito. O combate de Ponche Verde (26 de Maio de 1843) sustentando duas horas com encarnecimento foi favoravel aos republicanos, que repelirão a cavallaria Imperial que por vezes procurou o abrigo dos quadrados. A' approximação de hum cavallhada que supozirão os combatentes serem reforços mandados por Caxias, obrigou-os a retirarem-se carregando os despojos tomados. Assisti a este combate servindo de Major da brigada, linha que commandava o Coronel Antonio Manoel do Amaral sob as ordens de Canabarro que ficou de protecção á infantaria e portanto bem me recordo da forma por que se deu esse combate. Não pretendo tirar glorias ao General Canabarro, não posso tambem deixar que as tirem ao meu sempre lembrado pae na descripção da historia da revolução que ides escrever. Quando se deu esse combate em Maio de 1843, ainda commandava em chefe o exercito Republicano o meu pae e foi quem dispoz a forma porque se devia acommetter a columna de Bento Manoel, collocada em linha de combate. Nessa occa-

sião determinando meu pae para que Canabarro acomesse com a cavallaria pelo flanco direito de Bento Manoel, elle disse-lhe que ficava de protecção á infantaria, com a cavallaria já designada, que era a que estava mais mal montada e onde me achava eu, como já disse, na Brigada do Coronel Amaral que tambem ficou de protecção á infantaria; isto é a verdade: Canabarro tinha os seus caprichos e força de vontade e não por covardia foi que se negou ao cumprimento dessa ordem pois o seu valor era reconhecido, talvez por entender que ficando de protecção á infantaria prestaria mais serviços. Estava em frente quando isto se deu, tanto que nessa occasião meu pae quiz que eu ensilhasse o seu cavallo que ia a cabresto e de reserva, por me ver mal montado ao que não annui ponderando-lhe que podiam matar-lhe o cavallo e ficava sem outro para ensilhar. Dadas pois por meu pae as disposições para acometter a columna de Bento Manoel, carregou-lhe com a cavallaria pelo flanco direito e a infantaria começou o fogo pela frente, sendo derrotada toda a cavallaria de Bento Manoel e acutilada á distancia de 1 legua, perdendo muitos homens mortos, toda a cavallada, bagagens, inclusive uma carretilha de Bento Manoel. Parte da cavallaria abrigou-se nos quadrados que formou a infantaria, ficando meu pae com a cavallaria sobre a retaguarda da columna de Bento Manoel e Canabarro, de protecção á infantaria que sustentou sempre vivo fogo embora em numero muito inferior á de Bento Manoel, o qual se conservou sempre na defensiva, sem tentar acometter porque se carregasse sobre Canabarro seria acometido pela retaguarda, o que tinha vindo meu pae prevenir a Canabarro. Pouco antes de entrar o sol se poz em marcha a columna de Bento Manoel retirando-se pelo flanco esquerdo de Canabarro, acompanhando meu pae com a cavallaria o seu movimento e com o qual fez Canabarro junção marchando pelo flanco esquerdo de Bento Manoel, debaixo de tiroteio das infantarias e acampamos no campo de combate abandonado por Bento Manoel, fazendo-se sepultar os mortos que ahi foram encontrados e á noite dalli nos retiramos por assim ser mister para se acutillar a força. Não me recordei dos mortos e feridos que tivemos, estes foram se tratar na fazenda do Dr. Manoel Vieira da Cunha, perto do campo do combate. Desde a vespera do combate tinha meu pae sciencia da marcha da columna de Bento Manoel por aviso que mandou o Coronel Guedes que, desde a fronteira, vinha marchando na sua frente. No dia seguinte que foi o do combate, marchamos pela manhã afim de encontral-a, marchando Canabarro na frente, vindo na retaguarda o General João Antonio com a infantaria a quem por vezes meu pae mandou activar sua marcha e que vinha passando o banhado do Ponche Verde, levando bastante tempo

a chegar, sendo isso a causa de não ser atacado Bento Manoel de surpresa, vindo em marcha e nada suspeitando; só quando viu a força de Canabarro em marcha numa coxilha onde estávamos. Preveiu-se então e avançando tivemos de ceder essa excellente posição por não haver ainda chegado João Antonio com a infantaria, a qual quando chegou já Bento Manoel havia tomado conta della e onde formou-se a linha de combate. Assisti ao combate em 30 de Abril em Rio Pardo (não me recordo o anno) onde Bento Manoel patenteou sua pericia militar, passando com o exercito republicano no Rio Pardinho, em balsas e canoas, rompendo mil difficuldades, mandando abrir picadas nas mattas e atulhando sangas para passar a artilharia e carretas para sahir do Rincão do Rei tomando posição na noite de 29 para no dia 30 levar a effeito o combate, derrotando completamente o exercito da legalidade commandado pelo General Barreto, e do que deveis ter apontamentos: Na noite de 29 por ordem de Bento Manoel segui com duas peças de artilharia e a guarnição e um piquete de cavallaria para o Porto do Fagundes, abaixo do Rio Pardo afim de obstar aos lanchões e canoas que pelo Rio Jacuhy pretendessem descer. Cabe-me dizer-vos que comecei os meus serviços na revolução, na artilharia por assim me ordenar meu pae no Rio de Janeiro onde se achava preso, abandonando os meus estudos na escola militare já com os primeiro e segundo annos approvados. Pretendiam descer pelo Rio muitos lanchões e canoas aos quaes fiz fogo, chegando logo apoz a derrota da legalidade um corpo de cavallaria com armas de infantaria tomadas para coadjuvar-me assim he que aprisionamos muitos lanchões e canoas; descendo pelo rio um lanchão de guerra onde hia o General Barreto dando-nos alguns tiros ao qual tambem fiz alguns que não o attingiram. Tanto providente era Bento Manoel he de admirar o seu procedimento no combate do Cahy, como adeante vou relatar. Bento Manoel com hum batalhão e duas peças de artilheria atacou pela madrugada duas canhoneiras que se achavam no rio Cahy, fui eu com essa artilheria, logo no romper o fogo. Huma das canhoneiras foi abandonada por toda a guarnição, mas a outra e da qual era commandante o tenente Bellico, resistiu heroicamente só cessando de fazer fogo quando gravemente ferido e sem mais guarnição por ter morrido a maior parte e com muitos feridos, morrendo este bravo official da marinha Brasileira á qual soube honrar com o seu valor. Forão pois aprisionadas as duas canhoneiras hindo logo após duas horas, a pique a que commandava o tenente Bellico, bastante furada pelos certos tiros de artilheria que lhe foram feitos. A outra e contra a qual não se fez fogo por não ter feito resistencia, mandou-a levar Bento Manoel para mais abaixo do rio e onde depois de

despojar-se do que continha mandou pol-a a pique. Bento Manoel demorando-se ahi dous ou treis dias com o exercito que ahi se reunio todo, depois do combate das canhoneiras e atravancando o Rio Cahy só depois de decorridos esses dias foi que se poz em marcha, quando incontinenti devia marchar para cortar a retirada de huma força da legalidade que hia em perseguição dos republicanos e que a foi chamando até alem da Capella do Viamão e do que Bento Manoel teve sciencia. Parece que Bento Manoel já não trabalhava com empenho a favor da Republica, porquanto militar, astuto como era, aproveitaria o tempo e não ficaria na innacão em que se conservou depois que tomou as canhoneiras, as quaes foram tomadas devido aos esforços de Onofre Pires e Tenente Coronel Cardoso commandante do batalhão que desobedecendo á ordem de retirada de Bento Manoel por se haver concluida a munição da infantaria, levando somente cada soldado trinta cartuchos sendo então para poder continuar o fogo lançar-se mão dos cartuchos da cavallaria.

Os factos provarão a má vontade de Bento Manoel porque afinal prestou os seus ultimos serviços á legalidade. Por emquanto são os apontamentos que posso enviar-vos. Estive tambem no assalto á villa de São José do Norte e finalmente no combate do Serro da Palma dado pelo Coronel Antonio derrotando o Coronel Francisco Pedro de Abreu e onde fui gravemente ferido: Se alguns esclarecimentos precisardes acerca destes combates e mesmo sobre outros factos, sempre me achareis disposto e de boa vontade a satisfazer-vos.

Entre os meus papeis encontrei a copia junta, que não me recorda de onde extrahida.

Respondendo desta forma á vossa carta, assigno-me por ser com toda a consideração e respeito

Vosso Patricio Att.º e Crd.º
(assignado) *Bento Gonçalves da Silva.*

Capitulação do Fanfa

Copia da capitulação do combate do dia 4 de outubro de 1836 na Ilha do Fanfa.

Recebo como irmãos e afianço serem livres de perseguição, conforme as ordens do Governo do Brasil, todos os individuos que se apresentem e reconheçam o Governo legal do

mesmo Brasil — da Provincia, os que se acham nesta ilha hoje mesmo, os que estão na xarqueada dentro de quatro dias, inclusive nestes todos os chefes que tem acompanhado o Coronel Bento Gonçalves da Silva e o mesmo Coronel, entregando todo o Parque de Artilheria, armamentos e munições, na occasião de se apresentarem.

Campo no Porto do Fanfa, 4 de Outubro de 1836.

Bento Manoel Ribeiro,
Commandante das Armas.

Nós abaixo assignados, attestamos e juramos em os santos Evangelhos em como a letra e a assignatura supra é a propria do Brigadeiro Bento Manoel Ribeiro. Rio de Janeiro, nove de Maio de mil oitocentos trinta e sete.

José Antonio Caldas, José Carmo dos Reis. Reconheço verdadeiros os signaes supra da attestation. Rio de Janeiro 10 de Maio de mil oitocentos trinta e sete.

Em testemunho (signal publico) da verdade Joaquim José de Castro.

Está conforme com o original que me foi apresentado para extrahir delle o presente instrumento de Publica Forma, e ao qual me reporto em mão do apresentante que de o haver recebido, neste assigna e vae concertado por um dos tabelliães companheiros, do que tudo dou fé. Cidade de Pelotas aos dois dias do mez de abril de mil oitocentos oitenta e seis. Eu Leonidio Antero da Silveira Filho. O Tabelião Sebastião José Domingues, Bruno Gonçalves Chaves.

Combate do Ponche Verde

(Escripto pelo Coronel Bento Gonçalves da Silva Filho)

26 de Maio de 1843

O Combate de Ponche Verde deu-se mais ou menos como abaixo se vê e segundo me recordo por ter nelle assistido na Brigada de primeira linha ao mando do Coronel Antonio Manoel do Amaral.

O tenente coronel Jacintho Guedes com sua Brigada de Cavallaria vinha da fronteira perseguido pela Divisão do Ge-

neral Bento Manoel Ribeiro em direcção a Ponche Verde e chamando-o para este ponto segundo as instrucções que tinha do General em Chefe Republicano Bento Gonçalves da Silva, que se achava pelas immedições de Bagé fazendo reunir parte de suas forças que estava licenciada, tendo participação da approximação da Columna do General Bento Manoel Ribeiro, marchou com suas forças para Ponche Verde, onde encontrou-a em marcha para este ponto, e avançando com suas cavallarias e passando o banhado do Ponche Verde, tomou posição em uma coxilha para logo que a infantaria chegasse, a qual vinha na retaguarda, atacar repentinamente o General Bento Manoel Ribeiro que vinha em marcha de columna com o Tenente Coronel Guedes em sua frente e sem nada desconfiar; tomando as cavallarias sua posição na Coxilha só aguardava o Chefe Republicano, o General João Antonio com as infantarias para dar-se o combate; mas retardando ellas sua marcha por ter de atravessar o banhado de Ponche Verde, não poudo o Chefe Republicano aproveitar momento tão precioso, o que deu logar a que o General Bento Manoel Ribeiro conhecesse logo que maiores forças tinha em sua frente alem da do Tenente Coronel Guedes e em marcha como vinha e em logar improprio para ser acommettido, forçou sua marcha e occupou a posição das Cavallarias Republicanas, que tiveram de ceder-lhe, retirando-se, pela demora das infantarias que ainda não haviam chegado e nessa excellente posição estendeu a sua linha de Batalhão esperando o acomettimento. Chegadas as infantarias immediatamente travou-se o combate, atacando pela frente as infantarias e pelo flanco direito da columna do General Bento Manoel Ribeiro as cavallarias, resultando por este flanco ser derrotada toda a Cavallaria do General Bento Manoel Ribeiro e acutilada até grande distancia, apoiando-se a que se poudo retirar, sobre seus quadrados de infantaria soffrendo muitas mortes nessa perseguição.

Assim foi que ficaram as Cavallarias Republicanas na retaguarda da Columna do General Bento Manoel Ribeiro e pela sua frente o General Canabarro com as infantarias protegidas dor Cavallarias. Desta sorte, entre dois fogos não ousou o General Bento Manoel Ribeiro acometter e reduziu-se á defeza pois que, se acomettesse os Republicanos que tinha pela sua frente, seria atacado pela retaguarda, e vice-versa, e assim nessa circumstancia se conservou sem ousar acometter e somente com sua forte linha de atiradores a qual era correspondida pela dos Republicanos, e afinal, á tarde abandonou o campo marchando em direcção ao banhado de Ponche Verde deixando aos Republicanos que alli acamparão durante o tempo preciso para fazer sepultar os mortos de ambos os combatentes. A re-

tirada da columna do General Bento Manoel Ribeiro a fez pela frente e flanco esquerdo do General Canabarro e á proporção que aquella columna avançava as Cavallarias Republicanas ficavam na retaguarda e o General Canabarro com as Infantarias, seguindo as instrucções que tinha do General Bento Gonçalves, foi avançando pelo flanco esquerdo da Columna do General Bento Manoel Ribeiro: Nesta passagem ambas as linhas de atiradores, a do General Bento Manoel Ribeiro e a do General Bento Gonçalves da Silva pareciam que hiam se saudando com seus tiros enquanto se achavam a par. Parece que ambos os Generaes o Imperial e o Republicano se respeitavam, não querendo mais travar-se em combate, pois que creio que nenhum podia ter certeza da victoria. Si a Cavallaria Republicana era superior em numero á Imperial, tambem o era a sua Infantaria á dos Republicanos. Toda a Cavallada e bagagem, ficou em poder dos Republicanos inclusive a carretinha do General Bento Manoel Ribeiro, que foi ferido neste Combate.

Si o General João Antonio da Silveira activasse mais a passagem das Infantarias na passagem do Ponche Verde e tivesse logo chegado quando as Cavallarias tomavam posição na Cochilha que ao depois tiveram de ceder-a, seria derrotada infallivelmente a Columna do General Bento Manoel Ribeiro pois que vinham em sua marcha de columna com o Tenente Coronel Guedes na frente e sem nada esperar, seria de repente atacado e nem tempo teria para preparar-se afim de receber o choque porque vinha marchando por huma canhada de onde então foi que avistando as Cavallarias na Coxilha logo conheceu o que o aguardava e porisso a passos forçados tentou alcançar, como alcançou, aquella posição, onde esperou ser atacado. Achando-se neste combate, alem do Genereal em Chefe Bento Gonçalves da Silva, os Generaes Canabarro e João Antonio, Coroneis Agostinho de Mello, Aranha, Tenente Coronel Guedes e muitos outros officiaes que me não recordo. Netto, Valença e Vieira não estavam.

Apontamentos

do Major João Baptista Rodrigues Pereira

(Pelotas 1898)

Primeira batalha no Passo do Rosario em 1836. Chefe dos Farrapos o Coronel Affonso Corte Real, com 500 homens mais ou menos, a maior parte moços de cidade.

O Coronel Bento Manoel Ribeiro com perto de 1000 homens gauchos e indiada lanceiros, ao mando do celebre caboclo Capitão Athanzio fizeram apenas uma carga que decidio da victoria em favor do partido legal, ficando prisioneiro Affonso Corte Real, afilhado de Bento Manoel. A maior parte dos extraviados dirigiram-se para Caçapava onde se achava o Quartel General de Bento Gonçalves.

Segunda grande batalha na Villa do Triumpho, General em Chefe dos legaes, o Coronel Gabriel Gomes Lisboa e o General Netto p.^r p.^e dos Farrapos. Foi uma batalha renhida em que faziam fogo tambem canhoneiras legaes, foi dizimado um batalhão, não se querendo entregar Lisboa com as duas pernas quebradas, ficou Netto p.^r t.^o Senhor da Villa.

Segunda batalha do Seival, Commandante em Chefe Legal Silva Tavares com 500 a 600 homens e Netto com forças eguaes, ficando vencedores os Farrapos, praticando de parte a parte prodigios de valor nesse renhido combate ficando sempre tido Silva Tavares por Quartel Mestre dos Farrapos, para fardamento, munições e armamento porque sempre foi derrotado.

Terceira Batalha em Inhanduhy. Chefe legal o Coronel José Rodrigues Barbosa com 500 homens e dos Farrapos igualmente General Bento Manoel: vencedores — os Farrapos.

Quarta batalha em 30 de Abril de 1838 em Rio Pardo. Estavamos acampados no Rincão do Rei, quasi treis mezes, sendo o nosso Corpo Commandado por Andrade Neves, 200 homens mais ou menos. Eu era segundo sargento da primeira Companhia e diariamente fazia-se a descoberta no fundo do rincão onde ha uma mattaria inacessivel, sem picada alguma naquelle tempo, dando só passagem a veados e porcos do matto. Tocava a mim ir á descoberta nesse dia mas não o podendo fazer por me achar occupado com as relações de mostra desse mez, foi em meu logar um furriel com dois soldados. Não voltou e desconfiando-se que fossem agarrados pelo inimigo ou mesmo passado-se para elle, puzemo-nos de promptidão. Com effeito, no dia seguinte á descoberta, tocaram-nos para dentro da cidade em guerrilha e na carga que nos fizeram, rodou o meu cavallo e perdi o meu ponche de panno, mandando o meu Commandante metter em linha e carregar, dando tempo para eu montar a cavallo, recolhendo-nos até á cidade sem perda de gente, mas sempre cobertos de fumaça.

Soubemos depois que um tio meu, muito pratico desses trabalhos, foi quem abriu uma picada nessas mattas para nos sahirem pela retaguarda como o fizeram.

Este foi o preambulo desta hecatombe que custou a vida a tantos centenares de homens.

Quarta batalha: em 30 de abril de 1838 em Rio Pardo.

Commandava em Chefe o General Sebastião Barreto Pereira Pinto 1600 a 1800 homens inclusive dois batalhões de Infantaria commandados pelos Coroneis Tuve e Procopio, um parque de Artilharia pelo Capitão João Alves Ferraz d'Eli, o nosso corpo e uma brigada de Cima da Serra. De madrugada estava o Exercito legal collocado em diversas posições á espera do inimigo, os batalhões fraccionados em diversos pontos, contra toda a tactica militar. Foi carregada primeiramente a nossa cavallaria, que foi logo debandada; a artilharia resistiu um pouco, segundo me constou e foi tomada pelo Coronel Manoel de Macedo Brum da Silveira, que perdeu o cavallo, morto, tendo ficado prisioneiro o Capitão Ferraz.

Tuve e Procopio não se quizeram entregar, segundo constou, formaram quadrados, tendo sido carregados á lança pela cavallaria e sucumbiram na sua posição. Dirigiu-se logo o General Barreto, Andrade Neves e muitos extraviados para o porto de embarque na margem do Jacuhy onde se achavam muitas canoas grandes, de tolda e pequenas e alguns lanxões tornando-se muito difficil a passagem por ter o inimigo collocado na volta de Manoel Joaquim a mais estreita do Jacuhy 4 boccas de fogo que nos metralhava a cada momento e onde houve muita mortandade. Andrade Neves neste momento appellou para nós de empunharmos as armas (alguns que ainda tinham) para fazermos fogo no inimigo afim de poderem passar como de facto passou elle com o General Barreto em um lanxão feito á vella e com uma correnteza do rio extraordinaria, deixando sacrificados centenaes de cidadãos para elles escaparem! Eu, com quatorze companheiros, ferido em um pé e outro em uma coxa, vagamos pelas margens direitas do Jacuhy sem ponchos, todos molhados pela chuva e aguas do Jacuhy nesse dia fatal para as armas da legalidade. Passamos quatro dias sem comer, alimentando-nos com coquinhos de girivá, passamos o rio Capivary que estava cheio de barranco a barranco sem sahir fóra da caixa. Depois de vagarmos margeando o rio de cima abaixo a ver se se descobria alguma passagem, descobrimos uma arvore (ingazeiro) que estando o tronco do nosso lado, esgalhava a rama do lado opposto; concebemos então a ideia de arranjar uma corda bamba de camisas, calças e cerolas, amarramos nos ramos do lado opposto, trepamos pela arvore acima e do lado indicado passamos o rio como o adjutorio da corda bamba de roupa. Ao quarto dia encontramos no matto uma canoinha velha toda furada e com uma paleta de boi dentro, calafetamos com pedaços das camisas, amarramos a paleta em um páo feito remo e passamos de um a um na dita canoa para a margem esquerda do Jacuhy com designo de hirmos para a villa do Triumpho. No quinto dia encontramos umas duas laranjeirinhas silvestres no meio do matto com laranjas e nesse mesmo dia atracamos numa canoa grande que estava amarrada na margem pertencente a um Juca Café que nos deu xarque assado com pirão de agua quente, que nos fartamos. Neste ponto nos espalhamos, eu segui para o Triumpho e alli encontrei numa canhoneira fazendo parte de um batalhão um alferes meu amigo José Augusto da Silva Guimarães que me deu um par de tamancos, cujo alferes foi depois Barão de Jaguarão e dalli transportei-me para Porto Alegre. Servi ainda algum tempo com Andrade Neves, depois passei para o Corpo de Francisco Pedro de Abreu que era primeiramente a quinta Companhia do Corpo de An-

drade Neves, depois organisou Corpo a parte, onde servi uns poucos de annos até á chegada do General Caxias.

Quinta batalha no Taquary. Exercito legal ao mando do General em Chefe Manoel Jorge Rodrigues, velho de 75 annos de idade. Reuniu-se nas immedições de Porto Alegre um exercito talvez de uns 4000 homens das treis armas. A Cavallaria era commandada pelo Coronel Bonifacio Isas Calderon. Marchamos sem inconveniente algum do inimigo, quando foi fulminado por uma congestão cerebral Calderon, em marcha, passando logo a commandar o Coronel Manoel Lucas Loureiro. O inimigo hia em nossa frente, dizem que com forças eguaes. Nunca se divulgou a força delles por hirem atacando fogo nos campos continuamente, privando de ver-se devido á fumaça. Chegamos ao arroio dos Pinheiros, ficando o nosso exercito collocado numa planicie a descoberto aquem do arroio e o exercito dos Farrapos por traz de umas cordilheiras proximas ao nosso acampamento e só avistamos as guerrilhas em tiroteio. Loureiro que commandava as Cavallarias, ancioso por brigar, serrou pernas ao cavallo, foi direito ao General e disse: General, encommende-se a Deus e vamos brigar; porem os praticos desta guerra eram de opinião que se atacassemos o inimigo na sua posição seriamos infelizes e que o mesmo a elles succederia na nossa posição. Duas vezes houve do Quartel General toque de fazer carga e outras tantas de fazer alto. Meu corpo estava na frente, passamos o Passo do Pinheiro de espada em punho para carregar, e retrocedemos pelo signal do Quartel General. Meu Commandante arrancava os cabellos exasperado por não ter carregado. Constou-me que o Coronel Lucas que estava em guerrilha comnosco, quando passavamos o passo do Pinheiro para carregar, serrou pernas ao cavallo, dirigiu-se ao General Netto, apertando-lhe a mão, disse: Parabens General, a victoria é nossa. Quando faziamos carga já o Canabarro com sua Brigada de lanceiros, vestidos de colorados, e alumando as suas lanças, vinham na attitude de tomar-nos a retaguarda; mas como não carregamos, tambem se retiraram. Estivemos dois dias nesta posição, quando ás Ave-Marias tivemos ordem de marchar, com ordem igualmente muito restricta de não fumarmos e amarrar-se as espadas para não fazer barulho. Entranhamo-nos por uma picada descoberta pelo meu Commandante e atravessamos toda a noite por uma mattaria imensa e só no dia seguinte ao romper do dia foi trocada a posição dos dois exercitos, legal e Farrapos, tomando-nos a margem esquerda do Taquary e senhores da Campanha, ficando

todos estupefactos, legaes e inimigos pela rapida transposição da scena. Eu como era de cavallaria fui logo destacado para o Passo da Estrella com trinta homens, ouvindo de lá as descargas de infantaria. O exercito legal passava para o lado direito do Taquary quando Bento Gonçalves deu ordem a Balthazar de Bem, commandante da unica Infantaria que possuiam, que regulava por setecentos homens mais ou menos, atacar na passagem do rio Taquary as nossas forças; porem foram infelizes, nada fizeram, perderam quasi toda a Infantaria, mataram o cavallo do velho general e teve tambem muitas baixas a infantaria legal, perecendo nessa occasião o celebre Chaguinhas, propugnador da reacção de 15 de junho de 1836. Ficamos portanto senhores da Campanha, como disse.

Sexto combate em occasião do sitio.

Sabendo Chico Pedro que Netto ia passar na Lagoa dos Patos para a Campanha, com o seu piquete e alguma força, trescentos homens mais ou menos, marchamos de Porto Alegre no rigor do inverno só á noite, geada que branqueava por toda a parte, atravessamos toda a serra dos Tapes, um cavallo só atraz do outro, isto é a um de fundo, não havia picada feita que nos obrigava a apanhar a cada momento os nossos chapéos devido ás ramas das arvores; só esse homem extraordinario poderia cometter semelhante empreza. Chegamos finalmente em Campo limpo e pelo bombeiro soubemos que Netto tinha passado a Lagoa e vinha perto. Formamos atraz de uma quebrada e no alto havia uma figueira e Chico Pedro mandou por de sentinella debaixo da tal figueira um piá que elle creou e era da sua confiança, ordenando-lhe que quando o inimigo se approximassem de certa distancia que elle marcou, que abanassem com o chapeo fazendo signal; porem o piá affligio-se e vinham um pouco longe quando carregamos e foi logo uma debandada, atiraram-se no arroio Araçá que estava perto, deixando os cavallos encilhados e alguns prisioneiros. Netto já sem chicote num cavallo rozilho tocava-o com a espada desembainhada. Por causa da muita prata que traziam foi que se não aprisionou muita gente, entretidos a agarrarem cavallos encilhados. Houve até nessa occasião um episodio interessante com um alferes portuguez do nosso corpo chamado Ferreira, foi tão cego agarrar um cavallo encilhado; em vez de ir pela frente, foi por traz, levando um par de couces.

Tornando ao piá; era um mestiço, desde creança carregava a mala de Chico Pedro, foi criado na guerra, muito valente e muito cavalleiro chegou a Coronel ou Brigadeiro do

Imperio, entrava nos combates ultimamente de chicote na mão, num destes encontros com forças Orientaes, mataram-no. No mesmo dia em que batemos o Netto, sabendo Chico Pedro que o Coronel Affonso Corte Real tendo se adeantado da comitiva de Netto para a Capella das Dores, deu ordem ao segundo sargento João Patricio de Azambuja para que se dirigisse áquelle logar com 12 homens e prendesse a Affonso. Marchou com effeito Patricio e nas Dores cercou a casa de Marcos Alves onde se achava Corte Real. Disse então o sargento que lhe dera a voz de prisão e que não se querendo entregar sahiu para fora de casa com a espada na mão e que por conseguinte deram-lhe uma descarga cahindo logo morto. Tenho toda a certeza de que Chico Pedro não o mandou matar, não era sanguinario, poz para fóra do corpo dois capitães por assassinos; Juca Garcia e Belizario.

Batalha da Ilha do Fanfa.

Depois de ter levantado o sitio Bento Gonçalves em Porto Alegre dirigiu parte do seu exercito para o Jacuhy com designio de tomar a Campanha, passou a força para a Ilha do Fanfa, porem o Governo legal tomou logo providencias, mandando canhoneiras com batalhões de Infantaria para impedir-lhe a passagem ao mando do chefe de esquadra Grinfeld e duas boccas de fogo em poder de Andrade Neves. Foi renhido esse combate dando sempre provas de homem valente nas empresas mais arriscadas Andrade Neves, que nesse dia fez prodigios de valor com forças que tambem marcharam por terra. Nada mais podendo fazer Bento Gonçalves, entregou-se prisioneiro e transportado para Fortaleza de Santa Cruz e de lá para a Fortaleza da Bahia, tendo se evadido de lá para este Estado.

Batalha em São José do Norte.

Onofre Pires com 500 a 600 homens tomou esta Villa no anno 37 ou 38, onde se achava o segundo Batalhão de Infantaria de que era Commandante o Tenente Coronel Antonio Maria de Souza. Depois de tomarem conta da povoação, dispersaram-se uns embriagados, e outros entretidos no saque; porem o segundo Batalhão que era bem disciplinado attendeo á chamada geral, trocando-se as scenas, derrotando-se os que tinham derrotado, pondo o resto em debandada.

Combate do nosso corpo commandado por Chico Pedro.

Marchamos sempre occultamente desde que sahimos de Porto Alegre, com 400 homens, e viemos encontrar Bento Gonçalves em Camaquã com forças eguaes mais ou menos, que nos esperou com coragem. Tinhamos na nossa força e na frente dois capitães os mais bravos que tenho conhecido, Capitães Isaias e Claro, commandando dois esquadrões. A' voz de carga ao inimigo não resistiu muito e poz-se em debandada.

Combate com o Coronel João Antonio.

O systema de guerra do Moringue eram as surpresas, mas não foi tão feliz nesta. Pondo-se em marcha contra as forças de J. Antonio, caminhava dia e noite e quando estas apenas tinham desencilhado, que o Moringue as bateo porem tiveram tempo de montar a cavallo e em tiroteio os encerraram numa mangueira de pedra, já o Chico Pedro com a cabeça rachada. Alli estiverão encerrados por mais de 24 horas, quando elle mandou ao Caxias um preto com participação, pelo que o General mandou um batalhão a marchas forçadas soccorrel-o. Por essa occasião deu liberdade ao negro que o salvou, dando um conto de reis por elle. Ahi morreu um capitão Julio Vianna, de Santo Amaro. Dizem que por muito tempo conservou Chico Pedro na cabeça um pedaço de cuia.

Batalha dos Porongos (não foi batalha, porem surpresa) só quem conheceo o Moringue poderá avaliar a tactica ou o seu systema de guerra que era em fazer surpresas, caminhando dia e noite, atravessando arroios de nado, quer estivessem cheios ou não, de inverno ou verão. Eu estava no Exercito nessa occasião; porem sei como se estivesse no conflicto. Sahiu do Exercito Chico Pedro com 500 a 600 homens, bem montados, á perseguição de Canabarro que segundo consta ainda tinha cerca de forças eguaes, mais ou menos, naturalmente alguma dessas forças tinha de carnear para comer, foi nesta occasião que o Moringue surprehendeo Canabarro nos Porongos, fazendo-lhe prisioneiros cento e tantos homens. Eis ahi a lenda de que Canabarro deixou-se bater porque quiz. Para dar glorias ao Moringue? Não sei porque motivo.

Expedição de Canabarro á S. Catharina em 1839.

Tendo sido proclamada a Republica nesta epoca, seguiu o Canabarro com uma força para apoiar a revolução, passou o Rio Tubarão na Laguna e lá estava na barra Garibaldi com uma esquadilha. Seguiu também daqui forças a favor do governo legal; eu também fui de ajudante te ordens do brigadeiro Gama pois que este pretendia tomar conta do Exercito porem o General Andréa, presidente da Provincia entregou o exercito ao Brigadeiro José Fernanades dos Santos Pereira, que seguiu para a Laguna e nós pelo sul, reunindo e alistando a Guarda Nacional até Pescaria Brava. Tendo entrado na barra da Laguna o chefe de esquadra Mariath, nesta occasião alli se bateu com o legendario Garibaldi que ao lado da sua Annita, praticaram ambos prodigios de valor, vendo-se na necessidade como ultimo recurso a incendiarem a Capitanea. A' vista deste resultado teve o Canabarro de transpor o rio Tubarão e retirar-se para este Estado.

Mais alguns pequenos combates.

Defendia o Itapuan um José Simeão com quatro boccas de fogo em terra e o brigue Bento Gonçalves. Num dia sahiu de Porto Alegre o Brigadeiro Francisco Xavier da Cunha, tomou a artilharia e morreu o Simeão, sendo mettido no fundo após o brigue Bento Gonçalves.

Fizeram uma sortida em Camaquã com cento e cincoenta homens onde se achava Garibaldi. Nos galpões ou casa de Pedra, entrincheirou-se Garibaldi na casa de Pedra com doze homens, trabalhando-se um dia inteiro de dentro para fóra e vice-versa, tentou-se atacar pelo forro, prendendo fogo no madeiramento, de cujo resultado perdemos treis homens e o Moringue com uma aza quebrada, retirando-se a nossa força para Porto Alegre sem nada fazer.

Batalha do Ponche Verde — 1844 ou 1855.

Tendo o General Caxias dividido o Exercito em duas divisões, entregou a primeira a Bento Manoel, e este em marcha também subdividiu a força em 1000 homens mais ou menos, entregando-a ao Coronel Arruda com 4 peças de artilharia, alguma cavallaria, fazendo-o seguir para Alegrete e Bento Manoel continuou a marcha até Ponche Verde quando se viu cercado

pela cavallaria dos Farrapos, computada mais ou menos em 2000 homens: travou-se a batalha, ficando Bento Manoel ferido, e não se sabendo a quem attribuir a victoria visto que os Farrapos retiraram-se em boa ordem, constando ser a sua força unicamente de cavallaria. Conta-se um episodio interessante de um secretario Capitão Meirelles e Ajudante d'ordens de Bento Manoel. Na occasião da batalha este ajudante foi esconder-se numa carreta que acompanhava a divisão e nem mais se soube do Ajudante mesmo porque Bento Manoel estava ferido e lançava muito sangue, não deu por falta d'elle; afinal appareceu o secretario. Bento Manoel pretendeu mandal-o á Côrte, não só com a parte da batalha; mas tambem cumprimentar o Imperador pelo seu anniversario, mandou o secretario redigir a parte e elogiar diversos officiaes que se distinguiram nessa batalha; mas como Bento Manoel estava deitado, mandou-lhe ler a parte, e elle na leitura supprimiu o nome d'elle secretario, que estava em primeiro logar com a maior distincção e actos de bravura nesse combate, pelo que sahiu logo na Côrte Major.

Continuamos a nossa marcha na Divisão Arruda sem inconveniente até o Alegrete, e depois de lá chegarmos, vimo-nos cercados pelos Farrapos que nos encerraram num potreiro pertencente a Bento Manoel, junto ao Ibirapuitan. Alli estivemos algumas semanas, já sem mantimentos e com rações muito diminutas, e sem esperanças de melhorar, tiroteando-nos diariamente, de parte a parte e morrendo gente. Um dia o Tenente Victorino, depois Barão de São Borja pediu a Arruda uma Companhia do Batalhão para fazer um reconhecimento no inimigo, foi concedido e sahindo para fóra do potreiro, os Farrapos estenderam guerrilha e a Companhia em linha de atiradores, foram indo, e os Farrapos retirando-se, quando de repente sahe de uma quebrada dois esquadrões de lanceiros, carregando nos bahianos, um tenente com as tripas de fóra e os mais quasi da mesma forma, retirando-se o resto para dentro do potreiro. Uma noite tocaram por deante uma reunada magra direito á bocca do potreiro, poz-se a força em alarme, julgando ser atacada aquellas horas, dando-se descargas de dentro para fóra no dia seguinte não se via senão reunada morta.

Foi intimado Arruda por Canabarro para render-se em 24 horas, e Arruda respondeu-lhe: — Recebi a sua patacoada em uma folha de papel almaço e tenho a dizer-lhe que me não entrego enquanto tiver um cartucho.

Bento Manoel chegou a marchas forçadas fazer levantar o sitio e em boa occasião por que a fome já se fazia sentir a ponto de estarmos a ração de feijão meudo de um surrão que a mulher de Bento Manoel D. Maria que morava do outro lado, fez passar occultamente dos Farrapos. Reunida que foi a di-

visão sahimos numa guerrilha de mais de 100 homens tiro-teando os Farrapos e debaixo de fogo algumas familias da cidade nos mandaram marmelada que estimamos bem porque estavamos fracos por falta de mantimentos no potreiro.

Em 39 ou 40.

Em Caçapava João Chrisostomo entrega-se por traição com 700 homens e 6 boccas de fogo a Bento Gonçalves. Em todos os tempos ha traiçoeiros; haja vista Bazini em França. Estavamos em Santanna com Caxias quando soubemos terem os Farrapos dirigido-se para São Gabriel que a defendia o Coronel Jacintho Pinto d'Araujo Correa, matando-nos um tenente e 14 praças, levando-nos uma cavallhada que se achava no potreiro do Trilha. Transpuzemos de Sant'Anna a marchas forçadas, atravessando banhados quasi impenetraveis em 48 horas para levantar o sitio. Foi submettido Jacintho Pinto a conselho de investigação por incuria ou desidia; porem não passou a conselho de guerra.

Episodios da revolução, campanha de João Paulo dos Santos Barreto o unico que sahiu para a campanha antes de Caxias. Estavam acampados no Arroio do Só 700 homens de infantaria e cavallaria que se hião encorporar no Exercito, quando uma noite veio o Carvalhinho dos Farrapos, com 50 homens, prendeo todo o piquete com o Commandante alferes Baptista, entrou no acampamento aos tiros, fez ganhar toda a força no matto, foi á barraca de Andrade Neves, atiraram-se a um tempo e sahiu são e salvo a galope sem nada lhe acontecer. O pobre alferes foi responder a conselho de guerra.

Fizemos uma sortida em Rio Pardo e resgatamos a musica do maestro Mendanha que pertencia a um dos batalhões Tuve ou Procopio que na batalha de 30 de abril de 1838, ficou prisioneira.

Generaes da revolução de 1835 pertencentes ao Imperio:

Antonio Elisiario de Miranda e Brito, Conde do Rio Pardo, João Paulo dos Santos Barreto, Francisco José de Souza

Soares d'Andréa, Manoel Jorge Rodrigues, Bento Manoel Ribeiro, Antero Ferreira de Brito, Seabra, Machado, Labatú (voltou de Lages), Sebastião Barreto Pereira Pinto, Conde de Caxias, Marechal João de Deos, visconde de Castro. Depois da reacção de 15 de Junho de 1836, houve outro combate nas margens do São Gonçalo de que era commandante Lima e Silva, não posso precisar os pormenores mas sei tambem que elle foi degollado lá para os lados de São Borja por um soldado Roque.

O Brigadeiro Cunha (pae de Felix Xavier da Cunha, em um combate em Cima da Serra no passo do arroio de Canoas foi destróçado pelos Farrapos e morto.

Ultima batalha campal dos legaes contra os Farrapos já quasi no fim da revolução. Demetrio Ribeiro, filho natural de Bento Manoel derrotou com forças eguaes, 400 homens mais ou menos ao Coronel João Antonio da Silveira pelas immedições de São Borja ou Itaquy.

Combate de João Propicio com Onofre Pires em 1838 em que este foi prisioneiro e estava com sentinella á vista no rincão do Rei, no meu corpo; foi para Porto Alegre e de lá evadiu-se, sabe-se qual foi o seu fim.

Batalha do velho Coronel Medeiros contra o celeberrimo portuguez Menino Diabo em Rio Pardo em 1836 ou 1837.

Com 400 homens mais ou menos de que se compunha a sua brigada, transpoz a ponte do Couto, e atacou o Menino Diabo que o esperou com forças eguaes o qual depois de tenaz resistencia foi morto e derrotado completamente. Nesse feito de armas sendo Ozorio ainda tenente, distinguio-se com bravura na carga feita ao inimigo, rodando o seu cavallo, sahiu correndo de espada na mão, brigando até que se concluiu o combate.

1836 — No primeiro sitio estavam sitiados por mar e terra pelos Farrapos, só appellavamos para as forças da campanha ao mando do General Bento Manoel. Governava a Cidade o velho João de Deus Menna Barreto; eu com Ignacio irmão de Bibiano nos offerecemos ao General a procurarmos Bento Manoel onde estivesse. De feito, uma noite tomamos uma pequenina canoa que só admittia dois homens, mettemo-nos dentro com dois remos de pá, eu governava e o meu companheiro remava com muito silencio e cuidado por entre as embarcações surtas no porto, felizmente transpomos a bocca do Jacuhy, não havia mais perigo, vogamos toda a noite até chegarmos á ilha do Páo Vermelho, onde ficou meu companheiro e eu transportei-me á terra firme, margem direita, alli tomei um cavallo que meu deu o irmão Miguel. Puz-me em marcha, encontrei Bento Manoel já passando o Irapoá com a sua cavallaria em marcha para Porto Alegre. Da picada começamos a passagem para Porto Aegre, toda a cavallaria, sem inconveniente algum. Foi uma alegria para muita gente, quando cheguei, porque alguns suppunham que me tivesse passado para o inimigo e outros, que tinha morrido; era muito conhecido e prestei muitos serviços no sitio. Alistei-me então em um esquadrão de cavallaria de que era commandante um mestiço João Francisco, irmão de Gaspar Menna. Seguimos para a Capella Grande onde se achavam os Farrapos com algumas boccas de fogo. Bento Manoel mandou por a pé a cavallaria e alguma infantaria, porem nada fez. Eu estive de guerrilha alguns dias com um amigo meu, tambem soldado, Vasco Alves, que depois transformou-se com o correr do tempo em Barão de Sant'Anna porque realmente era valente e de muito prestigio porque era rico.

Posto que soubesse do facto de Taquary não me lembrava do heróe daquelle dia, Gabriel de Azevedo e Silva que com antecedencia á batalha estava prompto para atravessar o rio a nado. Este individuo era muito do meu conhecimento, até por um despacho besta que poz num requerimento meu; foi ajudante general aqui, e tambem no Pará; não sabia bem a lingua portugueza.

Episodio de sangue.

Sezefredo Alves Coelho de Mesquita, era meu visinho e amigo; foi tenente dos Farrapos e depois Coronel do Imperio na guerra do Paraguay, onde lá foi morto, era valente sem presumpção. Um juiz de paz da Cachoeira, do partido legal,

mandou uma partida de 30 homens em diligencia e com ordem de prenderem um irmão de Sezefredo. De feito encontraram-no em casa, quizeram leval-o, a mãe agarrou-se com o filho e nos braços della mataram-no abraçado com ella que ficou tambem inundada de sangue. Sezefredo jurou que havia de matal-os a todos da partida em qualquer parte onde estivessem e de facto perseguiu-os incessantemente que até no Estado Oriental foi matar alguns. Numa tarde na Cachoeira, estava o juiz de paz mandante, jantando em casa de Tristão da Cunha e Souza, ambos com suas familias; apeou-se Sezefredo de espada desembainhada, entrou porta a dentro, trespassou de lado a lado o juiz de paz, ficando a mesa toda ensanguentada, e as familias presentes. Só escapou desta partida um individuo de nome Antonio Francisco de Carvalho, (alcunhado cartucho) que fez parte dos 30. Este mesmo depois das pazes mandou-se empenhar com Sezefredo para não perseguil-o; respondeu que o não perseguia com tanto que lhe não apparecesse. Esta crueldade foi comettida na revolução de 35, e há quem diga que foi muito pacifica; porem é verdade incontestavel, que depois da paz não houve a vingança num só homem, não sei a que devido; mas julgo á politica daquelle grande homem de Estado Manoel Antonio Galvão, Presidente da Provincia.

Pouco depois da posse da Capital em 20 de setembro de 1835, tentou retomal-a um tal José Ignacio da Silva Ourives com 300 a 400 homens, entrando pela rua da Olaria, porem foi rechassado pelo povo, tendo á sua frente Bento Gonçalves, Onofre Pires e Manoel de Macedo Brum, deixando treis ou quatro mortos. Este Juca Ourives como vulgarmente o chamavam, tinha muita influencia no municipio de Santo Antonio da Patrulha, era jogador de profissão, carreirista e valente. Organizou por ordem superior um Corpo de Guarda Nacional com o posto de Tenente Coronel, foi derrotado pelo Onofre pelo lado da freguezia da serra ou Mostardas, continuou sempre em partidas não só no municipio como em outros lugares, tornou a organizar corpo depois que os Farrapos levantaram sitio, até a vinda de Caxias, que recebeu ordem para transpor o Jacuhy com o seu Corpo e reunir-se ao Exercito; porem não levou ninguem porque não ha forças humanas que faça aquella qualidade de gente sahirem para fóra dos seus Municipios e parte da serra, que com facilidade ganham o matto. Assim é que Juca Ourives andava no Exercito sem ter a quem mandar.

Depois regressou aos lares, arranjou um campo com a sua agencia naquellas correrias, povoado de gados.

No tempo do sitio era Manoel Marques, Major da praça. Fizeram os Farrapos duas tentativas de assalto, uma pelo Ca-

minho Novo e outra pelo Riacho: neste ponto mandou-me ainda Marques levar cartuchame, o que effectuei, porem os Farrapos não demorarão muito, deixando neste ponto quatro mortos.

Continuarão com o sitio e continuadamente havia tiroteio de parte a parte. Numa destas occasiões levou uma bala o capitão Francisco de Paula do Amaral enfrente ás trincheiras tendo fallecido no mesmo dia. Este official era o braço direito de Bento Gonçalves e foi muito sentida a sua morte, era muito illustrado, as melhores proclamações erão feitas por elle.

Um dia fizemos uma surtida unicamente de cavallaria em forma de guerrilha; fomos atropelando o inimigo tambem em guerrilha! era commandante o Capitão Victor José de Figueiredo Neves irmão de José Joaquim, mais valente do que este. Fizerão-nos uma carga por meios esquadrões, e na carga o meu cavallo rodou num atoleiro e apertou-me; então Victor mandou fazer — treis meias voltas — carregou no inimigo e neste tempo levantou-me na garupa do seu cavallo, salvando-me. Por muito tempo eu o tratava de pae por este motivo até elle fallecer.

Actos de valor e de bravura ha um sem numero delles que não me lembro individualisar muitos. Por emquanto recordo-me destes: Um mestiço (caboclo) por nome Silveira (meu afilhado) com treis companheiros encontrarão-se casualmente com uma partida dos Farapos de 14 homens no Municipio da Cachoeira, brigarão por muito tempo, sendo derrotados os 14 homens, por cujo motivo o governo mandou usar de uma legenda no braço de Silveira — *trez contra quatorze*.

— Outro facto. —

Sebastião do Canto (Legalista) atacou com trinta homens a casa da Estancia do Capitão Fidelis Prates (caieira) em São Gabriel, onde se achavão quatro Farrapos almoçando; um primo irmão meu de nome Policarpo, Carvalhinho; um piá chamado Nenê; o outro não me lembro o nome pularão a cavallo immediatamente, um delles até em pello, brigarão por muito tempo até serem derrotados os trinta.

Berço de heróes, antes e depois, da revolução.

Rio Pardo deu na revolução de 35, individuos filhos da-quella cidade, que se tornaram salientes e são os seguintes: Capitão Francisco de Paula do Amaral Sarmiento Menna,⁴⁾ Se-

⁴⁾ Morreu de uma bala na frente das trincheiras em Porto Alegre, era o braço direito de Bento Gonçalves.

bastião do Amaral Sarmento Menna, Antonio Manoel do Amaral Sarmento Menna,⁵⁾ Frederico do Amaral Sarmento Menna,⁶⁾ Manoel de Macedo Brum da Silva, Felipe Nery, Betbsi d'Oliveira Nery,⁷⁾ Tenente Coronel José Joaquim de Andrade Neves, Capitão Victor de Andrade Neves, Coronel João Luiz Gomes da Silva.⁸⁾

Era presidente e General em Chefe do Rio Grande do Sul Francisco José de Souza Soares d'Andréa, na época do sitio em Porto Alegre.⁹⁾

Alistou mesmo em palacio tudo quanto era estrangeiro para coadjuvarem a guarnecer as trincheiras unicamente á noite. Estas forças eram conhecidas pela marcha irregular que levavam, sem cadencia e nenhum exercicio, a maior parte portuguezes de tamancos, chinellos e sapatos. Um dia tiveram ordem de reunirem-se estes homens para fazerem uma surtida ou reconhecimento fóra das trincheiras; de feito sahiram, porem não demoraram muito porque meia duzia de Farrapos os tocaram para dentro da cidade a toque de caixa, pelo que no dia seguinte não se via pela estrada senão tamancos chinellos e sapatos. Portanto foi tambem um dos combates na ,revo-

5) Bom poeta.

6) Engenheiro, foi morto em Porto Alegre na Assembléa Provincial pelo Dr. Borges Fortes, que lhe dirigiu no proprio recinto as maiores injurias e invectivas que apenas pode dizer: — Sr. Presidente, peço a palavra e cahiu fulminado como um raio, e o mesmo Borges Fortes foi-lhe ao braço com a lanceta, já o sangue estava coagulado!

7) Disseram ter sido elle só, no tempo do Sitio fóra da cidade prisioneiro e que os Farrapos o puzeram nú, como quando nasceu, era filho de um brigadeiro portuguez Felipe Nery d'Oliveira, foi deputado geral e morreu no Paraguay, depois da guerra; grande talento.

8) Este individuo de um genio irascivel e turbulento, era legal, vivia em guerra com todos os generaes, era appellidado por João Burro, mas não tinha nada de burro, ao contrario, muito intelligente. Quando retirou-se João Paulo em viagem para o Rio, forão visital-o em Rio Pardo algumas pessoas, entre ellas o dito João Gomes; então o General, citou aquella fabula de La Fontaine do Leão tornado velho, pelo que o João Burro despediu-se immediatamente. Este individuo deve ter hoje perto de 90 annos. Ha pouco tempo perguntei a alguem se ainda vivia e responderam-me que sim para flagello da humanidade. O pae chamava-se Francisco Gomes da Silva Guimarães, appellidado o Chico Guimarães. Quando entraram os Farrapos picaram-no, deram-lhe tantos talhos que ficou marcado por toda a vida, por falador.

9) Sendo accusado na Camara dos Deputados por Theophilo Ottoni, pelo sangue que tinha derramado na Provincia do Pará — respondeu: — que tinha conquistado aquella Provincia a força d'armas mas não foi tanto assim, constando terem sido suffocados com cal 200 prisioneiros que se achavam dentro de uma canhoneira. (Guerra dos vinagres).

lução de 1835 que não fez lá muita honra aos estrangeiros naquella occasião. Um amigo meu Francisco José Gomes Braga requereu a Andréa que o eliminasse do serviço porque era estrangeiro e portuguez. Respondeu-lhe por despacho: — Si você é gallego, eu também sou, vá para a campanha que eu também vou. Depois o mesmo pediu para remetter numa sua canoa de tolda alguns generos de comestivel para fóra da cidade. Elle poz por despacho: — Não tem lugar. Pelo que o supplicante requereu de novamente dizendo que a sua canoa tinha muito lugar, com 100 polmas de cumprimento e 5 ditos de bocca. Então elle decidiu por despacho final: — Não quero.

João Paulo dos Santos Barreto — de tantos generaes que para cá vieram foi o unico antes de Caxias que transpoz o Jacuhy para a campanha com o exercito reunido. Homem illustrado e presidente do Supremo Tribunal Militar aguentou pouco tempo, não quiz por mais tempo supportar um exercito pela maior parte indisciplinado principalmente as cavallarias que quando lhes parecia montavam a cavallo para seguir os commandantes em primeiro lugar. Insubordinados a ponto do General andar a concilial-os como aconteceu com Manduca Loureiro.

Um dia estava o exercito acampando na Restinga Secca. Os Farrapos trouxeram uma eguada tocada a ceio¹⁰⁾ de laço á noite, direito ao exercito, porem pouco fizeram por terem tocado as eguas de muito longe, que chegaram cançadas. Antes de sahir para a campanha, tentou fazer as pazes com os Farrapos. Suspenderam as hostilidades por dois ou treis dias, vieram á cidade alguns officiaes delles, fardados de encarnado, tendo vindo um capitão filho de D. Angelica dos Dourados, na Margem do Jacuhy. Assim andaram os emissarios de fóra para dentro. Contava tão certo João Paulo com as pazes que fez uma falla na frente dos Batalhões e mais tropa reunida na praça de Porto Alegre, da maneira seguinte: — „Soldados, Bento Gonçalves da Silva acaba de submetter-se ao Governo Imperial para cujo fim já lhes remetti marmelada, pão e vinho para festejarem o natalicio de S. M. o Imperador.“

Afinal de contas comeram-lhe a marmelada, pão e vinho e continuaram com os tiroteios enfrente da cidade. Muito divertiram-se os Farrapos á custa deste desfructavel General. Nos

¹⁰⁾ Ceio de laço são estes amarrados pelas pontas uns com outros, as extremidades amarradas ás sinxas dos cavallos, tocadas pela retaguarda das eguas.

apontamentos que lhe dei, respeito ao episodio da revolução de 35, foi-me contado pelo meu primo irmão Polycarpo Pereira da Silva, que, quanto fosse muito modesto em allegar as suas proezas, ás vezes era compellido a isso pela curiosidade delle. Acabo de conversar com o Dr. Francisco de Carvalho Prates, filho do Capitão Fidelis e com sua sogra e sobrinho de Fidelis e mesma cunhada de setenta e oito annos de idade que igualmente confirmam as minhas informações. Não ha duvida que só divergi no nome do chefe legal que atacou a casa de Fidelis, foi com effeito Militão e não o seu irmão Sebastião conforme disse. Depois de derrotados os trinta homens legaes, estes tinham mais forças escondidas nos mattos do Vaccacahy naturalmente os quatro Farrapos retiraram-se para as suas forças tendo ficado na carga um legal morto e Polycarpo ferido num pulso por lança ou espada. A' noute voltaram os legaes e quando um pardo escravo da casa abria o portão, deram-lhe um tiro e alli ficou morto. Sobre o attentado, disse então o capitão Fidelis que fosse brigar para o campo pois que alli não era lugar proprio apearam-se immediatamente, saquearam alguma coisa de valor que acharam, assim como arreios prateados, algumas pratas e dinheiro pouco. Felizmente não levaram todo por que nessa occasião havia muito ouro em casa e examinaram todos os cantos da casa, batendo pelas paredes com as coronhas das pistolas e punhos das espadas.

O facto do Sezefredo não foi na casa, foi na costa do Vaccacahy, campo do Fidelis; eu sabia deste caso mas ignorava todas as circumstancias por isso não as relatei. Foi, na verdade, esse encontro de treis farrapos, contra seis ou oito legaes, sendo estes derrotados e no entrevero arrebenta-se uma cana das re-reas do cavallo de Sezefredo por cujo motivo o animal desembestou.¹¹⁾ Eu indaguei destes factos, mesmo na epoca da revolução, quem os praticava com valor, porque muitos moços conviveram commigo, por exemplo Carvalhinho, e Portinho, que fomos condiscipulos de escola.

A' vista do exposto insisto nas primeiras informações que enviei, por serem exactas.

¹¹⁾ Já vê que é mais admissivel o animal ter desembestado desta maneira, sem governo do que por ser parilheiro. O seu informante, está completamente enganado e segundo me constou nem Carvalhinho andava junto de Sezefredo.

Piratinim, 27 de Novembro de 1841

Folha de Lembranças

Apontamentos importantes para mandar a D. Amelia

1843 — Abril — 10.

Ataque dado pelo General João Antonio da Silveira ao Tenente Coronel Manoel Carvalho de Aragão sobre o Forte estacionado em São Gabriel, na Tapéra do Trilho, occupado por mil e tantos infantes e dusesentos e tantos de cavallaria do Imperio, derrotados no combate com prejuizo de oitenta e tantos mortos, mais de cincoenta prisioneiros, entre estes alguns officiaes e feridos, 500 bois mansos, mil e tantos cavallo, uma carreta e meia carga de herva matte e assucar.

Isto teve logar na manhã de 10 de abril de 1843.

1843 — Maio — 26.

O General João Antonio da Silveira e Tenente Coronel Manoel Carvalho de Aragão á frente de 200 bravos, derrotando a egual numero de gallegos ao mando de Moringue Chico Pedro que em Santa Maria Xico se achavam.

1843 — Maio — 26.

Os Generaes João Antonio da Silveira, David Canabarro, e Bento Gonçalves da Silva, á fente do corpo de exercito da Republica composto somente de homens de cavallaria e infantaria atacam a divisão de Bento Manoel Ribeiro na estancia de Manoel da Cunha composto de homens de cavallaria e de Infantaria. Foram batidos perdendo mais de 500 de cavallaria que foram extraviados e mais de 150 mortos.

1843 — Março — 1.

Appareceu ao anoitecer, do lado que entra o sol um grande cometa que lança a grande cauda ao norte.

1843 — Dezembro — 3.

Appareceram neste dia, pela vez primeira em Piratinim lenços de seda com o desenho das armas desta Republica offerecido por Bernardo Pires e dadas á luz por seu mesmo cuidado de as mandar para a America Ingleza para virem assim estampados.

1840 — Novembro — 16.

Neste dia entrou uma força imperial de 600 homens em Piratinim commandados por João da Silva Tavares depois de derrotarem a força rebelde ao mando do Tenente Coronel Florentino e Antunes no dia 12 do mesmo, no districto de Cangussú.

1843 — Julho — 21.

Neste dia entrou em Piratinim, vindo da Campanha uma força impeial de 300 homens de cavallaria e 600 de infantaria, commandados por Manoel Marques de Souza e Francisco Pedro Moringue, conseguindo aprisionar duas carretas carregadas de fardamento e outros muitos utensilios de guerra seguindo daqui para São Francisco de Paula.

1843 — Agosto — 7.

Entrou em Piratinim uma força imperial de 400 infantes e 300 cavalleiros vindos de Pelotas ao mando de Francisco Pedro Moringue em uma segunda feira á noite.

1843 — Agosto — 27.

Neste dia, domingo, entraram em Piratinim oitocentos infantes e 200 cavalleiros commandados por Medeiros e João Propicio, vindos da campanha.

1843 — Setembro — 12.

Neste dia, terça-feira, entrou Moringue em Piratinim com trescentos homens de cavallaria e 400 infantes vindos do Seival e sahiram no dia 14 pela manhã, pelo passo do Batalha, marchando a Cangussú.

1843 — Outubro — 25.

Na noite desse dia, ás 12 horas, na estrada de Cangussú perto do Cahuna soffreu nossa força um encontro com os gallegos ao mando de Moringue e ahi perdemos grande parte da bagagem, bons armamentos e cavallhada e nos seguiram até Fernando Lima, de onde voltaram para Cangussú 200 infantes e 60 cavalleiros. Os nossos eram 400 cavalleiros.

1843 — Novembro — 6.

Neste dia ás 11 ou 12 horas atacou nossa força de 800 homens inclusive alguma infantaria aos gallegos ao mando de Moringue acampado em Cangussú de 500 infantes e 160 cavalleiros. Perdemos 17 infantes entre mortos e feridos. Entre estes o bravo Capitão Marciano, da Infantaria e destes o Major Xico Carlos, da Cavallaria. O inimigo foi corrido vergonhosamente de 3 a 4 fortissimas posições que os acobertava em seu acampamento.

1843 — Novembro — 8.

Neste dia ás 2 da tarde foi vilmente assassinado o benemerito Coronel de primeira linha Firmiano Alves dos Santos junto ao Curarl das Pedras pelos ladrões da boa ordem. Emidio Tavares Rodrigues e mais 18 da sua quadrilha pertencente á força ao mando de Moringue.

1843 — Dezembro — 27.

Neste dia entraram nesta cidade 50 homens da força de Moringue.

1844 — Janeiro — 27.

Neste dia entraram 31 homens da força de Moringue commandados por Fidelis a prender-me e ao Coronel Rocha.

1844 — Fevereiro — 14.

Neste dia entrou nesta cidade Emidio Rodrigues da Silva Chicão commandando 20 imperiaes e na manhã do dia 15 prenderam Leopoldino Ubaldo e depois a Lilica e Capitão Cidade.

1844 — Março — 7.

Neste dia entrou Moringue nesta cidade á frente de 260 imperiaes de Cavallaria e hum batalhão e com toda a cavallaria e 21 infantes foi a Bagé com vistas de surprehender ao Coronel Amaral, entrando allí a 13 ao meio dia, voltou e foi atacado e derrotado no Cerro da Palma a 16 do mesmo mez.

1844 — Abril — 29.

Na madrugada deste dia o Tenente Coronel Carvalho de Aragão, na estancia do Tenente Inocêncio Braga, conhecido por Antonio Francisco, atacou huma força de 200 imperiaes de cavalaria ao mando do Tenente Coronel José Joaquim, foi totalmente derrotado por 35 Republicanos ao mando do dito Tenente Coronel. Do inimigo ficaram 20 prisioneiros neste numero hum alferes de nome Theobaldo Rodrigues de Santa Barbara, 4 inferiores, 15 soldados sem que os Republicanos tivessem o minimo prejuizo. Mortos do inimigo foram mais de 30 e mais de 60 feridos muitos presos, armamentos e munições.

1844 — Maio — 13.

Neste dia, segunda-feira, ao anoitecer, entraram em Piratinim cento e tantos homens imperiaes ao mando do capitão Claro, prenderam a José Pedroso correram a Manoel Seisdedos, deram busca por Manoel Pires. A 14 sahiram para Cangussú. Traziam naquelle numero uma companhia de infantes allemães.

1844 — Junho — 27.

Na madrugada deste dia entrou Moringue nesta cidade com duzentos e tantos infantes e cento e tantos de cavallaria e levou presos os Coroneis J. Mariano, Joaquim Pedro, Capitão Manoel Antonio e mais cinco.

1844 — Julho — 11.

Neste dia, quinta-feira, ás onze horas da manhã, entrou em Piratinim o Alferes Emidio Rodrigues da Silva Chicão com 40 a 50 imperiaes de Cavallaria e levou preso o Tenente Francisco Lopes Ferrugem sahindo na tarde do mesmo dia a reunir-se com Moringue no passo do Alfaiate.

1881 — Novembro — 17.

Foram até aqui para Porto Alegre os apontamentos deste folheto a entregar ao Sr. Carlos Pinto em Pelotas para remetter ao Sr. Appollinario Porto Alegre e, auz.^e, ao tenente José Custodio Alvares.

Ill.^{mos} Snrs.:

Quando em 23 de fevereiro deste anno removi para Caçapava o Hospital Militar que aqui se conservava contendo o numero de quatro praças de primeira linha fiz sentir ao Governo da Republica as grandes difficuldades que já ha muito se encontravam para serem a tempo fornecidas ás forças que actualmente existem e existido tem no decurso da presente guerra acampadas nos campos deste patriotico Municipio: e que os habitadores do mesmo já cansados com o grave peso de se prestarem de continuo com seus gados, com suas carretas, com seus bois, com seus escravos, com seus cavallo, com seus filhos e até com seus pessoaes serviços não mais podião sustentar com o pouco restante de suas creações a alguns individuos que nesta parte nenhum serviço prestam á causa de nossa emancipação Politica e que naquelle mesmo dia finalizava aqui o titulo de hospital, titulo este em que eu fundava a força de meus pedidos para dos habitantes obter os gados que aqui se hão consumidos com a existencia de um açougue nacional que servia de fornecer a muita gente que o Governo não

manda municiar mas que todavia continuavam a perceber-o porque quando tomei conta do commando já o recebiam com ordem não sei de quem, etc. etc. Por todos estes e outros motivos que assás patentes são, ponderei ao Governo que valia mais cessasse semelhante açougue porque eu já não sabia de que maneira avéra pedir os gados para o conservar visto não mais existir aqui nenhum Destacamento, nenhum Hospital ou outros quaesquer empregados do Exercito. O Governo então tomando na justa consideração quanto expendi a respeito ordenou-me que unicamente mandasse fornecer por qualquer maneira que possivel fosse ás familias de officiaes e mais praças do Exercito e sendo destas somente cinco as que se achão nesta cidade, ellas vão ser fornecidas mensalmente com a carne de uma rez, cumprindo assim com o determinado na circular de 2 de setembro de 1837, tenho prehenchido o meu dever e certo estou que os Snrs. Fazendeiros e Moradores, gostosos, promptos estão a isso se prestarem. E' porem preciso declarar que conhecendo eu quanto o Segundo Districto desta cidade tem sido o carregador actual de tão desmedido peso com a sustentação das forças que de continuo vagam por dentro dos seus limites eu seria então injusto se desconhecendo isto pedisse daquella parte gado algum para taes fornecimentos e só o faria em extremo caso. He quanto me cumpre communicar a V. Sa. que Deus Guarde. Piratinim, 23 de setembro de 1840.

Snrs. Francisco Dutra de Andrade, 1.º.

Com.^{des} Silindo João Alvez, do 2.º.

Juiz de Paz — João Garcia, do 2.º.

José Pinto de Oliveira, do 3.º.

Juiz de Paz — João Dutra de Andrade, do 3.º.

Com.^{te} T.^{te} Francisco Garcia, do 4.º.

Juiz de Paz — Domingos Correa da Silva, do 4.º.

Communicado

Tendo transcorrido tempo sufficiente para comparar-se as minhas com as missivas de Antonio de Paula Couto e Cunha, procurador da Camara Municipal da Cidade de Pelotas insertas no „Echo do Sul“ numeros 52 e 61 nas quaes não medindo esse individuo a distancia em que felizmente nos achamos e o alcance das palavras que empregara.

O publico sensato, sem duvida meditaria assombrado sobre o generoso sacrificio que me impuz assumindo a mim

somente a odiosidade de offensas presumidas, propondo a reevindicação de ruas, praças, servidões e estradas existentes ao elevar-se no anno de 1832 á freguezia de São Francisco de Paula a villa desse nome, sequestradas escandalosamente por proprietarios dos terrenos contiguos; e sobre a tenacidade da camara municipal oppondo-se a essas reevindicações com a denegação de secções que exige para promovel-as e com irrisorios pleitos judiciaes para dar mór latitude a empenhos e depravações de testemunhas para comicamente resvalar-se de responsabilidade legal e moral concorrendo por tal guisa para fazer recuar senão destruir o progresso material de uma cidade destinada a ser a primeira da Provincia do Rio Gande do Sul, como centro de sua industria, artes, commercio e agricultura por situada entre as populosas cidades do Rio Grande e Porto Alegre que se ligam por optimos canaes e entre as ferteis florestas da serra dos Tapes e margem esquerda de Piratiny que se offerecem garbosas para amplas colonias e povoações soberbas se modificados os instinctos retrogrados de sua Camara Municipal ou de quem a dirige ou domina torpemente revelados pelo seu procurador como ainda comprovam além dos já apontados os treis factos seguintes: 1.º A comica tangente de pleito judicial para apparentar a reevindicação das praças, servidão e estradas que do passo de Santa Barbara ao passo do Fragata, do arroio Moreira corta a fazenda que foi do fallecido Manoel Alves de Moraes; estrada, praças e servidão existentes já antes da creação da freguezia de São Francisco de Paula para uso das tropas de gados, carretas e transeuntes que demandavam as xarqueadas disseminadas pela esquerda do São Gonçalo e direita do Pelotas, estrada que por mui larga e murada em quasi todo o seu extenso curso por torrão e arvoredos offerece em toda ella bellos encostos abrigados para paradouros de carretas como pouso e pasto para os bois das mesmas sem offensa da transeunçia, facilitando por tal guisa a vinda, parada e sahida desses barcos terrestres, convertida em verdadeiro logradouro publico, particularmente a praça logo alem do Santa Barbara pelo bebedor em seu leito e a servidão aquem do passo do Fragata para descanso dos animaes que tem de pospor o areal além do referido passo e aquelles que o atravessam em demanda da cidade facilitando por taes especialidades a importação e exportação da cidade que se resentirá pelo encarecimento de fretes e alimentação do contrabando pela fronteira com o qual deixará de competir o commercio licito de Pelotas e Rio Grande por onerados já por taxas desiguaes: O segundo facto é aquelle de tirar a fabrica de cortume de Theophilo Jacotteck pouco abaixo da praça além do Santa Barbara que se procura supprimir o pequeno terreno que pouco a alarga com o irrisorio pre-

texto de marinho, terreno que ao publico apenas serve para reuniões de escravas lavadeiras e escravos capoeiras da cidade, para deboches, jogos e facadas, procurando-se a demolição do arvoredor que o extremava com presos da Cadeia, e a existencia do Sr. Sub-delegado, faltando para completar tão solemne cortejo. O Snr. Ferrão ajudante do Porteiro da Camara montado em burro com selim de gancho e que posto foi assim mesmo saudado o incompleto cortejo pela sucia negreira com foguetes, com vivas e cantatas que seguem como me referiu espectador intelligente:

Canta o cuco, canta o mocho
Tambem canta o sabiá
A quem diremos que viva
Viva o nosso bom fiscá. . . Viváo
Dos moradores ao pé do arroio
Ninguem desponta o sinhô Gaspá
Viva pois por muitos annos
O nosso bom Fiscá.

Na procissão da freguezia
Sahe São Francisco em seu andô
Viva tambem por muitos annos
O Snr. Procuradô.

Terceiro facto. — Replecto de gloria o Snr. Procurador pela solemne approvação de sua conducta regressista dirigiu-se em seguida á destruição da florescente colonia de São Lourenço mandando solemnemente pinhorar ao Snr. Jacob Rheingants por 75\$000 elevados a 150\$000 com as custas e multas que diz o mandado devia a Camara Municipal o que ignorava por não lhe ser pedido em tempo algum e nem o seria para desconceitual-o com os colonos nutrir intrigas, apparecer na Europa esse com o facto do Snr. Jacoteck e derivar para outro ponto os colonos já engajados em Hamburgo. E' com effeito para lamentar as consequencias do tresloucado procedimento do Snr. Antonio de Paula Couto e Cunha em desempenho ao que parece de preceitos da C. M. de Pelotas. Reconhecida a conveniencia de colonos pela falta de braços para aproveitar-se a riqueza material que o Brasil expontaneamente offerece e aquella a desenvolver-se pela intelligencia e trabalho delles nem o corpo legislativo geral e nem os provinciaes hão poupado meios para faciitar a vinda e commodo delles e na occasião em que os assumptos da Europa e do Norte da America concorre para a emigração expontanea da intelligencia de capitaes e de artesãos

importantes é quando esse ente audacioso por estúpido offerece factos para desviar do Paiz essa emigração pelos commentarios de seus invejosos e da Provincia até os oriundos das outras Provincias do Brasil para o que attenta o leitor esta insinuação a mim dirigida. *A mim . . . eis ella ferir nobres e prestimosos cidadãos que fieis em todo o tempo a deveres de Patria repousam na consciencia dos seus actos publicos.* E pode comportar-se paciente, provocação tão directa? Diga o leitor imparcial de cujo coração ainda não tenha banido os instinctos de honra. Saiba mais o leitor que muito e muito me ufano em ter nascido a 9 de julho de 1797 em um sitio entre o vão do Rio das Pedras, Cabeça do Jequitinhonha e São Gonçalo quasi em cima do Sumidouro, deposito talvez do mais rico thesouro do mundo, districto da cidade diamantina da Provincia de Minas Geraes, Patria de Joaquim José da Silva Tiradentes; que vim para esta Provincia em 1819 para comprar uma tropa de mulas e regressar mas que nella fiquei pela parte que tomei na revolução de Portugal de 24 de agosto de 1820 enviando a tropa por mim mesmo feita em diversos pontos que tive a honra das honras de fazer acclamar a independencia do Brasil na então freguezia de São Francisco de Paula, hoje cidade de Pelotas por mim baptisada logo depois do ataque do cabrito na patriotica Bahia e officialmente na dita cidade a 15 de outubro de 1822 por precisar da artilheria, musica e clerigos do Rio Grande que tiveram de assistir festa igual nessa cidade a 12 do mesmo mez, festa ainda não excedida em pompa e concurrencia como dirão os restos da geração de então ainda como eu existentes, festa enthusasticamente auxiliada por todos os adoptivos menos pelo padre Jacintho Vigario de Piratini como poderá informar o P.^e Bernardino José Marques Canarim, festa em que dispendi cerca de dez contos de reis tendo a subscrição voluntaria produzido um conto trescentos vinte e cinco mil reis somente porque para não indispor a ninguem por annuncio, preveni que hia fazer a festa da acclamação e que se alguém quizesse tomar parte nas despesas que se assignasse na subscrição aberta em minha loja. Festa que fiz apoiado pelo Regimento de Milicias numero 21, pelo povo e pelo muito distincto patriota Brigadeiro Manoel Marques de Souza, pae do benemerito Barão de Porto Alegre, então já sitiando a Dom Alvaro em Montevideo e pelo então Tenente Coronel Bento Gonçalves da Silva, todos já fallecidos bem como o Major Ubaldo Pinto Bandeira, Major José Lucas de Oliveira, o Capitão Vasco Amaro da Silveira, Capitães Clementino Luiz de Freitas e Antonio Luiz de Freitas, Capitão Domingos Francisco dos Anjos, José Simeão dos Anjos, Antonio José Torres e Antonio Pereira Boeno, meus poderosos auxiliares nesta arriscada empresa de prepon-

derarem ás forças de Montevidéo e da Bahia ao mando aquella de Dom Alvaro e esta do famigerado Madeira, nomes aquelles que ao estampar neste papel me arrancam escaldantes lagrimas de saudades mas que cumpre confortal-as para recommendar suas familias ao respeito e estima da geração que actua e das que substituir-lhe e muito particularmente as do fallecido Antonio José Gonçalves Chaves e fallecido José Vieira Vianna, este, meu muito potente auxiliar na villa do Rio Grande, hoje cidade. Após essa aclamação e com grande custo e despesas pela opposição dos donos do terreno que me obrigou a mandar treis vezes a Porto Alegre proprios seguros, procedi ao arruamento da esbelta cidade de Pelotas: os documentos que isso comprova, pedi para serem arquivados na Camara Municipal da mesma, afim de servirem a sua historia especial quando das cousas della tratar o erudito Snr. Dr. Alexandre José de Mello Moraes ou outro illustrado e patriotico escriptor com elle continuar a Historia do Brasil; talvez já não existem taes documentos para se fazer olvidar quem á sua custa prestava esse serviço á referida cidade mas como foram impressos no extincto jornal „Brado do Sul“, algum fragmento delle levará essa noticia ao Historiador bem como ora aqui consigno por despertada com esta reminiscencia do passado. Na primeira sessão da Assembléa Legislativa desta Provincia em que me coube a distincção de ser um dos seus membros, o membro Xavier Ferreira propoz a elevação das Villas de São Francisco de Paula á cathegoria de Cidade com os mesmos nomes. Na discussão o Dr. João Baptista de Figueiredo Mascarenhas apresentou emenda substitutiva, em lugar de São Francisco de Paula, Pelotápes e o Ex.^{mo} Snr. Conselheiro Manoel Felizardo de Souza e Mello outra de dizer-se Cidade Calopoles em lugar de São Francisco de Paula: eu então apresentei outra requerendo que, em lugar de São Francisco de Paula se dissesse de Pelotas e argumentei que com esse nome, memorava o facto historico que aglomerava com a rapidez do raio a gente e a riqueza da localidade, que esse facto fora o de José Pinto Martins, então ainda vivo, vir do Ceará e levantar a primeira xarqueada no Arroio de Pelotas, outros e outros secundal-o, chamarem exportadores, elevarem o preço dos gados e atrahirem a população do interior, do exterior do Rio Grande como por encanto: que me oppunha á palavra Pelotápes por apelidar os habitantes da cidade com o nome da tribo africana dos peores negros que de lá nos vinha e a de Calópolis pela facilidade da troca da expressão para calotes, ficando então designada, ainda que por gracejo pela cidade dos calotes ou caloteiros: isto produziu hilariedade, approvou-se a minha emenda e cahiram as outras; cabe-me pois a honra de ter baptisado a Pelotas e ter creado e

baptisado a Uruguayana, duas das mais esbeltas e concorridas cidades da imponente Provincia de São Pedro do Rio Grande do Sul. Com Chaves Vianna e Canarim, promovi a vinda do machinismo e machinista para fabricar, montar e navegar o primeiro barco movido a vapor que a Provincia viu, ficando só para ultimal-o e embolsando-me do restante antecipado, sem premio algum, muito depois da pacificação, como sabe o Snr. Joaquim Guilherme da Costa que pode explicar como o soube. Eu com José Vieira Vianna fomos os que mandamos medir a fazenda do Monte Bonito e só as datas sobre Pelotas para no caso de haver sobra pedil-a para logradouro da cidade: com a medição daquella despendi 1:680\$000 e com estas 700\$000; isto com os marcos existentes de pedras de Itapuan e de Jaguarão. Com o tentamen de facilitar os trabalhos das xarqueadas 5:000\$000 dispendi com uma estufa para seccar o sal e com um só fogão fazer cozer quatro caldeiras a um mesmo tempo: falhou-me o ensaio mas treis annos depois estabeleci a extracção da graxa por vapor e essa novação tão rudemente desapprovada por todos os xarqueadores economisando braços augmentou de 20 e mais libras de graxa em cada rez em o producto annual da Provincia mais de trescentos contos de reis. Tambem augmentei oito libras em couro estaqueando-os com pregos passados nas estacas e viradas as pontas a maneira de ganchos para evitar o corte das garras, sem valor depois de separadas, mas este importante melhoramento despresei pela introduccão da salga que evita o trabalho de vedar a punilha.

Entro agora na revolução, nesse periodo de minha existencia que mais aprecio como propriedade de meus filhos e da Provincia.

Communicado urgente

Para interpor recurso ao respeitavel publico ainda não descido ao ultimo escalão da depravação da actualidade, da allusão de Antonio de Paula Couto e Cunha contida no periodo — de fieis em todo tempo a deveres de patria repousão na consciencia de seus actos publicos — da carta que me dirigio a 9 do pp. estampada no Echo do Sul numero 61 de 1 do mesmo, a sua consideração antecipo a publicação das penas que seguem, que serão reproduzidas no Recurso projectado: eil-os:

Sendo preciso a Domingos José de Almeida, Vereador da Camara Municipal da cidade de Pelotas a bem do S. P. certidão da acta da sessão na qual o Vereador Presidente da dita Camara

marcava dia para principio da sessão ordinaria que deve ter logar no presente mez, roga ao Ill.^{mo} Snr. Major Jacintho Ignacio Godinho secretario da predita Camara se sirva passal-a. Olaria de São Domingos na Costa de Pelotas, 8 de abril de 1863.

Certifico que ora não está designado dia para ter logar as sessões ordinarias do presente mez. Por me ser pedida, passo a presente. Pelotas, 8 de Abril de 1863.

Constando isso, presumo, ao Snr. Vereador Presidente da Camara, fiel em todo o tempo a deveres de patria, me endereçou o seguinte: Ill.^{mo} Snr. — Por encomodo de minha saude não posso por ora continuar no exercicio de Presidente da Camara Municipal desta Cidade, qualidade em que teria de servir como Supplente do Juiz Municipal do Termo, por ter falta dos respectivos, o que communico a VSa. por ser a quem compete substituir-me presentemente. Deus G. a V. S. Pelotas, 9 de Abril de 1863. Antonio Raymundo de Assumpção.

Ill.^{mo} Snr. Domingos José de Almeida. — Apenas me foi entregue por Manoel Candido de Souza creio que empregado de SS. redigi e a elle entreguei a seguinte resposta. Ill.^{mo} Snr. De posse do officio que VSa. se serviu dirigir-me com data de hoje que neste momento, cinco horas e meia da tarde me veio ás mãos communicando não poder permanecer na Presidencia da Camara Municipal, por encomodo de saude e não poder nessa qualidade prehencher as vagas de Juiz Municipal do Termo a mim transferia dita Presidencia, respondo.

Para não deixar de haver sessão ordinaria que a Camara tinha de instaurar a 7 do actual e que cumpre verificar a bem do Municipio, não aceito a transferencia indicada pelas razões a VS. e a todos dessa Cidade patentes. Deus G. a VS. Ill.^{mo} Snr. Antonio Raymundo de Assumpção, Vereador Presidente da Camara M. e da Cidade e Termo de Pelotas. Olaria de São Domingos na Costa de Pelotas, 9 de Abril de 1863.

D. J. de Almeida. Este officio foi hontem em segunda via pelo Snr. Fiscal Galdino da Cunha e Silva.

Confronte o publico moralisado, confronte S. Ex.^a o Snr. Presidente da Provincia a quem tenho de dirigir-me a tangente que fica transcripta com os relatorios por mim apresentados a C. M. com os Communicados impressos no Brado do Sul N.º 52 e 61. Aviso no Commercio N.º 139 com as violencias ou usurpações feitas a Mr. Theophilo Jacotteck e Snr. Jacob Rheingantz, Digno Empresario da florescente Colonia de São Lourenço que os fieis em todo o tempo a deveres de patria querem com as fabricas de celins e de cortume do dito Mr. Jacotteck derrocarem com as irrisorias dilligencias para reivindicarem as estradas, ruas, praças e servidões sequestradas á belleza e propriedade da Cidade e Municipio de Pelotas e levan-

tem estatuas aos fieis não só pelos seus instinctos patrioticos como particularmente pelo encantador Jardim Botanico de salsos e figueiras silvestres que edificaram na Praça da Regeneração enfrente do Palacio das sessões da dita C. M. etc., etc.

Rude e velho soldado da Independencia nascido sobre a pressão da tentativa de Tiradentes, com 21 annos de residencia em Minas Geraes e com 44 no Rio Grande do Sul, toscamente imbrogliei o presente, para ver se o Snr. Antonio de Paula Couto e Cunha com sua Grey me concede titulo de patria logo que lhes apresente alguns servicinhos prestados a Pelotas e a Revolução passada com que ainda sonha muita gente com medo de perderem as transações de dinheiro e empenhos. . . Olaria de São Domingos na Costa de Pelotas, 10 de Abril de 1863.

D. J. d'Almeida.

Communicado

Mais que muito lisonjeado e grato á illustrada redacção do Echo do Sul pelas palavras com que acompanhou os meus communicados impressos em seus numeros 52 e 61 nisso ficaria se não deve apensar que calando me sancionava a arrojada e imprudente allusão que me atirou Antonio de Paula Couto e Cunha com temor da publicação de actos que me corassem e nodoassem um passado com que me ufano e zelo como propriedade de minha familia senão de Pelotas ou da Provincia do Rio Grande do Sul, passado que tanto atormenta aos eminentissimos a quem serve, torno sobre o assumpto de que trataram taes communicados.

Não destruindo o denodado Snr. Couto e Cunha os factos que aponte por existentes das omissões da maioria dos vereadores da Camara Municipal da Cidade de Pelotas, quiz mizeravelmente defendel-os, asseverando sob sua palavra de honra e fé publica que no meu imbróglio se vê uma obcecada disposição de ferir nobres e prestimosos cidadãos que fieis em todo o tempo a deveres de patria repousam na consciencia de seus actos publicos.

Tempo sufficiente ha transcorrido para comparar-se o que enunciei nos communicados citados com a lamaçada que o Snr. Couto e Cunha atirou nos nobres e prestimosos cidadãos que fieis em todo o tempo a deveres de patria repousão na consciencia de seus actos publicos que eu estigmatisei por mais de uma vez pelo „Echo do Sul“, pelo „Commercio“ convidando supplentes para haver sessão em algumas destas que por surpresa compareci e assistiu

o dito Snr. Couto e Cunha que naquella potente cajadada matou dous coelhos como se diz, mangando com o publico na asseveração de serviços que não reconhece ainda, por ingrato, sendo patente o Jardim Botânico da praça da Regeneração e fustigando-me por não ter cumprido em todo tempo com deveres de patria por não ser . . . e por ter-me bandeado á revolução.

Em nome de meus companheiros desses gloriosos trabalhos, em meu nome e em nome da Provincia inteira, que com essa revolução colocamos na primeira escala das do Imperio particularmente comparando-a com a que actua na rica, intelligente e populosa America do Norte, protesto com toda a força moral de que disponho.

Não cabe em um communicado numerar todos os factos magnanimos dessa revolução e nem devo agora confrontal-os com os praticados pelos seus adversarios, por aquelles que a excitarão e sustentarão até que tendo por intrigas de optarmos a união com um extranho que instantemente a solicitava ou voltarmos para os nossos, não trepidamos em abraçar a estes. Asteando eu esta bandeira, quiz experimentar a sinceridade do Dictador Rosas dirigindo em nome do Coronel Antonio Manoel do Amaral um pedido de dous caixotes de cartuchos de adarme onze e de quatrocentos cavallos ao General Urquiza então com a força de seu mando em Cerro Largo, tudo foi por elle promptamente fornecido e immediatamente empregado no destroço da força ao mando do Barão de Jacuhy a 16 de março de 1844 no Cerro da Palma, circumstancia que pondo-me vacilante acerca das intenções de alguns individuos me enviou á cidade de Pelotas logo depois, para conferenciar com antigos amigos, me fez voltar ao Exercito Republicano e logo depois regressar á minha casa sem amnistia de ninguem; o leitor pode compulsar o exito desta conducta para o acto da pacificação que seguio-se sem trahir todavia aos meus companheiros e sem trazer commigo um só soldado.

Quando o nosso Tacito brasileiro (Dr. Mello Moraes ou outro por elle) memorar essa peripecia da Provincia do Rio Grande do Sul não sei o que mais admirará o leitor, se a bravura dos Rio Grandenses ou se suas virtudes civicas nunca desmentidas no largo espaço de tempo em que sustentaram luta tão desigual e que feita a conciliação não exigirão a reparação de uma só injuria, pondo-se alliás promptos a dispararem o primeiro tiro onde quer que preciso fossem em defesa do Imperio, do Imperador, e da Constituição jurada, como exuberante comprovarão na expedição de Cazeiros em 1851.

Sobre a outra allusão, igualmente protesto e succintamente apresentarei parte de minha biographia para combater os

instinctos . . . em desharmonia com os interesses do paiz e para predispor á graça que terei de pedir.

Saiba pois o nobilissimo procurador da Camara Municipal de Pelotas e sua Eminentissima sucia que a 9 de Julho de 1797 sob a pressão da intentona do Martyr Tiradentes, em um logarejo nas abas do Sumidouro, deposito talvez de um dos mais ricos thesouros do Universo, Districto da hoje Cidade Diamantina, Provincia de Minas Geraes, deu minha mãe ao mundo este creado de suas Eminencias.

Que em 1819 com escala pelo Rio de Janeiro e com meios para fazer uma tropa de mulas e regressar desembarquei nesta Provincia.

Que no afan da factura de dita tropa nesta e na Provincia Cisplatina então dominada por Artigas e seus sequazes repetidas vezes vim da campanha a esta cidade, então muito humilde freguezia de São Francisco de Paula, com cujos habitantes fraternizando-me estreitamente sem selecção de um só me misturei com elles abrindo uma pequena loja de fazendas e mandando a tropa recommendada ao hoje Ex.^{mo} Barão de Antonina em Curityba e a Tobias em Sorocaba.

Que fanatisado com o feliz exito da Revolução do Porto de 24 de Agosto de 1820 e compellido pela fogosidade de um jovem de 23 annos que dispõe de meios pecuniarios re relações imponentes de credito em diversas praças commerciaes e de tradições de tentativas de independencia na Provincia de seu nascimento aplaudia com vehemencia os desatinos das cortes portuguezas as aberrações de Madeira na Bahia de Carrete e Avelez no Rio de Janeiro e de D. Alvaro em Montevidéo por compellir-nos a ella e que seguro das disposições do nunca bem louvado Brigadeiro Manoel Marques de Souza pae do Ex.^{mo} Barão de Porto Alegre, de Bento Gonçalves, de José Rodrigues Barbosa e de todo o bravo regimento 21 de Milicias a excepção de seu chefe, velho bondoso, na noute do mesmo dia que em sua casa tocou em comissão para Porto Alegre, o Snr. Commandador Domingos Rodrigues Ribas, com meus amigos José Simeão dos Anjos, Domingos Francisco dos Anjos, Antonio José Torres e José Caetano Torres e outros muitos cujos nomes ora me não lembra, acclamei a Independencia do Brasil e o Snr. Dom Pedro de Alcantara Principe Regente por seu primeiro Imperador e Defensor Perpetuo, não deixando nem as velhas dormir com foguetes e musica por nós mesmo composta sendo os mestres os ditos Torres de flautas, Alexandre Ried, Inglez de clarineta, João Pedro dos Reis de rabeca e um pardo Ourives, de trombão para com esta solenne manifestação não trepidarem em secundal-a o Commandante do Rio Grande e o Governo Provisorio de Porto Alegre, dispondo logo de todos os meios

de resistencia no caso de opposição e da Acclamação official para o dia 15 de outubro de 1822 por ter a Camara de Rio Grande movida por José Vieira Vianna de combinação commigo, de fazel-a no dia 12, dia de annos do Imperador e precisar eu dalli da musica, de Clerigos, e da Artilheria. No dia 15 de Outubro de 1822, pois, se celebrou officialmente na cidade de Pelotas o grandioso acto da Proclamação da Independencia do Brasil com titulo de Imperio e o Snr. Dom Pedro de Alcantara seu primeiro Imperador e Defensor Perpetuo como sua Dynastia a Imperante. No pavimento do palacete para o effeito ricamente edificado no meio da praça da Igreja desenrolei eu o Pavilhão Nacional primorosamente bordado a ouro e o Tenente Coronel José Antonio Vieira soltou os vivas á Nação Brasileira. Ao Snr. Dom Pedro 1.º seu Imperador e Defensor Perpetuo e á sua Dynastia tocou-se o hymno da Independencia, salvaram as tropas, dirigiu-se o Pavilhão á Igreja, pregou o Rev.º P.º José Rodrigues de Assumpção, celebrou-se o Te-Deum e recolheu-se a quartéis a tropa com a perda do braço direito de um soldado artilheiro e do mesmo soldado que poucas horas depois expirou.

Nessa função de que não pude ainda desviar o pensamento, dispendeu-se 10.361\$195 rs., 398\$000 somente occorridos por subscrição que fiz abrir para não maliciarem os adoptivos que os afastava desse banquete quando todos os residentes, a excepção de um e esse mesmo reservadamente como pode confirmar o Snr. B. J. M. Canarim com enthusiasmo me acompanharão e a dous ainda existentes consagro amizade sincera. A essa função verdadeiramente nacional assistio todo o Clero do Rio Grande, Cangussú de Piratiny e de Jaguarão, quasi todo o Regimento 21 de Milicias e como musicos o Padre Manoel Francisco de Andrade, Delfino Lorena de Souza Medeiros e Antonio José Caetano da Silva.

Um copo d'agua e esplendido baile offerecido aos convidados e officiaes de fora e do 21, como 10\$000 aos inferiores e 8\$000 aos soldados deste e da Artilheria para bivaquearem nesse dia terminaram na freguezia de São Francisco de Paula, hoje cidade de Pelotas, a festividade nella celebrada pelo grandioso acto da Acclamação da Independencia do Brasil que teve logar como já disse a 15 de outubro de 1822.

Invocando as reminiscencias dos poucos dessa epoca sagrada ainda existentes os conjuro para declararem se, outra alguma festividade celebrada de então a hoje em dita Cidade a excede, a excepção da de 7 de abril que a ella se approximava e na qual tambem me coube parte especial pela sessão de um armazem em poucos dias convertido em um Theatro e precur-

sor do que hoje existe por eu não assintir que suas portas fossem fechadas a . . . alguém.

A par desse serviço, que capitulo no mais transcendente por mim prestado á Nação e á Provincia do Rio Grande do Sul em particular, fiz a dispendio meu somente, arruar e demarcar a cidade de Pelotas como a prefixar o preço das esquinas e do centro das quadras della para conter as exorbitantes exigencias de seus proprietarios aos quaes todavia respeitei e fiz respeitar direitos não adquiridos por titulos de datas e sesmarias doadas no tempo em que os Monarchas dos Reinos Unidos dispunham de toda somma do poder nacional por estar Pelotas no caso das limitações contidas em taes titulos.

Os documentos desse serviço particularmente prestados a localidades da cidade de Pelotas e que promptamente cooperou para a simultanea edificação de predios, officialmente enviei á sua Camara Municipal em 22 de julho de 1859 a esses documentos tambem insertos no Brados do Sul 101 e 104 remetto o dito procurador da mencionada C. M. para depois fazer-me a graça que tenho de supplicar-lhe.

A Irmandade do Santissimo em tempo remoto havia encarregado ao Visconde de Jaguaray da compra da imagem do Senhor Morto, do Esquife coberto e pallio, como da Snra. e respectivo Andor e como a quantia antecipada apenas encontrava metade de sua importancia elle depositou tudo em casa de João Manoel Soares com ordem de não ser entregue sem previa recepção do restante. Escrivão da Irmandade no anno em que fôra Provedor o fallecido Boaventura Rodrigues Barcellos e combinando com elle a celebração dos Mystérios da Semana Santa, occorri com 600\$000 e as viúvas D. Brigida e D. Clara com o restante e levantado o sequestro das imagens para apparecerem pela primeira vez na procissão do Enterro e serem entregues á Irmandade, como se verificou.

Tambem Juiz da festa do Padroeiro em 1828 para ser aproveitado visto informo com ella alem das despesas de Igreja, algo mais desembolsei em fogos e gratificações ao Batalhão que fez as horas da dita festa e acompanhou a procissão, mandando em seguida vir varas de prata para o Pallio e cruz tambem de prata com desembolso de parte de sua importancia. Auxiliado por Antonio José Gonçalves Chaves e José Vieira Vianna ou auxiliante delle formei uma Associação para mandar vir o machinismo e machinista com que se construiu em Santa Barbara o primeiro barco movido a vapor que aqui vimos. Para ultimar-se essa empresa, eu só é que concorri com o preciso pelo abandono dos accionistas e para receber dous contos e tantos reis desse avanço, muito depois da pacificação, o Snr. Joaquim Guilherme da Costa que diga o que

occorreo; não exigindo allias premio ou juro algum, pelo desembolso de mais de dez annos.

Com a medição das Datas da Costa de Pelotas e Fazenda do Monte Bonito para estremar as sobras que se dizia existirem entre umas e outras por intervenção de Vianna para com herdeiros de M. B. afim de ficarem as ditas sobras para logradouro da Cidade, asserção que se pode verificar pelas pedras dos Marcos em uma e outra frente por serem de Jaguarão e de Itapuan: com taes medições, repito, para o fim indicado dispendi 1:430\$000 em moeda e quantia quasi igual com o pagode que acompanhou a Sucia de Juiz, Escrivão, Piloto, Ajudante de corda Louvados, Informantes, Serventes, etc., etc.

Pouco depois dessa medição, com toda minha escravatura, e por dias, auxiliei o tapume da represa no dito Logradouro então já bem extremado entre as Datas do Arroio de Pelotas e Sesmaria de Monte Bonito, represa que por graça especial, hoje se diz ser de alguém bem como a grande tira de terreno que se deixara em uma outra medição que se fez por pataquada de que não tive sciencia sendo eu eréo: a respeito, como Vereador, hei feito na Camara reclamações sem fructo apesar de ainda existirem os marcos da antiga medição, incidencia que notará o leitor para as reflexões que tenho de suscitar-lhe.

Creada a Villa de São Francisco de Paula, hoje Cidade de Pelotas, tratou sua primeira Camara Municipal de impetrar da Presidencia e Conselho Geral confirmação da Planta della levantada então pelo engenheiro Major Eduardo Kreschmar como de uma praça no seu porto em São Gonçalo e de outra para a nascente povoação da Boavista no Arroio Pelotas, favor que obtive, como deve constar das actas desse tempo bem como da edificação da pequena cadeia existente, vigorosamente auxiliada pela patriotica Sociedade Defensora da Liberdade e Independencia Nacional da qual me coube a honra de ser membro tambem nessa peripecia do transbordo pratico exitado pelo receio da restauração do imperante que em paz nos deixára no *sete de abril*, Manoel Alves de Moraes, Vereador Presidente da C. M. por provocação minha ao ler-se a approvação da planta e praças mencionadas generosamente, cedeo para praça e logradouro publico todo o terreno extremado por tapumes de torrão, espinhos, gravatás e arvoredos, desde a margem direita do Santa Barbara, onde principiava até o Passo do Fragata no Arroio Moreira, onde findava, dada de que se não fizera menção na acta da Sessão desse dia por redundante á Lei de 1 de Outubro de 1828 circunstancia pela qual que querem tornar duvidosa pela compra que muito depois e por indicação do Vereador Snr. Commendador AlexandreVieira da Cunha pretendeu a

C. M. fazer da Margem do Santa Barbara extra o tapume pertencente então ás tutelas do Dr. Xavier.

Com os fallecidos Antonio José Gonçalves Chaves e Comendador Boaventura Rodrigues Barcellos commissionedo para com a Commissão da Camara Municipal de Piratini examinar logar apropriado para a edificação de uma ponte no rio desse nome, fiz com as referidas commissões proceder ao dito exame o indicado Engenheiro Kreschmar e levantar as plantas e orçamentos de tres, no mesmo local, uma de pedra e cal somente, outra de pilares de pedra e cal com pavimento de madeira e outra de madeira somente por offerecel-a de boa qualidade as matas das margens do mesmo Piratini e da Serra dos Tapes a elle proxima.

Essas plantas e orçamentos forão apresentados na primeira sessão da primeira Assembléa Legislativa e quaes seus destinos ignoro porque muito depois outros se levantaram talvez pela interdição do passado que tanto horrorisa a gente do presente.

Ao Engenheiro sobredito gratifiquei com 300\$000 o seu trabalho, tendo de receber da Provincia outros 300\$000 que supponho nunca os dera.

Installada a Associação para a profundação da Barra de S. Gonçalo forneci ao mesmo engenheiro tres hiates com gente, lanchas cabos e mantimentos para examinar a dita Barra e levantar a Planta e orçamento de seu encanamento e alem de tudo isso o gratifiquei com 100\$000 ignorando o que a Directoria da Associação tambem gratificara. O Relatorio desses importantes trabalhos supponho existir no poder de qualquer dos herdeiros do fallecido Commendador Antonio Soares de Paiva por ser elle só o que ultimamente representara a Associação e muito bom seria que quem o possuir o prestasse a quem presentemente gere.

Convicto de que o fabrico do xarque muito tinha a melhorar para elevar em duplo ou triplo a receita da Provincia, principiei pela economia de braços na secca do sal para moer-se com facilidade sem dependencia de bom tempo e pelo augmento das gorduras extrahidas a vapor.

A dispendiosa estufa que edifiquei na minha xarqueada onde ainda se pode ver foi em pura perda por não corresponder aos effeitos almejados mas as gorduras por vapor extrahidas sobrepujarão minhas esperanças. Material muito aquem em dispendio de nossas antigas graxeiras com mais asseio e com menor numero de operarios obtem o quadruplo do producto obtido por este meio, de uma rez comparado com o produzido pelo o antigo meio.

Os insultantes improprios que então me dirigirão até pela imprensa, como se lembrarão os desse tempo fazião-me rir satisfeito de responder com a elevação dos productos da Provincia em mais de dusentos contos annuaes e igual indifferença mostraria agora ás facecias de pessoa de mim tão distante, se suas torpes allusões a mim somente offendessem.

Causas da revolução

Causas de muito longe aglomeradas e sobrepondo agravadas pelo relatorio da Presidencia apresentado na primeira sessão da primeira Assembleia Legislativa da Provincia tambem aggravado pela discussão da Lei do Corpo de Policia e daquella taxando em 10\$000 a Legoa quadrada de campo e matto de nossos Fazendeiros e Agricultores onerados sempre com a guerra constantemente sustentada pela Provincia, produzirão o Pronunciamento de 20 de Setembro de 1835 e o desatino do Snr. Limpo de Abreu, modificado depois pelo Snr. Barão de Moreira, hoje tão deprimido por muitos a quem talvez salvasse, de mãos dadas com a cobardia do Ex.^{mo} Senador Araujo Ribeiro, transformarão esse electrico pronunciamento em perfeita revolução.

Almeida empurrado á revolução

Empurrado a essa revolução pelo que individual e traioceiramente me fizeram pondo-se-me preso, incommunicavel em uma Canhoneira de guerra em compensação de não consentir um insulto que se tentara fazer ao Em.^{mo} Snr. Conselheiro Antonio Rodrigues Fernandes Braga, quando indefeso em casa de João Rodrigues Ribas e por dever resignar-me á boa ou má sorte de meus amigos á ella hypothiquei servirços, fortuna, familia e vida; e ainda ao Ex.^{mo} Senador Snr. Conselheiro José d'Araujo Ribeiro pela quebra da capitulação do Fanfa em 4 de Outubro de 1836, remettendo do campo, presos o General Bento Gonçalves da Silva, Zambicari e outros officiaes de importancia, a instigar ajudando a crear um Governo independente para dirigir a revolução, combinar as simultaneas operações do exercito, crear meios para fornecel-o, de relacionar-se com as Republicas visinhas.

Communicado

Dando tempo sufficiente a comparar-se as minhas com as polidas missivas de Antonio de Paula Couto e Cunha Procurador da Camara Municipal de Pelotas insertas no Echo do Sul numeros 52 e 61 e de aquilatar-se minhas attentões para com os Vereadores della assumindo só a odiosidade das propostas que apresentei e fiz imprimir a bem da Cidade e Municipio, transcrevendo até preceitos legislativos na crença de que ditos Vereadores os leria então e desassombrados de empenhos e de considerações inopportunas melhor gerissem a adminstração do Municipio, dous factos de alcances efficientes e remotos, posteriormente mandados praticar ou praticados sem sciencia sua, por ineptos empregados seus, dissipando-me tal crença me força apresental-os a S Ex.^a o Snr. Presidente da Provincia como directamente offensivos aos interesses geraes do Paiz e especiaes de Pelotas para fazel-os reparar como lhe cumpre.

A nenhum habitante do Brasil é hoje occulto o tenaz empenho dos Poderes Geral e Provinciaes do Imperio em atrahirem colonos, para elle e emigrados agricultores, artezãos e industriosos intelligentes que affectuosos afagão e auxilião em proporção dos recursos de que dispoem; pois bem: Jacob Rheingantz ex-negociante de Rio Grande e o Capitão José Antonio de Oliveira Guimarães, proprietario residente em São Lourenço com fazenda de crear entre esse Arroio, navegavel mais de legoa por vasos de pouco calado, e Lagoa dos Patos com vasta e abrigada enseada para vasos de 10 e 12 palmos de calado e em cuja margem se edificará não mui longe uma das melhores povoações da Provincia pelos elegantes e ferteis arredores que a cercão, tentará e conseguirão estabelecer em terras devolutas e compradas na Serra dos Tapes uma Colonia de escolhidos Allemães que já assoberba em agricultura e algumas artes pela intelligente e efficaz direcção do Empreuario Rheingantz a quem não tendo a Camara do Municipio até hoje dirigido uma só palavra de animação para derrocal-a ou ao menos afastar novos colonos, desconceituando-o e aggravando a intriga de um perverso com que luta, mandou citar e pinhorar por 75\$000 que não sabia dever á C. M. que nunca lhe forão exigidos e que o Beleguim elevára a 160\$000 que felizmente recebera fora da Colonia pelo Empreuario Capitão José Antonio de Oliveira Guimarães afim de não alarmar os Colonos o espantallo de um Meirinho: S. Ex. sabe e sabe o leitor as sensações que em parte do Brasil suscita a presença de um Meirinho e qual a que este suscitaria na colonia se assim o visse.

Da Cidade de Pelotas a dita Colonia não ha mais que onze

legoas: transcrevo o Mandado para S. Ex. mandal-o confrontar com o Regimento das Custas, com as legoas percorridas e conhecer as inspirações do fatal procurador da eminentissima de Pelotas: eil-o: — O Dr. Antonio Ferreira Garcez, Juiz Municipal nesta cidade de Pelotas e seu Termo etc. manda a qualquer official de justiça que em cumprimento deste e a requerimento do Procurador da C. M. desta Cidade, vá aonde vive e móra Jacob Rheingantz e sendo, proceda a pinhora em tantos bens do executado dito Rheingantz, quantos cheguem e bastem para pagamento de 75\$000 e mais 20 por % de multa por ter deixado de satisfazer em seu devido tempo assim como para as custas que accrescem com a execução que lhe move o mesmo procurador da Camara Antonio de Paula Couto e Cunha e feita a pinhora proceda o competente deposito na forma da lei o que cumpra citando o executado para dentro de seis dias allegar os embargos que tiver, e de tudo lavrará o auto e certidão, que trará a Juiso. Pelotas, 4 de março de 1853. — Garcez.

Veirão os moradores distantes da cidade de Pelotas que basta dizer o procurador da Camara della deverem-lhe algũa quantia para lhe hirem os Beleguins em casa, pinhorar-lhes os bens, deposital-os para ao termo de seis dias virem á Cidade dar 50\$000 a um procurador, e 50\$000 depois: 100\$000 ao advogado e 100\$000 depois, gastarem nos hoteis, soffrem os venhas logo, ainda logo, depois as ferias, depois o juiz em medições etc., etc., etc. Ex.^{mo} Snr. Presidente. . . Isto é praxe no foro. . . e commanda remedio prompto.

Vamos ao outro facto ainda mais horroroso por acinte e solemnemente perpetrado no centro da cidade. Theophilo Jacoteck de nação Francez, suppondo prestar favor ao paiz e de lhe ser garantida a sua propriedade fóra do Albardão e da Colonia, estabeleceo com emprego de capital crescido no centro da mesma cidade uma grande fabrica de celins inglezes e de lombilhos para homens, mulheres e crianças, que já priva a importação desse genero por superiores os seus aos de fóra e para auxilia-la e exportar, uma outra fabrica de cortume de pelles de que tanto abunda a Provincia, mas não podendo a Camara Municipal de Pelotas e seus dignos agentes comportar o augmento do producto da mesma pelo augmento de valor nas pelles de boi, da egoa, do porco, da ovelha, do terneiro, da capivara, por Mr. Jacoteck dado como do commercio e industria porisso que taes fabricas habilitão 5, 6 e 7 operarios brasileiros que annualmente ensinam e edificam fabricas semelhantes em diversos pontos do Imperio a pretexto de ferras marinhas com aparato verdadeiro burlesco de negras e muleques, não só usurpou parte do terreno da fabrica de cortume na margem do secco Santa Barbara onde nunca chegara fluxo de mar, como

ainda a importancia da despesa que diz fizera na propria destruição da parte da fabrica de Mr. Jacoteck, como do recibo e postura que transcrevo para conhecimento do publico de outros logares e de S. Ex.^a o Snr. Presidente da Provincia:

O Snr. Theophilo Jacoteck por infracção do artigo 60 das posturas da Camara entrou para o cofre Municipal com a quantia de cincoenta mil reis proveniente de 97 carradas de aterro a 360 reis cada uma, 7 dias de serviço de 3 trabalhadores a 1\$600 rs. por dia, 5 barricas a 500 reis cada uma e mais um barricão por 1\$380 reis que por conta e ordem da Camara Municipal se dispendeu com a abertura do tapume com que o infractor tinha obstruido a margem direita do rio Santa Barbara e para reedificação das cacimbas que o mesmo Jacoteck havia inutilisado. Pelotas, 26 de março de 1863. Antonio de Paula Couto e Cunha. Eis a portaria invocada, Art. 60. Tapar, mudar ou estreitar estradas, ruas, caminhos, rios, arroios e sangas publicas, por pequena que seja a alteração: penas de 10\$000 a 20\$000 e de repor-se tudo no antigo estado á custa do infractor.

O lugar em questão, attenda S. Ex.^a, attenda o leitor, não era e nem fora nunca, estrada, rua, ou caminho e sim uma pequena península formada pelas ultimas correntes do Santa Barbara que tambem nunca fora rio e sim sangradouro dos grandes banhados de suas vertentes nos invernos, sangradouro intacto, mas a hermeneutica da C. M. de P. em harmonia com suas inspirações destruidoras já anteriormente manifestadas sobre a entrada de carretas na cidade em virtude do Artigo 51 sem attenção ao Artigo 49 que marca a maneira de seus transitos pelas ruas, devia ter como o teve a elasticidade dada pelo seu procurador de encomenda, sem relações na Cidade e Municipio e de molde para. . .

Com vergonha repetirei em seguida o que me disserão se passara no solemne acto da demolição da cerca de vergonteas de salsos, de vimes e de alamos que Mr. Jacoteck havia feito pela orla da sanga para tirar o seu pequeno terreno á crapula dos negros e negras da cidade que, prevenidos do grande acto de dita demolição na presença do Snr. sub-delegado se achavão no lugar com foguetes que lançarão concluida a demolição em menos de dez minutos de trabalho, com a seguinte versalhada:

Canta o Cuco, canta o Moxo
Tambem canta o sabiá
A quem diremos que viva?
Viva o nosso bom Fiscá!!!

Foguete pro-á!

Entre os patuscos cá do Arroio
 Nenhum desponha o senhô Gaspá
 A quem diremos que viva?
 Viva ainda o senhô Fiscá!!!

Foguete pro-á!

Na Procissão da Freguezia
 Sahe S. Francisco em seu andô
 A quem diremos que viva?
 Viva tambem o senhô Procuradô!!!

Hurrá!!! hurrá!!!

Foguete pro-á!!!

A ovação foi solemne e muito digna de quem a provocou e pagou com a taxa imposta ao Mr. Jacoteck, taxa que espero seja devolvida por arbitraria e offensiva da moral e modestia publica.

Actos iguaes reproduzidos no Brasil quasi constantemente hão arraigado a crença de que no Imperio os estrangeiros não encontrão razão e justiça nos tribunaes e fóra delles, crença que levou o Plenipotenciario Inglez ao desatino de, por nada, (absolutamente nada) provocar senão a guerra, a desaffeição dos basileiros á sua nação: por que, por sessenta contos que exigio de seguro do barco perdido no Albardão e de satisfação e prisão policial dos exloradores do Forte, não se chegava ao ponto de loucura que tocou. Foi assim tambem que Manoel Pinto da Fonseca no Rio de Janeiro e Antonio Pedroso de Albuquerque na Bahia de Todos os Santos com as esquadras de Corsarios empregados no trafico provocaram o Bil de Lord Abberden e a pirataria dos vapores Cormorante e Rifleman, de S. M. B.; mas elles repartião. . . e os donos da barca Paulina e do vapor Paquete de Santos agarrados, aquelle á vista de Paranaguá com 37 600 pesos fortes e este ao sahir do porto de Santos como de outros muitos barcos tomados em alto mar e na costa d'Africa, pagarão pelos felizes Armadores que apon-tei e o Governo do Brasil que fez então?!!!

Veneração, amor e respeito ao Snr. Dom Pedro 2.º!!! Porem é preciso não compromettel-o mais: faça o Snr. Presidente da Provincia o que lhe compete e o Poder Legislativo Geral a re forma da Lei Regulamentar das Camaras Municipaes. As eleições por dinheiro não collocão a intelligencia, a experiencia e o direito mesmo em taes Corporações, e as Presidencias dellas devem ser fixas e estipendiadas para se não distrahirem. . . e não denegarem sessões extraordinarias quando precisas etc., etc., etc.

Porem consolem-se commigo os Srs. Jacoteck e Rheingantz, tradução o nobre pensamento do insigne procurador da C. M. de P. quando affirmou que eu quiz ferir a seus amos, nobres e prestimosos Cidadãos, que fieis em todo o tempo a *deveres de Patria* repousavam na consciencia de seus actos publicos: a provocação é grave, eu a repillo transcrevendo alguns traços de minha biographia.

Saiba pois que de seus amos nada sei que os recomende e de a invejar alem das Acayacas do magestoso Jardim Botânico da Praça da Regeneração por mim em outros tempos obtida, a excepção do Snr. Commendador Domingos Rodrigues Ribas, de quem ainda fallarei: Saiba, repito, que muito e muito me ufano em ter nascido a 9 de Julho de 1797 em um sitio entre o váo do Rio das Pedras cabeça do riquissimo Jequitinhonha e S. Gonçalo, quasi em cima do Sumidouro, deposito talvez do mais rico thesouro do Universo, Districto da hoje Cidade Diamantina, Provincia de Minas Geraes, patria do Tiradentes: que vim para esta Provincia em 1819 com meios para fazer uma tropa de mulas e regressar, mas que nella fiquei por fraternisar-me com seus habitantes, enviando a tropa, e estabelecendo-me com loja de fazendas seccas na então muito humilde Freguezia de S. Francisco de Paula, hoje Cidade de Pelotas, pela activa parte que tomei na immortal revolução de 24 de Agosto de 1820 na invicta cidade do Porto.

Que diagnosticando nessa revolução o cumprimento das inspirações do referido Tiradentes predispoz tudo a meu alcance para realisar-as, relacionando-me com o distincto patriota Brigadeiro Manoel Marques de Souza, pae do digno Barão de Porto Alegre, com o Marechal José de Abreu, Tenentes Coroneis Bento Gonçalves da Silva e José Rodrigues Barbosa, e com quasi todos os officiaes do Regimento 21 de Milicias com o qual, porisso contava na mesma noute do dia em que na sua casa tocava o dito Snr. Commendador Ribas fiz acclamar na citada Freguezia de São Francisco de Paula a Independencia do Brasil, apoiado em meus fallecidos amigos Capitão Domingos Francisco dos Anjos, José Simeão dos Anjos, Antonio José Torres, Antonio Pereira Bueno e José Caetano Torres, ainda existente, não deixando ninguem nella dormir em a noute com o ribombo de foguetes, atoar dos vivas ao toque da musica improvisada e composta dos mesmos, Torres de flauta, Alexandre Ried, inglez, de clarineta, de um ourives de trombão e de João Pedro dos Reis de rabeca, para o dito Commendador Ribas chegar em Porto Alegre com a noticia dessa manifestação afim de não encontrar opposição no Governo Provisorio com receios talvez das forças de D. Alvaro ainda em Montevideo: e official e solememente a 15 de Outubro de 1822 por esperar pela musica

e artilharia de Rio Grande que por dilligencia de José Vieira Vianna, de combinação commigo, celebrou a 12 a mesma acclamação: funcção esta ainda não excedida em Pelotas em concurrencia e esplendor.

No dia 15 de outubro de 1822 pois, celebrou-se na Freguezia de São Francisco de Paula, hoje florescente cidade de Pelotas o Grande Acto da Independencia do Brasil.

No pavimento do anfitheatro, para o effeito, ricamente erecto no centro da Praça da Matriz, depois de cantar a Musica, Povo e Tropas o Hymno da Independencia — Brava Gente Brasileira — desenrolando eu a bandeira bordada a ouro que hasteava o Tenente Coronel José Antonio Vieira a meu pedido soltou vivas á Nação Brasileira, ao Principe Regente o Snr. Dom Pedro de Alcantara Seu Imperador e Defensor Perpetuo.

A Dynastia Imperial

Que entusiasticamente correspondidos tocou a Musica o Hymno Nacional, salvou a Tropa e a Artilharia com 101 tiros, dirigiu-se a bandeira á Igreja e depois de benta pregou o padre José Rodrigues de Assumpção, celebrou-se o Te Deum e segundos vivas da porta da Igreja terminou esse acto immortal.

Um esplendido copo d'agua ao Clero desta e das Freguezias do Rio Grande, Cangussú, Piratiny e Jaguarão, officiaes e concorrentes distinctos, baile: 10\$000 aos inferiores e 8\$000 aos soldados para bivaquearem. Terminou essa grande funcção com a perda de um soldado de artilharia somente pelo descuido ao carregar uma das peças.

Nessa funcção alem dos trabalhos pessoaes de um festeiro de festa de tal ordem despendi 10:361\$361 attenuados por 398\$000 somente occorridos por subscripção por cortesia aos adoptivos aberta em minha loja para não suppoem que os arredava do grande banquete brasileiro, particularmente adherindo fervorosos todos então residentes em Pelotas a excepção de um somente em reserva, do qual bem se lembrará o Snr. Bernardino José Marques Canarim, circumstancia que mais attrahiu minhas attenções a respeito, por ser seu amigo e dever-lhe obsequios.

Com o respeitavel Clero e Musica do Rio Grande, vieram tocar nessa festividade e gratuitamente, os fallecidos Major Delfino Lorena de Souza Medeiros, Antonio José Caetano da Silva e Padre Manoel Francisco de Andrade: A's suas familias dirijo meus respeitos e recomendo-as ao respeito dos patriotas bem

como a de todos os adoptivos daquelle tempo que talvez ainda os relacione para conhecimento da historia nacional.

Invocando pois as reminiscencias dos poucos dessa epoca sagrada, ainda existentes, os conjuro a declararem se, outra alguma festividade celebrada de então a hoje em Pelotas a excedeo, a excepção do 7 de Abril, que quasi a ella approximara e na qual tambem me coube parte especial pela cessão de um Armazem, em poucos dias convertido em Theatro, precursor do que hoje existe, por não assintir que suas portas se fechassem a alguem:

A par da devoção consagrada á Independencia do Brasil que capitulo no mais transcendente serviço a elle e á Provincia do Rio Grande do Sul por mim prestado por ter de lutar com tropas aguerridas, se preponderassem algumas das estacionadas em Montevideo e Bahia, a dispendio somente meu e avultado por ter mandado proprios seguros a Porto Alegre trez veses e repetidas a Rio Grande, fiz arruar e demarcar as quadras e praças da Cidade de Pelotas como prefixar o preço das esquinas e dos centros destas para conter as exorbitantes exigencias dos proprietarios aos quaes todavia fiz respeitar direitos não adquiridos pelas excepções dos terrenos doados no tempo em que os Monarchas de Portugal dispunham de toda a somma do poder nacional e que forão muito mais providentes acerca do bem geral que os Eminentissimos de hoje. Os documentos desse serviço, especialmente prestados á localidade de Pelotas e que mais que tudo excitou a prompta edificação de predios pela baratesa do terreno e proximo auxilio de edificantes, officialmente enviei á Camara Municipal em 22 de julho de 1859: a esses documentos tambem insertos nos „Brados do Sul“ numeros 101 e 104, remetto o insigne procurador della pa

(Este documento é a da autoria de Domingos José d'Almeida e não tem a sua continuação.)

Communicado

Constando-me ter preoccupado alguem com o rapido discurso que proferi allegorico, os vivos com que saudei no dia 25 do actual, o radioso anniversario do juramento prestado pelo primeiro Imperador do Brasil á sua Constituição, vou reproduzir o que disse para impor aos que enchergerão nessas quatro palavras a resurreição da republica que fingem temer para coonestarem suas nojentas tendencias ao absolutismo, e . . . etc., etc.

Eis o discurso: — Concidadãos! Saudando o trigesimo 6.º dia Anniversario do juramento Imperial á Nossa Constituição Política, cumpre-me rapidamente lembrar-vos os bens que della temos colhido, principiando por nossa opulenta Cidade mui resumida em 1824, pela de Rio Grande em identicas circumstancias; que Bagé, Santa Anna, São Gabriel, Alegrete, Uruguayana, orgulhosa Ninfa da Campanha, Itaqui, S. Borja e Cruz Alta, que nada sendo então, hoje apresentavãc-se soberbas no solo da Província; grandesa devida a Essa Constituição que aliando os principios Democraticos com os Aristocraticos os dirigia em competencia ao bem da Nação e que amparada essa Constituição por um Principe Brasileiro que ha de sempre amar a sua terra e sua gente, tinha de felicitar nossa Pátria, bradei — Viva a Constituição do Imperio Brasileiro — viva. . . e viva.

O que firma roga ao Snr. Bernardino José Marques Canarim haja de declarar, si com effeito foi elle o que emprehendo, convocou accionistas, e mandou vir o maquinismo e maquinista, para construir-se em Santa Barbara a barca movida a vapor, que sulcou pela primeira vez os grandes rios de nossa Província sob o nome de Liberal, como cathedriticamente assevera o „Commercial“ do Rio Grande numero 110 de 13 do actual; favor que precisa saber para rectificar lembranças apagadas o velho —

Domingos José d'Almeida.

Oleria de S. D., 20 de Maio de 1860.

Assumptos da revolução extincta

Copia. — Ill.^{mo} Snr. Tendo as ultimas occurrencias relativas á extincta revolução desta Província inculido no animo dos individuos complicados nella e de suas familias, apreensões sinistras para dissipal-as me pareceo conveniente assegurar-lhe nada terem a temer pela leitura e posse do Decreto de 18 de dezembro de 1844 até 8 do corrente em reserva, como das proclamações de 28 de fevereiro e 1.º de março de 1845 peças officiaes, por serem: a primeira referendada pelo Ex.^{mo} Snr. Domingos José Gonçalves de Magalhães, quando secretario da Presidencia desta Província e as segundas por impressas na „Typographia do Exercicio Imperial“ quando no Campo de Alexandre Simões á direita do Arroio Santa Maria, as mandei pu-

blicar com a Representação a respeito dirigida a S. M. I. por conducto de S. Ex.^a o Snr Presidente da Provincia para adjuntar-lhe informação como se vê do Communicado estampado no jornal „Brado do Sul“ numero 279 de 8 do corrente mez. E porque taes documentos devam existir em archivo publico para serem examinados por quem deseje verificar suas identidades e delles precise por certidão, incluso remetto a VSa. os ditos documentos, e n.º numero do jornal referido para apresental-os na primeira sessão da Camara Municipal que dignamente preside, e se ella consentir, como espero, rubricar e mandar registrar e arquivar na secretaria da mesma Camara pelo alcance a que attinge.

Ds. Ge. a VS. Oleria de Sm. Domingos na Costa de Pelotas, 10 de março de 1860.

Ill.^{mo} Snr. Dr. Seraphim José Rodrigues de Araujo, Digno Presidente da Camara Municipal da cidade de Pelotas.

(assignado) *Domingos José d'Almeida.*

A Manoel Lucas de Oliveira Cor.^{el} e pres.^{do} am.^o

Pelotas, 29 de junho de 1860.

Incluindo a carta para nosso amigo Netto espero que a remetterás sem perda de tempo e por pessoa que traga a resposta, escrevendo tambem sobre o assumpto de que trata com a energia da vossa penna. Após isto espero que entre os amigos Lima, Velleda e outros mais occorrão quanto antes com dezo onças, pois do contrario o nosso „Brado“ tem de cahir e no prompto; e o meu amigo que tem communicado com Jaguarão, Rio Grande e Porto Alegre está no caso de avaliar a importancia da cahida deste jornal unico que afronta os antagonistas das glorias de nossa Provincia. Em seguida agencie tambem assignaturas, o que óra faço, para Piratinim, Bagé, São Gabriel e Uruguayana. Recommenda-nos á vossa virtuosa esposa e disponde

de vosso velho Camarada e amo.

Ao Brigadeiro Netto.

A Bernardo Pires.

A Gaspar Dias.

Ao Tenente Coronel José Narciso Antunes.

A Abel Pires de Oliveira.

Ao Tenente Coronel Severiano Ribas de Almeida.

Ao Brigadeiro Antonio Netto.

Meu antigo General e presado amigo.

Pelotas, 29 junho de 1860.

Parecendo-me muito conveniente á nossa Provincia a conservação do Jornal „Brado do Sul“ por mim erguido e fracamente sustentado, vou apressadamente rogar-vos o auxilio de algumas onças afim de rehabilitar a typographia de algúas cousas de que necessita e encorajar ao Redactor para proseguir; pois a não ter um prompto recurso desaparecerá e com isso tambem perdereis o unico orgão que defende os homens da revolução em que tão dignamente figurastes, persuadindo-vos que nisso fazeis serviço de vulto ao Paiz e aos vossos numerosos amigos.

Ao amigo Coronel Lucas peço a remessa desta por pessoa segura para trazer a resposta e se elle afiançar que pode conduzir o auxilio que peço pode-o enviar porque até então enviarei os fracos recursos de que disponho para sustentar o unico jornal da Provincia que merece algúa consideração fora della e toda a do Governo Imperial, etc., etc., etc.

Nossa representação ainda não teve despacho e Tallaveira como Bibiano e outros mais contando com o indeferimento se preparam por imitarem aos Mellos com Lima.

Nosso Garibaldi continua a brilhar, e Ministerio Ferraz vae indo optimamente. E' quanto apressadamente pode dizer-vos e que fica como sempre ás vossas ordens vosso camarada e fiel amigo.

(Carta de Domingos José d'Almeida.)

Ao Ex.^{mo} Snr. Barão de Porto Alegre, Ex.^{mo} e estimado Commandante.

Na presença do Dr. Amaro J. d'Avila da Silveira em conversa com V. Ex. sobre sua commissão com o Antonio Vicente da Fontoura, á Côrte disse V. Ex. que encrespando-se dos Ministros com a proposta de d.^o Fontoura lhe dissera si não era sufficiente dar-se um tanto a cada General da Republica para desistirem, respondera Fontoura que sim, ao que retorquirá VEx. que pred.^o Fontoura não dizia o que sentia por acanhado, que seus patricios não se vendião e que a fallar-se nisso nunca chegarião a um accordo o que confirmado então por Fontoura, se approvara o pactuado com o Ex.^{mo} Marquez de Caxias e se

VEx., elle e Canabarro virão antes do convenio o Decreto de 8 de outubro de 44.

Se VEx. ractificar isso por escripto, muito me obrigará pois estando a escrever o passo, desejo nas mais minimas cousas não desviar-me da verdade e nem ser exagerado.

Nosso Mauá alienou o povo de Rio Grande e Pelotas por não tocar em nem um desses pontos no seu regresso de Monte Video, pelo que penso sem fructo a sua apresentação neste circulo o que posto farei o que puder.

Tendo muito a fazer não sou mais estenço.

Segundo Recurso que ao respeitavel Publico e á imprensa ainda não prostituida do Paiz óra interponho sobre a questão Lima e Mellos pelas apreensões que ha suscitado e que cumpre dissipar.

Já demonstramos com documentos:

1.º — Que depois de travada a revolução desta Provincia em 1835 se extremara sua população em dous grupos distinctos, o 1.º e mais volumoso adherente ao movimento e o 2.º a elle opposto para reconquistar influencias illegitimas senão detestadas.

2.º — Que emigrados os desafectos ao movimento e chamados para uma e outra parcialidade todos os homens capazes de empunharem armas, ficarão a si abandonadas as fazendas e propriedades dos emigrados.

3.º — Que exaltados os partidos com os asares e cruesas da guerra os homens menos pensantes que acompanharão o movimento tomando como licita e patriotica a depredação dessas Fazendas e bens os distrahião sempre que se offerecesse occasião.

4.º — Que desacoroçoados os homens que dirigião o movimento de chegarem a um accordo franco e leal com seus adversarios pela prompta quebra dos convenios celebrados no Campo de Arroio Grande entre a cidade de Pelotas e a pequena povoação de Boqueirão e na Ilha do Fanfa entre Porto Alegre e Triumpho crearão um Governo para centro, regularisar as operações do Exercito e dirigir a publica adminstração.

5.º — Que esse Governo depois de diversos meios que empregara para vedar a depredação das propriedades daquelles que lhe faziam cruenta guerra e com esse apparente motivo a

de seus amigos que fingião ignorar, deliberara arrendar essas propriedades que não podendo ser licitadas por seus donos por emigrados e terem por essa circumstancia expressa ou tacitamente declarado inimidade ao movimento e sim por seus adherentes, estes imporião a seus camaradas o devido respeito á propriedade alheia e com elle a moralidade, brio e pundonor sufficientes a inspirar plena confiança e a seu lado chamar um a um os iludidos divergentes, entregando-lhes os seus bens logo que apresentados, medida esta que independente de outras muitas de ordem quasi igual, de persi recommendará os homens que dirigirão a revolução, porisso que afrontando a fome, a nudez, o frio e mesmo a falta de armamento e munições para defenderem-se, deixarão de vender ou trocar os bens de seus adversarios, comprando-os até depois de arrendados, podendo tel-os gratuitos, ao menos para fornecer seu Exercito de carne e cavallos, medida. . . deixamos a interpretação de nosso pensamento aos leitores.

6.º — Que Faustino José de Lima, cidadão distincto por mais de um titulo, e por pae de um dos melhores soldados da extincta Republica, o Major Noé José de Lima, arrendára a Fazenda das Pedras Altas para intacta conserval-a aos herdeiros de seu fallecido Amigo o Coronel Joaquim Gomes de Mello o que ainda praticára depois de rescindir o arrendamento, como exhuberantemente provou pelo numero de mais de treis mil rezes que Joaquim Gomes de Mello Filho ainda encontrou na dita Fazenda, quando em 1844 a recebeu, antes da pacificação em 1845.

7.º — Finalmente, que apezar do excesso de mais de 1300 rezes que com as 700 arrendadas recebeu o dito Gomes Filho e apezar da Proclamação e Decreto a que ella se referio, agora conhecido, propoz este a Lima Acção de reivindicação das rezes arrendadas que recebera como já se fez ver, de sua procreação e do aluguel do campo durante a revolução, tendo-o Lima arrendado de 1838 a 1841 somente, e encontrou juiz tão immoral, depravado e corrupto que apezar da prova dos autos e da solemne Proclamação de 1.º de Março de 1845 condemnou a Lima a pagar exigencia tão modesta de que se queixar a Presidencia e esta mandara promover a execução nos bens de Lima a requerimento de Mello alarmando a grande numero de pessoas eminentemente pacificas e indifferentes, por verem officialmente rota a convenção de Ponche Verde, como foram as de Arroio Grande e Fanfa e dito Lima compellido a pagar por um acto de estúpida beneficencia o que não deve, tendo aliás de haver de Mello, com seus vizinhos, a parte de gado sem marca que distribuira; para declinar essa excitação vamos publicar a

representação que segue bem como uma outra vez as proclamações citadas e o muito predibundo decreto de 18 de dezembro de 1844, que veio a nosso poder por uma maneira verdadeiramente providencial.

Cartas, Offícios, Actas e Proclamações relativas á pacificação Fevereiro e Março de 1845

(Letra de Domingos José d'Almeida)

Carta de Bento Gonçalves da Silva ao Ex.^{mo} Barão de Caxias.

Copia. — Neste momento me foi entregue o salvo-conducto que V. Ex. se dignou enviar-me por intermedio de Ismael Soares da Silva commissionedo por amigos meus para manifestar a V. Ex. nosso vivo empenho de levar a effeito uma conciliação que ponha termo aos males que affligem a este bello paiz e como o mesmo não satisfaz plenamente meus desejos, tomo a liberdade de devolver-lhe pelo portador que o conduzio.

Ardentemente ambiciono o termo da guerra civil porem jamais me desviarei dos principios, que segundo minha opinião individual a V. Ex. verbalmente manifestei; e posto não fossem então acceitos por parte de meus companheiros, com o que neutralisarão meus esforços, tenho hoje dados positivos para acreditar que são adoptados. Sim Ex.^{mo} Snr. escudado por meus amigos ousou affiançar a V. Ex. que se ainda, como espero está penetrado dos desejos que me manifestou e na resolução de conceder as vantagens que ultimamente lembrei para salvar a dignidade do Rio Grande, a paz entre nós vae ser sellada a despeito da má vontade de um ou outro exaltado. Pelo portador espero que V. Ex. se digne mandar-me uma resposta cathgorica para regular os ultteriores passos que devo dar se, como espero, for affirmativa, mui prompto estará com V. Ex. pessoa devidamente habilitada para regular as bases da conciliação. Acredite V. Ex. que não ha um instante a perder-se á vista da attitude imponente do Tyrano Rosas de quem será presa o continente se continuação a dilacerar-se mutuamente seus filhos, destruindo os poucos elementos que restão para disputar o passo ao Despota audaz que nos ameaça com aguerridas hostes; esta consideração que sobre mim pesa, deve convencer a V. Ex. da urgente necessidade de levar a effeito o que proponho, no que fará transcendente serviço ao paiz que o vio nascer, desviando-o dos males que lhe acarreta a prolongação desta luta, e mais que tudo impondo respeito ao feroz inimigo

que nos ameaza para o que, apesar de velho e cansado prestarei gostoso meus debeis serviços a par de meus irmãos brasileiros.

Sou com respeito e consideração

De V. Ex.

Antigo Camarada, amigo e Criado

Bento Gonçalves da Silva.

Outubro 13 de 1844.

Do Ex.^{mo} Barão de Caxias a Bento Gonçalves da Silva.

Foi-me entregue hoje a carta que me fez a honra de escrever com data de 13 do corrente devolvendo-me o salvo-conducto que me havia sido pedido em seu nome pelo Ismael, por isso que julgo que elle não satisfaz plenamente seus desejos. Si são sinceros seus desejos de ver concluida a guerra que nos devora e tem confiança em que serei capaz de empenhar todos os meus esforços para que ella se conclua de uma maneira digna para o Governo de quem sou Delegado nesta Provincia e dos Rio Grandenses compromettidos na revolução, pode mandar ao meu campo a pessoa em que me falla, para disso tratar. Devendo ficar na intelligencia de que qualquer arranjo que tenha a levar a effeito, nunca terá por base a suspensão de armas.

Pontas de Pirahisinho, 22 de Outubro de 1844.

Seu amigo e camarada

Barão de Caxias.

Carta de José Gomes Jardim a Bento Gonçalves da Silva.

Meu Patricio e antigo Amigo General Bento Gonçalves da Silva. — Campo junto ás pontas do Candiota. 10 de Novembro de 1844.

Cumpro um dever dirigindo-me a vós para vos scientificar que desejando concluir o assumpto de nossa sagrada causa, aproveitei a resposta do Barão de Caxias á vossa carta e enviei junto delle o Ministro Chagas Martins com o objecto de conferenciar sobre uma paz decorosa que tanto almejo e a maioria de meus patricios Republicanos; em resultado, elle anubio, que mandassemos á Côrte um homem de nosso seio a tratar das condições do grande objecto, e que recommendaria

não só particular como officialmente, para que não ficassem infructuosos esses passos. E como sei de sciencia certa que vossos principios concordão com os da grande maioria, por não demorar, accordamos em Conselho de Ministros e dos tres Generaes que seguissem á Côrte o Major Antonio Vicente da Fontoura com as condições precisas a esta missão cujos artigos o depois vos enviarei e o não faço já por não estarem promptos.

Espero approveis quanto se acha feito na esphera da dignidade e que continueis a confiar na amizade e sentimentos de

Vosso Patricio, Amigo fiel e affectuoso

Por José Gomes Jardim

Manoel Lucas de Oliveira.

NB. — Dispensai não assignar por minha mão, por estar a direita mui doente da gotta. Saudades a todos os nossos amigos e companheiros.

Acta

Aos vinte e cinco do mez de fevereiro de mil oitocentos quarenta e cinco no acampamento da Carolina em Ponxe Verde, fez o Cidadão General em Chefe o Ex.^{mo} David Canabarro reunir em plena Assembléa os officiaes residentes no mesmo acampamento, desde tenente até General, para livre e expontaneamente darem seus votos com respeito á paz que o Governo sob o Conselho dos demais chefes da Republica havia entabulado com o Governo Imperial e comparecendo os mencionados officiaes mandou o mesmo Cidadão General proceder á leitura dos documentos seguintes:

Officio do Cidadão Presidente José Gomes de Vasconcellos Jardim commissionando ao Ministro e Secretario dos Negocios da Guerra Manoel Lucas d'Oliveira, e o referido General para harmonisarem este acto solemne visto que por grave enfermidade não podia comparecer dito Cidadão Bento Gonçalves da Silva, em que dá um voto com respeito ao mesmo assumpto bem como aos Snrs. officiaes que compõem a Divisão de seu mando, como consta da acta que foi tambem patente os artigos das concessões obtidas do Governo Imperial e conhecida a leitura fez o Cidadão e Ministro huma breve exposição sobre o assumpto e em seguida o Cidadão General em Chefe em sua

falla, recitando as peggas officiaes que se haviam lido, addicionou que si alguns dos circunstantes quizesse obter delle esclarecimentos tendentes ao Exercito, aos elementos que tinhamos disponiveis para continuar ou não a guerra, estava prompto a dal-os com inteireza; e pondo o assumpto em discussão e votação depois de mui breves e curtos debates, foi unanimemente resolvido que se ultimasse a paz sob as condições pactuadas e todas quantas se podessem mais conseguir do Barão de Caxias, completamente authorisado pelo Governo Imperial, para o effeito. Terminado assim o Conselho, resolveu o Cidadão General em Chefe que se lavrasse a presente acta juntando-se-lhe as authenticas das peggas officiaes nella mencionadas, sendo estas assignadas pelo supradito General e mChefe, Cidadãos Generaes e demais officiaes superiores que ao referido Conselho assistirão e por mim Manoel Frz. da Silva encarregado do expediente a escrevi. David Canabarro, General em Chefe. — Antonio Netto, Commandante da primeira Divisão. — João Antonio da Silveira, Commandante da segunda Divisão. — Marcellino José do Carmo, Coronel. — Daniel Gomes de Freitas, Coronel. — Silvano José Monteiro de Ar.º e Paula. — José Alz, de Moraes, Commandante da sexta Brigada. — Manoel Lucas de Oliveira. — Felicissimo José Miz. — Thomaz José Pereira, Tenente Coronel. — Jacintho Guedes. — Manoel de Macedo Brum, Tenente Coronel. — Antonio José Martins Coelho. — J. Gomes Portinho, Tenente Coronel. — Marcos de Oliveira Soares, Tenente Coronel. — Fructuoso Borges da Silva e Fontoura, Tenente Coronel. — Manoel Carvalho de Aragão e Silva, Tenente Coronel. — Augusto Ignacio de Barc.ºs, Tenente Coronel. — Arogo do Tenente Coronel José Ferreira Daniel Gomes de Freitas. — Antonio Vicente da Fontoura, Major. — José Maria do Amaral, Major. — Francisco Soares Leiria, Major. — Jacinto Antunes Pinto, Major. — Joaquim Jacob Frz., Major. — Fernando Antonio de Araujo, Major. — Thomaz da Silva Ramos, Major. — Theodoro Medina, Major.

Quartel da Provincia 17 de Janeiro de 1845. — Cidadão General em Chefe do Exercito. O Cidadão Major Antonio Vicente da Fontoura em sua correspondencia de 12 deste me conjura por vosso orgão de hir ao Exercito com promptidão assistir á realisação do tratado de paz que se agita entre o Imperio do Brasil e esta Republica e comquanto me sobrem vehementes desejos de comparecer pessoalmente em acto tão solemne num estado de saude a me pesar a vida; por cuja razão autoriso ao cidadão Ministro Manoel Lucas de Oliveira a re-

presentar por mim neste acto, hũa das instrucções que lhe dou he que vos intime da parte do Governo de reunir a pleno Conselho os Senhores Generaes e mais officiaes do Exercito e que alli o novo enviado o Major Fontoura exponha franca e fielmente as condições com que o Governo Imperial offerece a paz á Republica; feito isto ouvireis com calmosa attenção os pareceres de cada hũ dos membros do Conselho e, consumado o trabalho, fareis lavrar hũa Acta bem explicita do resultado, que me será enviado pelo conducto do actual Ministro, ficando copia formal no archivo do Exercito, e entregando-se hũa outra ao nosso Enviado para chegar ao conhecimento do Snr Barão de Caxias.

Em gráo supremo me lisongêa a esperanza de que as opiniões de tantos benemeritos não divirjirão, assim como os não dividio nunca o designio de criar-se a Patria, os trabalhos, as privações, os sacrificios e a grandiosa somma de soffrimentos passados em quasi dous lustros. O mais, que omitto, Cidadão General, vol-o manifestará o Ministro portador deste.

Deus vos guarde para bem da Patria.

José Gomes de Vasconcellos Jardim.

Cidadão General David Canabarro.

— *De Bento Gonçalves.* —

Cidadão General. Em observação a quanto ordenais em vosso officio de 21 de janeiro ultimo, chamei a Conselho os officiaes superiores da Força de meu immediato mando para emittirem suas opiniões sobre a transcendente negociação entabulada com o Barão de Caxias commandante em Chefe do Exercito Imperial, e pela Acta que junto envio, vereis o unanime accordo dos mesmos.

No dia 13 do corrente machei do Christal no emp.^o de cumprir vossa ordem, depois de haver tomado as precisas medidas para a segurança daquella Força e chegando a Jaguarão no dia 19, huma inopinada constipação me privou de proseguir a marcha a esse Campo e resolvi a elle mandar o Cidadão Ismael Soares da Silva, seguindo pelo Exercito Imperial afim de ser informado do ponto que occupais e estado da negociação pendente, elle acaba de regressar voltando do campo destes por saber que aguardaveis minha chegada, e ser esta impossivel segundo meu máo estado de saude.

He pois de meu dever dirigir-vos este para annunciar-vos quanto venho de expender, e habilitar-vos com um voto para conclusão de tão apeteccido arranjo. Minha opinião, Snr. General he e será aquella que adoptar a maioria de meus irmãos d'armas, sempre que esteje nas razas do justo e do honesto e, ainda mesmo quando no caso vertente estes sagrados objectos deixem de ser observados, nem por isso serei capaz de a ella oppor-me, tendo outros meios em semelhante cazo para deixar ileza minha honra e consciencia.

A paz he indispensavel fazer-se, o Paiz altamente a reclama; pois infelizmente, victima de nossos desacertos, nada tem a lucrar com os azares da guerra: eu vejo, mau grado meu, que hoje não podendo conseguir vantagens que estejam em harmonia com os nossos sacrificios, por se haver, a despeito de meus incesantes *sacrificios*, digo conselhos, perdido a melhor quadra de negociar-se huma reconciliação honrosa.

Nada sei das condições com que se tenha a paz baseado, e menos das instrucções que conduzio o Commissionado á Côrte do Brasil, e sendo tudo para mim misterioso, me abalanço lembrar-vos que hũa das primeiras condições deve ser o pleno esquecimento de todos os actos que individual, ou collectivamente tenham praticado os Republicanos, durante a luta, não sendo em nenhũ caso permittido a instauração de processo algum contra estes nem ainda para reivindicção de interesses privados.

Tendo pois emittido minha opinião resta-me repetir-vos que a paz he absolutamente necessaria que os meios de proseguir na guerra se escacião, o espirito publico clama contra qualquer idéa que tenda a prolongar seus soffrimentos, classificando de guerra caprixosa a continuação da actual; hũa reconciliação he sempre preferivel ao azares de hũa derrota. A Historia antiga e moderna nos offerece mil exemplos que não devemos desprezar. Compenetrai-vos desta verdade e evitar quanto puderdes os funestos successos que vão apparecer, prevalessem as bravatas contra os conselhos da sã razão; lembrai-vos que muitos a propalão mas vos abandonarão no momento de perigo.

Eu pretendo esperar aqui vossa ulterior resolução e só depois della poderei mover-me, quando minha saude permitta.

He por o Tenente José Antunes, por quem espero hũa resposta cathgorica deste negocio.

Ds. vos g.º Estacia do Velho Netto, 22 de fevereiro de 1845.

Ao Cidadão General Commandante em Chefe David Canabarro

Bento Gonçalves da Silva.

Acta

Aos doze dias do mez de fevêreiro de mil oitocentos quarenta e cinco na Fazenda do Christal, sendo chamados os officiaes superiores abaixo assignados, pelo Cidadão General Bento Gonçalves da Silva, Commandante da segunda Divisão, para darem um parecer sobre o importante negocio da pacificação do Paiz, servindo de baze para o effeito o officio abaixo transcripto do Cidadão General David Canabarro, Commandante do Exercito e ouvindo-se os mesmos officiaes, cada hum de per si, na forma estipulada nos conselhos assentarão o que se segue; e assignarão commigo José Narciso Antunes da Pors.^a Tenente Ajudante de Campo, como secretario ad-hoc nomeado pelo mesmo General. Cidadão General. Dos Moreiras de Ponche Verde até os Cunhas, he o lugar destinado, para reunido o Governo da Republica, com os Chefes Militares, tratar definitivamente dos negocios da paz; portanto ad.^o ponto marchareis com a Divisão de vosso mando ou somente com hũa guarda ou piquete, depois de consultardes os officiaes superiores sobre o alto assumpto em questão. Segundo participações de nosso Encarregado de Negocios, o Barão de Caxias tem determinado que as forças de seu mando não passem aquem dos Pirahys e quanto muito até o Alonço, e nem alem do Alexandre Ribeiro, emquanto se tratar da questão da paz; mas previne que nossas forças destacadas do Exercito marchem acauteladamente porque em seu transitio podem ser batidas. Por isso em vossa marcha guardareis as cautelas necessarias afim de repelirdes qualquer aggressão. Nenhuma demora deveis ter em vir ao ponto indicado, onde eu marcharei o mais tardar no primeiro de fevêreiro proximo futuro.

Ds. vos g.^o

Quartel General em Jaguary, 21 de Janeiro de 1845.

David Canabarro.

Ao Cidadão Bento Gonçalves da Silva — Commandante da Segunda Divisão.

Parecer dos Cidadãos Officiaes superiores. — Os abaixo assignados depositam nas mãos do Cidadão General Bento Gonçalves da Silva e nas da maioria do Povo Rio Grandense o transcendente objecto da pacificação com o que se conformam debaixo de sua palavra de honra. — Silverio Pedroso de Moraes, Major. — Gabriel José de Oliveira, Major. —

Ignacio Peixoto do Prado, Major. — Domingos Correa, Tenente Coronel. — José Prudencio dos Reis, Tenente Coronel. — Balthazar Francisco de Bem, Tenente Coronel. — Jeronymo José de Castilhos, Coronel. — José Narciso Antunes da Porciuncula.

Cidadão General. — Neste momento me foi entregue vosso officio de 24 do corrente encapando por copia as condições que devem basear a consiliação entre nós e os imperiaes e respondendo ao mesmo, devo dizer-vos que me conformo com sem.^{es} condições, as quaes com pequenas alterações satisfazem nossos interesses, segundo as circumstancias em que nos achamos. Agradecendo-vos a bondade que commigo despendeis exigindo meu parecer sobre algũ artigo de que me lembre possa melhorar a negociação pendente, lembro-vos, que o pagamento da divida publica, he impossivel fazer-se sem grave prejuizo dos credores a não ser por um orçamento approximado, pois a maior parte das dividas não estão verificadas e só destas se pode dar relação aos credores.

O artigo 9.^o revalida as causas civeis, carece de melhor redacção, considerando nellas aquellas em que se não se observassem as leis vigentes; no mesmo deve comprehender-se os actos officiaes dos tabeliães e escriptvães republicanos.

Os prisioneiros republicanos que estejam fóra do Paiz devem ser reconduzidos á custa do Governo Imperial, inclusive os que estejam com praça no Exercito e armada, aos quaes se deve dar baixa immediatamente; deste beneficio devem gosar os que tenham no paiz praça no Exercito Imperial.

Segundo as bases que apresentaes, julgo que com as emendas que apresento, attingiremos o nosso fim.

Terminarei, dizendo-vos que tenho motivos para acreditar que se não deve perder um instante na ultimação de tão transcendente negocio, pois qualquer eventualidade pode transtornar, o que faria grande mal ao Paiz.

Não vos esqueça contemplar o artigo que mencionei em meu officio de 22, sem o que ficaremos sujeitos a indemnisar as propriedades dos Imperiaes dispendidas com a revolução, especie de que se não trata nas condições accordadas.

Deus vos Guarde. — Jaguarão-Chico, 26 de Fevereiro de 1845.

Ao Cidadão General David Canabarro.

Bento Gonçalves da Silva.

Concessões obtidas

1.º — O individuo que for indicado pelos republicanos para presidente da provincia e approved pelo Governo Imperial, passará logo a presidir a Provincia.

2.º — A divida Nacional é paga pelo Governo Imperial, devendo apresentar-se ao Barão a relação dos credores, para elle entregar, á pessoa ou pessoas para isso nomeadas, a importância a que montar a divida.

3.º — Os officiaes da Republica que pelo commandante em Chefe forem indicados, passarão a servir no Exercito do Brasil nos mesmos postos, e os que quizerem sua demissão ou não quizerem pertencer ao referido Exercito, não serão jamais obrigados a servir, tanto em Guarda Nacional como em primeira linha.

4.º — São livres e como taes reconhecidos os captivos que servirão na Revolução.

5.º — As causas civeis não tendo nullidades escandalosas, são validas, bem como todas as licenças e dispensas ecclesiasticas.

6.º — E' garantida a segurança individual e de propriedade em toda a sua plenitude.

7.º — Tendo o Barão de organizar um corpo de linha, receberá toda a officialidade para elle dos republicanos, sempre que assim voluntariamente o queiram.

8.º — Nossos prisioneiros de guerra serão logo soltos e aquelles que estão fóra da Provincia serão reconduzidos a ella.

9.º — Não são reconhecidos em suas patentes os nossos generaes, porem gozarão das immunidades dos demais cidadãos designados.

10.º — O Governo Imperial vae tratar definitivamente da linha divisionaria com o Estado Oriental.

11.º — Os soldados da Republica, pelos respectivos commandantes relacionados ficam isentos do recrutamento de primeira linha e da Guarda Nacional.

12.º — Os officiaes e soldados que pertenceram ao Exercito Imperial e se apresentaram ao nosso serviço, são plenamente garantidos como os demais republicanos.

Campo, 25 de fevereiro de 1845.

Antonio Vicente da Fontoura.

Amigo e Snr. Canabarro.

Sant'Anna do Livramento, 15 de Janeiro de 1845.

Hoje cheguei a este ponto certo de que marcharia a encontrar-vos porem a noticia de que tinheis já tornado para a retaguarda do inimigo pelo Estado Oriental, e a inteira falta de cavallos que tenho, fez que tomasse o expediente de mandar com esta o Zeferino, em companhia do Tenente Imperial Lemos e eu fico aqui esperando a vossa contestação, ou encontrar-vos caso seja verdade vossa marcha pela a Oriental. O Barão devia ficar a 13 em Bagé e em contestação ao que de vossa parte lhe expuz, diz que podeis marchar para os Moraes conservando-vos por alli, Cunchas, etc. emquanto se tratar dos assumptos da paz. Elle Barão se conservará pelo Pirahy, quando muito até o Alonço e pelo mesmo Lemos vae ordem ao Bento Manoel para que se conserve por Alexandre Ribeiro não avançando mais que até este lugar; isto porem deve ser breve porisso excuso diser-vos que não deveis demorar-vos muito porque alem de que, assim exige o Barão, tão bem a razão aconselha, que negocios semelhantes não devem demorar-se afim de que não sejam pela intriga destruidos. O Barão afirma que não avançarão forças delles dos logares já citados mas previne que as nossas que estão fóra e tem de reunir-se que devem faze-lo com toda a cautela pois que poderão ser batidas em seu transito em consequencia do referido, para abreviar eu officiei ao Presidente Jardim e Ministro Lucas para que viessem a Ponche Verde onde vos encontrariam e ás demais forças para deliberarem definitivamente sobre a conclusão da paz; creio que alli estarão breve, e por isso é preciso que tão bem officieis ao General Bento Gonçalves chamando-o, cujos officios devem vir pelo portador e podeis mandar uma portaria para o Tenente J.^o Marianno ir leval-o acompanhando o dito Lemos até Bagé. Si não vierdes de prompto, o que não é de esperar, me avisareis para reunir-me.

Sou vosso fiel amigo

Fontoura.

Ill.^{mo} Snr. David Canabarro. Ouvi as proposições que me forão feitas pelo Snr. Antonio Vicente da Fontoura por parte dos Chefes que com V. S.^a se achão reunidos e a elles disse o que me parecia mais conveniente fazer-se para se levar a effeito a pacificação da Provincia sem mais efusão de sangue

Brasileiro. Tenho ilimitada confiança na boa fé com que V. S.^a costuma tratar de negocios semelhantes e porisso nutro esperanças de ver em breve terminada a guerra civil que a mais de nove annos desola esta bella Póvincia.

Att.^o V.^{or} e Gr.^o

Barão de Carias.

Quartel General no Quebracho, 12 de Janeiro de 1845.

Ill.^{mo} Snr. David Canabarro.

Recebi sua carta de 10 do corrente em a qual me faz saber o occorrido com o Capitão Demetrio na sua volta do Destino do Alegrete. Estou bem certo de que o Snr. Canabarro não approvou o procedimento do Snr. Carvalho mas si por um lado foi para mim esse acontecimento desagradavel, por outro o estimei por ficar esse Snr. da maneira franca e leal com que tenho procedido em todos os negocios tendentes á pacificação da Póvincia.

Respeito ás noticias que me pede da missão de Ismael Soares, só vi o que consta das cartas inclusas que recebi pelo conducto de José Mariano ás quaes não respondi por não saber a direcção que seguirão as pessoas que mas dirigirão. Estou resolvido a me negar á conferencia que me pede em hũa dellas, por isso que já ha hũa pessoa autorisada pela maioria dos Chefes do partido para comigo se entender a tal respeito.

Seu camarada e Amigo

Barão de Carias.

Bagé, 12 de fevereiro de 1845.

Ill.^{mo} Snr. David Canabarro.

Cheio de prazer li a carta que V. S.^a me fez favor de escrever com data de 26 do corrente que foi portador o Coronel Manoel Marques de Souza, o qual me fez saber não só as razões que V. S.^a teve para fazer a exigencia contida na sua carta de 24 como a boa disposição em que estava, assim como toda a Força de seu mando para levar a effeito a conclusão da desastrosa guerra que a mais de nove annos nos flagella. Devo

confessar-lhe que nunca hesitei em o suppor bem disposto a terminar tão desagradavel questão que a nada mais nos podia conduzir que a total desgraça do nosso paiz. Ao Snr. Antonio Vicente da Fontoura mostrei não só o Decreto Imperial que garante quanto tenho promettido, como as instrucções que o acompanharão, e espero que elle de tudo o scientifique, dando-lhe as razões que tenho para o não enviar desde já. Ao mesmo Sr. Fontoura disse o que convinha pôr já em pratica por sua parte, afim de facilitar as medidas que me são indispensaveis tomar para garantia e consolidação da paz da Provincia.

Creio poder afirmar-lhe que hũa só vez não terão os Rio Grandenses de se arrepender da confiança que mostram depositar no Governo Imperial e na minha Administração. Parecendo-me por minha parte que meus actos como homem publico, tanto nesta Provincia como nas outras em que tenho servido são mais que sufficientes para garantir os que tenha de praticar no futuro.

Sou com a maior estima
Camarada e Amigo
Barão de Caxias.

Quartel General em Santa Maria na Estancia de Al.^o
Simões, 27 de fevereiro de 1845.

Secretaria da Guerra e interinamente encarregada do expediente do Goveno em Ponche Verde, 28 de fevereiro de 1845.

Cidadão General Commandante em Chefe do Exercito.

De ordem do Governo se vos envia a copia do officio de 25 do corrente dirigido por esta Repartição ao Ex.^{mo} Snr. Barão de Caxias para ficar archivado na Secretaria do Exercito, assim tambem se vos remette para ter a devida publicidade a fr.^e do mesmo Ex.^o á Proclamação junta, esperado que vós e os mais officiaes e tropas se mostrem sempre grandes e virtuosos. He descendo do poder a que os suffragios de tão distincto povo me elevarão, só levo o pesar de não haver podido fazer sua completa ventura; mas levo a consciencia tranquilla, e penhorado vou de hum reconhecimento eterno.

Deus vos guarde como he mister ao bem geral.

Manoel Lucas de Oliveira.

Ao Cidadão General David Canabarro.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr. Presidente e General Barão de Caxias.

Quanto mais grande he o feito que o homem da epoca consegue consumir, tanto maior he a gloria que d'elle com justo titulo adquire. Digne-se pois V. Ex. consentir que ligado a esta maxima me lisongie manifestar-lhe em nome do Governo a quem está actualmente confiada a direcção dos negocios publicos, nesta parte da America, que no dia de hoje se realisou debaixo de felises auspicios o acto mais essencial que conduz á pacificação da Republica Rio Grandense, esse Estado nascente que vae deixar de existir, não por falta de elementos para sustentar-se, mas devido em grande parte á politica consiliadora que V. Ex.^a ha empregado, e ao razoavel motivo de que seus cidadãos sempre zelosos de sua liberdade e ventura, tendo de optar entre a liga de hũa Nação estrangeira com hũ governo vicioso e a Monarchia Constitucional representativa do Brasil, preferem unanimes abraçar o mais solido garante dos direitos civis e politicos e se vão de facto enlaçar no seio da mãe patria, confiados nessa influencia benefica e irrevogaveis concessões de seu Governo. Só falta Ex.^{mo} Snr. para a decisão definitiva do transcendente objecto que V. Ex. se digne transmittir as authenticas concessões do Governo Imperial para serem publicas: logo depois, se desprenderá o Governo com expontanea satisfação desses poderes que a Revolução conferio-lhe na direcção dos publicos negocios, tendo o prazer de annunciar ao Ex.^{mo} e dizer ao povo: — Somos Brasileiros — o Ser supremo assim o dispoem, as circumstancias o exigem, conformae-vos para serdes felizes — Sempre he hũ caso raras vezes representado na scena publica e que cobrirá de gloria ao nobre author! Aproveito esta occasião para assegurar a V. Ex. do respeito e alta estima de que he credor.

Deus felicite e guarde a V. Ex. como he mister ao bem geral do Barsil.

Secretaria dos Negocios da Guerra e interinamente encarregada do expediente do Goveno em Ponche Verde, 25 de fevereiro de 1845.

Manoel Lucas d'Oliveira.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr.

Envio a V. Ex. as proclamações de Manoel Lucas de Oliveira e minha, com data de hoje, por ella conhecerá V. Ex. que estamos despedidos dos empregos, que havia conferido o poder que dirigia a Revolução.

Deus guarde a V. Ex.

Ponche Verde, 28 de Fevereiro de 1845.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr. Barão de Caxias, Presidente e General Commandante em Chefe do Exercito.

David Canabarro.

Proclamações

Briosos Concidadãos e amigos! Encarregado, como sabeis, do veneravel ancião o Presidente do Estado, para em seu logar assistir o consumatum da paz, de que tanto carecieis, para curar honrosas cicatrizes, prevenir os desastres de longa e penosa luta e preparar hû melhor porvir, eu faltaria de certo ao mais sagrado dever se vos não transmittisse hoje com effusão de coração os cordeaes parabens pela decisão final de tão importante assumpto, onde salvais as garantias que em vez de deslustrar-vos, vos glorificação. Sim Compatriotas! tendo feito em dous lustres tudo quanto homens podião fazer, haveis mantido com hûa constancia heroica essa guerra de principios da mais eterna justiça contra o poder collossal do Imperio do Brasil, por infeliz estrellla divididos de hûa parte bem aproveitavel de irmãos Rio Grandenses, e essa luta que assolou o paiz e o devasta de dia em dia, vós ainda podieis sustentar com invencivel valor si não fosse mister retroceder com tempo e com honra ao terrivel aspecto de hû perigo maior. Attentai para a nuvem carregada e medonha que a tempo troveja para o lado occidental deste emisferio e que despedirá raios sobre nossas cabeças se nos não apressurarmos a conjural-a, conhecendo que quicá soffreremos primeiro que nenhû outro povo. O Imperio do Brasil por hû rasgo de sua filantropia nos vai hoje reunir ao gremio da grande familia de que todos descendemos, acto nobre e magnanimo a que acudimos unanimes, pelo bem que delle resulta ao interesse geral. Concidadãos em tudo quanto tem havido de grande e glorioso nesta parte do Continente Americano a quasi 10 annos completos, vós partilhaes

o maior contingente. He mister pois não desmerecer jamais do louvavel conceito, agora e depois de ultimado o accordo em que o Governo com vossos Chefes, com todos vós laborarão reunidos e uniformes para salvar ilesos tantos e tão enormes sacrificios. Resta lembrar-vos, Rio Grandenses! que cumpre desviar deste momento em deante quanto seja capaz de eclipsar tanta gloria, quanto possa desvirtuar vossos feitos, baixar-vos de ambição, enfim quanto possa obstar que vossos nomes illustres voem a seculos remotos com aquelle esplendor de que por tantos titulos, por tantas provas sois dignos. Dizei commigo — somos outra vez Brasileiros — seremos sempre idolatras da liberdade Constitucional.

Campo em Ponche Verde, 28 de Fevereiro de 1845.

Manoel Lucas d'Oliveira.

Concidadãos! Competentemente authorisado pelo Magistrado civil a quem obedecemos e na qualidade de Com.^{de} em Chefe contando com a unanime vontade de todos os officiaes da força de meu Commando, vos declaro que a guerra civil que a mais de nove annos devasta este bello paiz está acabada. A cadeia de successo porque passam todas as revoluções tem transviado o fim politico a que nos dirigiamos, e hoje a continuação de huma guerra tal seria o ultimatum da destruição e do aniquilamento de nossa terra. Hum poder extranho ameaça a integridade do Imperio e tão estolida ouzadia jamais deixaria de echoar em nossos corações brasileiros. O Rio Grande não será theatro de suas iniquidades, nós partilharemos a gloria de sacrificar os resentimentos creados no furor dos partidos, ao bem geral do Brasil.

Concidadãos! Ao desprender-me do grão que me havia confiado o poder que dirigia a guerra, digo a revolução, cumpre assegurar-vos que podeis volver tranquilllos ao seio das vossas familias. Vossa segurança individual e de propriedade está garantida pela palavra sagrada do Monarcha, e o apreço de vossas virtudes confiado ao seu magnanimo coração. União, fraternidade, respeito ás Leis e eterna gratidão ao inclito Presidente da Provincia, o Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr. Barão de Caxias, pelos afanosos esforços, que ha feito na pacificação da Provincia.

Campo em Ponche Verde, 28 de Fevereiro de 1845.

David Canabarro.

Ill.^{mo} Snr.

Em consequencia do que me foi por V. S. communicado em data de 28 de Fevereiro p. p., tenho o prazer de enviar-lhe a proclamação junta, que julguei conveniente dirigir aos Rio Grandenses afim de que V. S.^a a faça ler ás tropas do seu Commando.

Deus guarde a V. S.

Quartel General da Presidencia e do Commando em Chefe do Exercito no Campo de Alexandre Simões, Costa de Santa Maria, o 1.^o de Março de 1845.

Barão de Caxias.

Ill.^{mo} Snr. David Canabarro.

Proclamação

Rio Grandenses! He sem duvida para mim de inesplícavel prazer o ter de annunciar-vos que a guerra civil que por mais de nove annos devastou esta bella Provincia, está terminada.

Os irmãos contra quem combatiamos, estão hoje congratulados com nosco, e já obedecem ao legitimo governo do Imperio Brasileiro. Sua Magestade o Imperador, ordenou por Decreto de 18 de Dezembro de 1844 o esquecimento do passado e mui positivamente recommenda no mesmo decreto que taes brasileiros não sejam judicialmente nem por outra qualquer maneira inquietados, pelos actos que tenham sido praticados durante o tempo da revolução. Esta magnanima deliberação do Monarca Brasileiro hade ser religiosamente cumprida. Eu o prometto sob minha palavra de honra. Hũa só vontade nos una Rio Grandenses, maldição eterna a quem recordar-se das nossas dissensões. União e tranquillidade seja de hoje em diante nossa divisa. Viva a Religião. Viva o Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Brasil. Viva a Integridade do Imperio.

Quartel General da Presidencia e do Commando em Chefe do Exercito na Costa do Santa Maria, Campo de Alexandre Simões, o 1.^o de Março de 1845.

Barão de Caxias.

Cidadão General. Junto vos envio o resultado da apuração dos Cidadãos votados para Presidente da Provincia do Rio Grande do Sul.

Deus vos Guarde por muitos annos.

Campo na Lagoa das Conxas, o 1.º de Março de 1845.

Ao Cid.^m General David Canabarro.

Felicissimo José Miz.

A Commissão nomeada para reer. as listas dos Cidadãos brasileiros votados para Presidente da Provincia do Rio Grande do Sul, cumprindo com o seu dever e fazendo a apuração dos votos contidos nas mesmas, acharão os Ex.^{mos} Snrs. Barão de Caxias quatorze votos, Antonio Carlos Ribeiro Machado de Andrade e Silva onze votos e Manoel Antonio Galvão dous votos.

Campo na Lagoa das Conxas, o 1.º de Março de 1845.

*Felicissimo José Miz, Presidente da Meza.
Fructuoso Borges da Fontoura, Secretario.
Jacinto Antunes Pinto, Escrutador.*

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr. — Os homens a quem commandava, ao retirarem-se para suas casas me conjurarão a que em seus nomes e por intermedio de V. Ex. impetre do Governo Imperial a graça de continuar V. Ex. na Presidencia da Provincia e Commando em Chefe do Exercito o que levo ao conhecimento de V. Ex. para que se digne dar a conveniente direcção.

Deus Guarde a V. Ex.

Ponche Verde, 2 de Março de 1845.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr. Barão de Caxias General, Presidente e Commandante em Chefe.

David Canabarro.

Ill.^{mo} Snr. Foi para mim muito satisfactoria a leitura de seu officio de 2 de março ultimo em que me faz ver a vont.^e que eu continue na Presidencia da Provincia e do Commando em Chefe do Exercito. Levarei ao conhecimento de sua Magestade o Imperador o dito officio para que o mesmo Augusto Senhor tome na consideração que lhe parecer.

Deus Guarde a V. S.

Quartel General da Presidencia e do Commando em Chefe do Exercito em Bagé, 4 de março de 1845.

Barão de Caxias.

Ao Snr. David Canabarro.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr. A. G. N. do centro, como já está sciente V. Ex., amanhã principio a dispersala não podendo todavia fazer o mesmo as praças de linha que não sendo da classe dos libertos e não tendo quasi no geral hũ domicilio certo, me parece mais conveniente que aqui reunidos esperem receber as cautelas que tem V. Ex.^a de enviar-nos, cuja brevidade espero da providencia de V. Ex.

V. Ex. se servirá esclarecer-me se o municio para esta força continua a fazer-se da mesma forma que até hoje bem como se dignará indicar-me o ponto em que com ella, ei-de conservar-me visto que só no Vaccacua, ou Pamorotim se encontrão sufficientes aguadas. Previno a V. Ex. que Boaventura Soares com hũ esquadrão da Guarda Nacional de Missões, está em Correntes, onde foi a serviço e que por isso se faz necessario que ainda mesmo depois de dispersada toda a força, não fique esta na falta das cautellas que a mais se dá, hũa vez que opportunamente eu remetta a V. Ex. a devida Relação.

Deus Guarde a V. Ex.

Campo em Ponche Verde, 2 de Março de 1845.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr. Barão de Caxias General, Presidente e Commandante em Chefe.

David Canabarro.

Ill.^{mo} Snr. Accusando recebido seu officio de 2 do corrente, tenho a dizer a V. S. quanto a primeira parte, que pode conservar-se reunido, pela Costa de Santa Maria até o Passo de D. Pedrito, aos homens que servirão na primeira linha, até receberem as cautellas. Quanto aos fornecimentos de municio a essa gente, V. S. enviará os recibos que passar, para serem pagos pela Repartição do Commissariado do Exercito a contar do primeiro do corrente em diante, devendo esses documentos serem authenticados com a sua assignatura. Pelo que respeita a Boaventura Soares que se acha em Correntes com hũa força, nenhũa duvida terei em mandar passar cautellas tão depressa que me seja enviada a relação nominal dos homens que a compoem. Deus Guarde a V. S.

Quartel General em Bagé, 4 de Março de 1845.

Barão de Caxias.

Snr. David Canabarro.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr. P.^r Israel Antunes da Porciuncula faço acompanhar até a presença de V. Ex. noventa libertos, com seus armamentos para terem o destino por V. Ex. indicado.

Deus Guarde a V. Ex.

Ponche Verde, 2 de Março de 1845.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr. Barão de Caxias General, Presidente e Commandante em Chefe.

David Canabarro.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr.

Envio a V. Ex. a relação nominal dos homens a quem com-mandei afim de que elles tenham as cautellas para livremente transitarem. Dos relacionados não existentes, assim livres como libertos, Antonio Vicente da Fontoura dará a V. Ex.^a os esclarecimentos necessarios.

Deus Guarde a V. Ex.

Ponche Verde, 2 de Março de 1845.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr. Barão de Caxias General, Presidente e Commandante em Chefe.

David Canabarro.

Ill.^{mo} Snr. Com o officio que V. S. me dirigio em 2 de março ultimo r.^{ce} a Rel.^m dos homens a quem devo mandar cauteillas para livremente se recolherem as suas casas, breve as enviarei a V. S. para terem o conveniente destino visto não ser agora possível remettel-as por as ter mandado imprimir em São Gabel.

Deus Guarde a V. S.

Quartel General em Bagé, 4 de Março de 1845.

Barão de Caxias.

Snr. David Canabarro.

Ill.^{mo} Snr. — S. Ex. o Snr. Barão de Caxias, General, Presidente e Commandante em Chefe do Exercito ordenou-me quando marchou deste Campo para Bagé, que abrisse os officios que viessem para elle, o que fiz com o que V. S.^a lhe dirigiu em data de 2 do corrente a que respondo, que fico de posse dos Libertos que lhe remetteo.

Deus Guarde a V. S.

Santa Maria, 4 de Março de 1845.

José Frz. Santos Pereira,

Brigadeiro Graduado, Commandante da segunda Divisão.

Ill.^{mo} Snr. David Canabarro.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr David Canabarro.

S. Ex. o Snr. Presidente da Provincia retirou-se para Bagé deixando-me encarregado do Commando desta Força e de receber os officios que viessem de V. Ex. ex o motivo porque respondo o de V. Ex. de 2 do corrente. Congratulando-me com V. Ex. e com todos os Brasileiros pelos dias felizes de paz que todos vamos gozar, sem nos lembrarmos jamais do passado, me offereço a V. Ex. e a todos os nossos antigos e modernos amigos, sendo de V. Ex.

Atto. Vor. e Affto.

José Frz. dos Santos Pereira. — 4 de Março.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr.

Cumpre-me levar ao conhecimento de V. Ex. que forão nomeados Manoel José Pereira, Fidelis Nepomuceno de Carvalho Prates, Antonio Vicente da Fontoura e Antonio Caetano Pereira para comporem a Commissão encarregada de liquidar e pagar a divida publica. A ella V. Ex. se servirá mandar entregar a quantia para o dito pagamento segundo a relação que ella apresentar.

Deus Guarde a V. Ex.

Quartel General na Carolina, 28 de fevereiro de 1845.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr. Barão de Caxias General, Presidente e Commandante em Chefe.

David Canabarro.

A Bento Gonçalves.

Pelas proclamações do Cidadão Manoel Lucas d'Oliveira em.^a com data de hontem vereis que estamos desonerados dos empregos que pela revolução occupavamos por ellas e pela Proclamação datada de hoje do General Presidente e Commandante em Chefe o Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr. Barão de Caxias, que está terminada a guerra civil, portanto vos ordeno terminantemente que lidas tanto q. esta receberdes as Proclamações que menciono, immediatamente dispersareis a força a vosso mando, os Guardas Nacionais hirão para seus Districtos, os Libertos que forão das fileiras da Revolução seguirão acompanhados até onde determinar o Ex.^{mo} Snr. Presidente e os primeira linha não libertos e sem domicilio se conservarão acantonados, em logar que determinar o Commandante Militar do Departamento, isto porem emquanto não forem as cautellas que enviará Antonio Vicente da Fontoura, encarregado de as receber. Supponho estarem promptas as relações nominaes de officiaes e praças de pret com declaração dos que querem ou não continuarem o serviço militar com especificação dos Libertos etc.; mas não estando, as mandareis apromptar no espaço de duas horas contadas depois da leitura das Proclamações e mas remetterá directamente para seguirem seu destino.

Deus vos Guarde.

Ponche Verde, o 1.^o de março de 1845.

Ao Cidadão Bento Gonçalves da Silva.

David Canabarro.

Sendo necessario a bem da humanidade desvalida conhecer se nominalmente as viúvas dos homens que fallecerão na guerra e em serviço da revolução, assim como daquelles que se achem inutilisados por aleijão ou enfermidade adquirida no mesmo serviço, ordeno que pelos Corpos da Divisão a vosso mando sejam-me remettidas as relações nominaes de taes pessoas, especificando o dia e acção em que morrerão seus maridos, quantos filhos ficarão, se remediadas de bens ou pobres; e dos inutilisados, em que occasiões forão inutilisados e seu estado de bens etc. Estas relações serão quanto antes remettidas fazendo-se no acampamento por aquelles que se lembrarem das que ha em hũ Districto ou em qualquer outro, tanto das viúvas como dos homens inuteis pelo serviço da revolução, depois que me remetterem, mandarão a Manoel José Pereira, de São Gabriel relação dos que se lembrarem, porem não excedendo o prazo de trinta dias depois de sua chegada.

Deus vos Guarde. Ponche Verde, 2 de março de 1845.

David Canabarro.

Ao Cidadão Antonio Netto e igual ao Cidadão João Antonio da Silveira.

Cidadão General em Chefe do Exercito. Secretaria da Guerra e interina da Fazenda em Ponche Verde, 16 de Fevereiro de 1845. Para vosso conhecimento se vos enviaão a sello volante os Avisos para suspensão dos direitos de Exportação e Importação no Districto de Ponche Verde e nas mais repartições fiscaes affectas ao Exercito, havendo-se hontem expedido no mesmo sentido para as mais Collectorias; a estas depois de haver intelligenciado, vos dignareis dar o conveniente destino. He o que de ordem do Governo se vos communica nesta occasião.

Manoel Lucas de Oliveira.

Ao Cidadão General David Canabarro.

Secretaria da Guerra e interina da Fazenda em Ponche Verde, 27 de Fevereiro de 1845. Cidadão General em Chefe. Foi entregue nessa Repartição vosso officio de hoje em que exigis esclarecimentos sobre os preços dos gados vaccuns e cavallares que tem vindo para o Exercito de vosso mando; em resposta, de ordem do Governo se vos declara que os novillos

devem ser considerados nos recibos a 4\$000 — vaccas a 3\$200 — touros a 3\$000 — cavallos a 8\$000 e potros a 4\$000, entendendo-se moeda prata pelo valor do cunho. Cumpre tambem que nomeeis hũa commissão idonea para tomar contas á Repartição affecta ao Quartel Mestre General e designareis hũ lugar onde todos os artigos existentes nella se conservem em resguardo até se lhes dar destino.

Deus vos Guarde como he mister ao bem publico.

Manoel Lucas d'Oliveira.

Ao Cidadão General David Canabarro.

Secretaria da Guerra e interina da Fazenda em Ponche Verde, 26 de Fevereiro de 1845. Cidadão General Commandante em Chefe do Exercito. De ordem do Governo se vos remette para vossa intelligencia e execução a sello vol.^o o Aviso desta data em que se nomeia para sua inteiresa e probidade ao Cidadão Coronel Silvano José Monteiro de Az.^o Paula para a liquidação das contas em geral e caso este Cidadão integro por algum incidente inopinado deixe de encarregar-se de tão alta missão, vós mesmo nomeareis logo outro official com a mesma inteireza e credito e lhe passareis as ordens dando parte a esta Repartição para evitar que padeça o publico serviço enfim na parte que vos está subordinado. O Governo conta sereis assiduo em prestar neste arranjo toda a cooperação.

Deus vos Guarde como he mister ao bem da Patria.

Manoel Lucas d'Oliveira.

Cidadão General David Canabarro.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr.

Commissionado pelo Ex.^{mo} Governo da Republica para relacionar as dividas activas e passivas da mesma Republica he indispensavel que V. S. se digne assim fazer sentir ao Exercito, afim de convenientemente levar a effeito o desejado fim.

Deus Guarde a V. Ex.

Campo na Lagoa das Conxas, 27 de Fevereiro de 1845.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr. David Canabarro General e Commandante em Chefe do Exercito.

Silvano José Monteiro de Az.^o e Paula,
Coronel Graduado em Commissão.

São Gabriel, 12 de Março de 1845.

Amigo e Snr. Canabarro. Vão as portarias para os officiaes isentando do serviço de Linha e da Guarda Nacional e as dos soldados, as quaes citão o Decreto porque nas instrucções he que pelo mesmo Decreto he o Barão authorisado a passar as ditas Portarias e por ellas, como faz ver o Barão em seu officio ficão os que forão nossos soldados isentos do recrutamento: que não sirva de aresto não hir na mesma Portaria, a explicação pois era desnecessaria hũa vez que como digo se citou o Decreto por um officio affirma, e porque sempre que elles gozem dessa garantia he quanto basta. Estou tratando do mais, e ancioso por sua vinda. Si não forem todas as Portarias por algum engano he devido á pressa com que quero fazer seguir o proprio para tiral-o do encommendo de estar aturando a tantos. Vou ver as que faltão e estarão promptas nestes dous dias as do corpo da Cruz Alta, Caxoeira, e Caçapava hoje remetto a seus ex-commandados. Amanhã pelo Querubim lhe remetterei sua encommenda.

Sou muito obrigado e amigo

Fontoura.

Ill^{mo} Snr. Nesta occasião remetto a V. S. as escusas para as praças de pret que servirão na primeira linha e igualmente as cautellas para os que servirão como officiaes, podendo V. S.^a certificar as praças de pret tanto da primeira como da Guarda Nacional que serão isentas do serviço dos Corpos de Linha do Exercito. Deus Guarde a V. S.

Quartel General em São Gabriel, 12 de março de 1845.

Barão de Caxias.

Ill.^{mo} Snr. David Canabarro.

Fim do que se achava no Quaderno escripto por Manoel Fernandes ex Secretario de Canabarro.

MANIFESTO

DO PRESIDENTE

DA REPUBLICA RIO-GRANDENSE

EM NOME DE SEUS CONSTITUINTES



*(Edição publicada pelos estudantes rio-grandenses republicanos
da Faculdade de Direito de S. Paulo.)*

A PROVINCIA DO RIO GRANDE DO SUL

Iniciando a serie de trabalhos com a qual pretendemos prestar homenagem á nossa terra natal, dedicamos-lhe hoje a presente edição do manifesto de 29 de Agosto de 1838, no qual o presidente Bento Gonçalves explicava ás nações do globo as causas que moveram a provincia a proclamar-se independente do imperio da Brasil, conservando, porém, a primitiva amisade ás provincias irmãs e aceitando a confederação das mesmas, quando, adoptada a mesma fórma de governo, se tornassem compatíveis com a nova ordem politica e social.

A geração actual deve conhecer melhor este manifesto, que faz honra ao tão adulterado passado da terra rio-grandense. Publicando, divulgando este antigo documento, sentimos, além da satisfação dum acto espontaneo de justiça, a do cumprimento dum dever honroso: em primeiro logar, porque contribuiremos para fazer desvanecerem-se indignas imputações com que se tem pretendido nodoar a nossa brilhante historia; depois, porque sendo a revolução operada pela quasi unanimidade da provincia, tendo sahido espontaneamente da sua indole e aspirações, da sua natureza intima, nós — filhos seus — nos cobriríamos do mesmo baldão com que a quizessemos manchar; finalmente, porque, dadas as necessarias differenças entre aquella e a nossa epocha, justificâmos, acceitâmos, glorificâmos o pensamento politico dos revolucionarios de 1835. Trabalhámos tambem pelas condições indispensaveis ao bem da patria, e essas condições só nos parecem legitimas no seio da ordem democratica.

Somos republicanos. Não pelas nossas individualidades, mas pelo proprio patriotismo, temos necessidade de fazer

francamente, perante os nossos patricios, esta declaração. Como republicanos convictos, sem exaltações imprudentes, tolerantes para com os individuos, intolerantes no terreno das ideas, reivindicâmos o glorioso passado que muitos caluniam e que outros, mais ingratos ainda, repudiam envergonhados. Havemos de alevantal-o, havemos de rehabilital-o.

Diante do geral descalabro, da geral deslealdade e traição que continuamente envergonham a democracia brasileira, somos obrigados a definir em termos precisos a nossa modesta posição. Arvorâmos para nós, como principio de moralidade politica, — que: a ninguém é licito abandonar crenças mais adiantadas por mais atrasadas, e reputâmos mais adiantada, nas actuaes circumstancias do Brasil, a crença republicana. Não nos queremos proclamar possuidores infalliveis da verdade, nem affirmar que um dia não possamos reconhecer o nosso erro, si em erro estamos; o nosso principio baseia-se em que a observação e a experiencia nos tem ensinado que por toda parte a maioria, para não dizer — a unanimidade dos que abandonam crenças adiantadas por atrasadas, — procedem movidos por despreziveis interesses pessoaes. Assim o principio fica de pé, e ás consequencias delle nos sujeitaremos em todas as circumstancias da vida, preferindo, quando porventura as actuaes convicções se abalarem, o isolamento honrado á deserção, em regra, vergonhosa e sempre nociva á moralidade.

Perdoe-nos a gloriosa provincia do Rio Grande estas explicações pessoaes, que nos são dolorosamente arrancadas pelo triste espectaculo com o qual a fraqueza dos homens tem tentado desmoralisar as ideas. Aceite ella esta primeira prova do nosso grande amor e aguarde o modesto, o debil esforço da nossa dedicação pela sua grandeza e prosperidade.

S. Paulo, 29 de agosto de 1881.

João J. Abandonca
Julio de Castilhos
Eduardo Fernandes Lima
Leirio da Costa

Adolpho Luiz Góris.

Aguiar Brasil.

Homero Baptista

Victorino Carmine Monteiro

João F. Machado da Silveira

Neodolmo Fagundes Filho.

Leito Pinto Barbosa

Alfredo Cunha.

Ernesto Alves.

Ant. Mercadiz

Alvaro Chaves

Estevão de Oliveira Junior.

Leão Ribeiro

J. M. G. Chagas

Henrique Martins Chaves.

Argemir & Galvão
 Alcides Lima.
 Oscar Paranhos Pederneras.
 Joaquim Martini.
 Angelo Pinheiro.
 Enefes Galvão.
 Francisco Leonardo Falcão Jr.
 Antonio St. Borges Albedeiros.
 Severo P. d' Oliveira
 José de Barros Cassal
 Geruano Haslocher
 Erius da Costa
 João Jacintho de Mendonça